ANNO XXIX
NUM. 1.453

O MALHO

Preço para todo o Brasil 1$000

Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1930

CONFRATERNISAÇÃO...

(Causou pasmo a soltura dos bandidos de Montes Claros, ordenada pelo Supremo Tribunal Federal.)

— Que vem a ser aquillo?
— E' a democracia...

As dores de cabeça

desapparecem em poucos minutos com dois comprimidos de

Cafiaspirina

Este excellente preparado BAYER allivia as dores e prepara o caminho para um estado de saude normal.

A CAFIASPIRINA pode ser tomada com inteira confiança, porque, além do seu effeito curativo,

É ABSOLUTAMENTE INOFFENSIVA.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

O Malho

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor Chefe: OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Director - Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignatura — Brasil: I anno, 48$000; 6 mezes, 25$000; — Estrangeiro: 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA, como toda remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio Telephones: Gerencia: 3-0635. Escriptorio: 3-0634. Directoria: 3-0636. Officinas: 3-6247.

Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó, 27, 8° andar, salas 86 e 87.

A "ESCRAVIDÃO BRANCA" NO BRASIL

(Por *Leão Padilha*)

Toda gente tem ouvido falar em *caftismo*, processo de lenocinio, expulsão de estrangeiros por crime de exploração de mulheres, mas poucos são capazes de traçar os limites exactos da escravidão branca no Brasil e no mundo. Tem-se, della, uma vaga idéa, concebida através de romances e fitas de cinema, mas é como de uma cousa distante, como um facto que se passasse na Algeria, na Turquia, em Hong-Kong ou Shangai.

Só de longe em longe, a explosão sangrenta de uma tragedia, deixa perceber o horror desse pantano podre que adormece sob a capa da civilização.

Ninguem leva a sério quando se diz que os *caftens* constituem uma formidavel organização social, menos de resistencia á policia do que de vigilancia e fiscalização em torno das suas victimas. O *caften* não costuma resistir á policia, nem lança mão do suborno, como, por exemplo, o contrabandista de bebidas na America do Norte. A acção da sociedade manifesta-se, principalmente, numa inquebrantavel solidariedade entre todos os *caftens* que se auxiliam, mutuamente, no infame commercio, já facilitando os meios de transporte, documentos e passaportes falsos, como estendendo um circulo de ameaça e de terror em torno das escravas. E' pelo terror que elles impõem a sua vontade e impedem a delação.

UM VERDADEIRO COMMERCIO

O trafico de brancas é um verdadeiro commercio. Compram-se, vendem-se, trocam-se mulheres, como se fossem mercadorias. Exportam-se consignam-se a Fulano e a Sicrano e exploram-se como se fossem machinas, trabalhando á hora, para aquelles que as adquiram.

Em Paris, que se fez a capital desse baixo mundo de lama e podridão, ha escriptorios organizados, exclusivamente, para attender ás necessidades do tenebroso commercio. Esses escriptorios encarregam-se de collocar a *mercadoria*, de arranjar os passaportes, mantendo estreita ligação entre os prostibulos da America e os *centros fornecedores* da Europa, pondo em contacto os compradores com os vendedores, prestando todas as informações e todos os serviços relativos ao negocio. Isso parece cousa de romance, mas é pura verdade, e não ha autoridade policial que o ignore.

Ha os *rufiões*, que se encarregam de conquistar, de *adquirir* a mulher, recrutando as victimas em toda parte: nas aldeias, entre as mocinhas ingenuas, ou nos prostibulos, entre as raparigas sentimentaes. Depois, vendem-nas a outros *caftens*, que as exploram ou revendem. Outros, mais commodistas ou menos capazes, casam-se, uma ou mais vezes e exploram as esposas ou as filhas.

O CIRCULO DE FERRO

E por que se sujeitam as mulheres a este regimen de escravidão, quando as leis de todos os paizes as cercam de garantias? Porque a malta as persegue por todos os lados. A preoccupação principal do *caften* é inspirar terror á escrava, o que consegue, facilmente, com a sua brutalidade natural. Mostra-lhe os companheiros. Narra-lhe as façanhas delle e dos outros: um que degollou a escrava que procurou, na fuga, a liberdade; outro, que deformou, com um talho de navalha a amante que se apaixonou por alguem; outro que assassinou a mulher que denunciou um dos da sociedade.

Demais, ahi estão o terror e a resignação das companheiras. E as marcas das garras, do chicote, do punhal, do vitriolo. Ella sente e convence-se de que a associação de *souteneurs* é um circulo de ferro que a estrangulará, fatalmente, se ella tentar rompel-o — algo assim, como a fatalidade, uma força poderosa e desconhecida contra a qual não ha nada que a possa proteger: nem a sociedade, nem a lei, nem a policia, nem nada. Ella viu a companheira de desdita que, um dia, amanheceu morta, com o corpo crivado de facadas, vibradas por mão desconhecida. Ella viu a amiga que foi ferida a navalha, pelo amante, e não o denunciou. Como não acostumar-se á idéa de que ella é a escrava e elle o senhor que dispõe da sua vida e do seu dinheiro, para o qual ella trabalhará, até o ultimo dia do seu martyrio e da sua vergonha?

O "CAFTISMO" NO BRASIL

O Brasil é um dos grandes mercados da escravatura branca. Não tão grande como a Argentina e o Uruguay. Mas tem a sua notoriedade. As mulheres desembarcam, quasi diariamente, embora seja rigorosa a prohibição. Não importa: desembarcam com passaportes falsos onde estão inscriptas como artistas de *music-hall*, costureiras, representantes de firmas estrangeiras. Aqui já as espera o senhor, quando não vem na sua companhia, como sua legitima esposa ou *partenaire* de qualquer cousa. E toca a trabalhar para elle. O *souteneur* tem, apenas, uma preoccupação: provar que não é vagabundo, que têm uma profissão qualquer. A policia desconfia, tem, ás vezes, a certeza de que elle é *caften*. Mas como proval-o? A mulher não confessa. E elle apresenta provas de que vive do seu trabalho. No maximo, a policia conseguirá provar que elle é o amante *du coeur* da sua victima. Como é que elles fazem prova de que têm profissão? Têm amigos. Têm socios. Têm as associações de classe. Ha pouco, a policia processou por lenocinio um *caften* conhecido e confesso. Pois bem, durante o processo, as autoridades receberam dezenas de cartas de conterraneos desse homem, abonando a sua conducta e assegurando que elle era seu empregado, vendedor ambulante. Quasi todos podem apresentar provas e mais provas de que são empregados. E alguns levam a sua previdencia ao ponto de trabalharem mesmo, pelo menos nos tempos em que se intensificam as campanhas policiaes contra o torpe commercio.

O problema social da "escravidão branca" preoccupa, seriamente, o periodismo argentino. A situação daquelle paiz como grande mercado mundial de mulheres, inspirou a um caricaturista portenho esta allegoria de tão doloroso sentido.

ESCRIPTORIO DE "CAFTISMO" NO BRASIL

Não ha muito tempo, a policia varejou a Associação Beneficente Funeraria Israelita. Prendeu os directores e identificou-os: todos *caftens* conhecidos e procurados pelas autoridades brasileiras ou argentinas ou uruguayas. Investigou mais e se convenceu que essa Associação era, apenas, um dos escriptorios commerciaes para o trafico de brancas. Por seu intermedio, os *souteneurs* adquiriam mulheres na Europa Era uma especie de filial dos congeneres da Europa, encarregando-se, aqui, não só da venda, como do desembarque e entrega da mercadoria. Ademais, sob o disfarce de sociedade beneficente funeraria, associava as pobres mulheres exploradas, mantendo, por esse meio, activa e immediata vigilancia, entre ellas. Naturalmente, não é essa a unica associação desse genero, no Brasil.

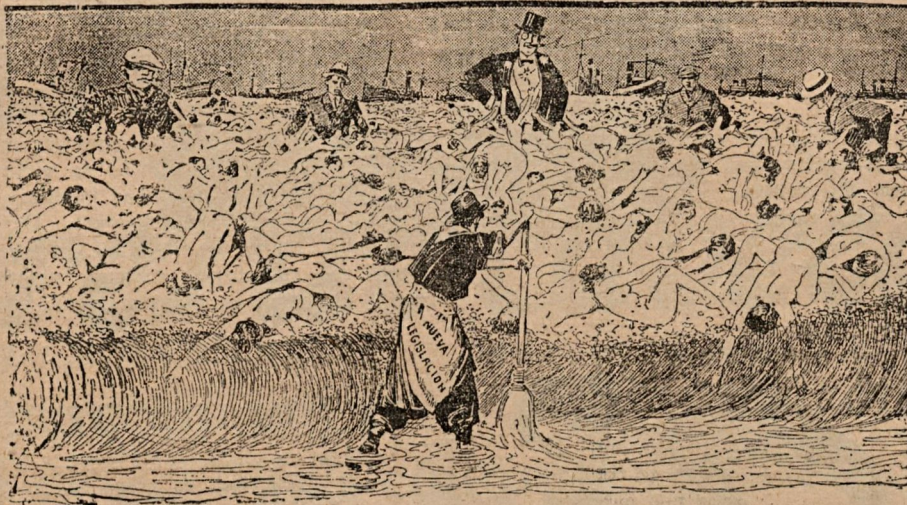
OS ASPECTOS TRAGICOS DO DRAMA SOCIAL

Pensar que, em nosso seculo, ha milhões de mulheres, nascidas sob o sol de liberdade do seculo vinte, que pertencem a pessoas como se fossem machinas ou animaes de carga. Pensar que, aqui mesmo, sob os nossos olhos, ha milhares de creaturas que se debatem entre os grilhões dessa escravidão mais vergonhosa e abominavel do que todas as outras. Pensar que não ha força social capaz de arrancal-as das garras dos milhafres, e que ellas trabalharão, durante toda a vida, na mais infame de todas as actividades, para sustentar o seu proprietario e senhor, para serem abandonadas, ao fim da vida, como uma machina velha que não serve mais e que se atira fóra. E' absurdo e chega a ser inconcebivel. Mas esse ainda não é o aspecto mais dramatico desse tremendo problema social.

O peor são as tragedias que se desenrolam nos prostibulos. Dessas tragedias, só os assassinios vêm a publico — esses mesmos abafados nos seus aspectos mais repugnantes. Não ha muito, o Rio teve conhecimento do assassinio de uma decahida, Stella Stiwick. Amanheceu morta, coberta de facadas. Nunca se descobriu o criminoso. As mulheres que conviviam com ella, na mesma casa, não ouviram o barulho da luta desesperada que a victima travou com o seu matador. Nem os seus gritos de soccorro. Nem os seus gemidos. O corpo della tinha mais de uma duzia de facadas. O quarto estava revolto por uma luta encarniçada.

Nos quartos vizinhos, separados por tabiques, nenhuma das mulheres ouviu ruido algum.

As escravas brancas não ouvem, nem vêem cousa alguma. Porque a que tivesse ouvido, teria, certamente, o mesmo destino tragico de Stella, que, não havia muito, denunciára o seu explorador...

Como esse, ha milhares de crimes que se commettem em todos os prostibulos do mundo, sem que a policia possa fazer cousa alguma porque esbarra deante de formidavel barreira opposta ás investigações pelo terror que os *caftens* espalham entre as suas escravas.

Os dirigentes francezes gozam de longa vida

A Republica Franceza, parece possuir alguma cousa de tonificante em sua administração, pois todos os seus dirigentes morrem muito velhos, salvo aquelles que desapparecem violentamente.

Clemenceau morreu com a idade de 88 annos, sendo seguido, pouco depois, pelo ex-Presidente da Republica Loubet, que contava 91 annos.

Gozam ainda de plena saúde os ex-Presidentes da Republica Armando Falliéres, Alexandre Millerande Poincaré, aquelle com 88, o segundo com 70 e o ultimo com 69 annos de idade.

Tres ex-Presidentes da Republica, constituem, na França, um record notavel.

O mais perfeito organismo dos alludidos dirigentes pertence indiscutivelmente á Poincaré. S. Ex. presidiu a Franca durante toda a guerra sustentou a luta com a maior bravura e, quando já se retirava para a vida particular, afim de descançar, foi obrigado a voltar á politica, para então, como Primeiro Ministro, restaurar as finanças do Paiz.

Até a sua recente enfermidade, Poincaré andava com tal presteza, que era difficil acompanhal-o.

Dava a impressão de que estava sempre com receio de perder tempo.

Viajava inclinado para a frente, em seu automovel, em attitude de quem vae saltar. Escrevia á machina com grande rapidez e desde o momento em que se levantava até ao que se recolhia executava um programma mathematicamente traçado.

Pratica muita gymnastica sueca e não fuma.

O rasgo mais caracterisco da carreira de Loubet foi a maneira por que terminou a sua carreira politica. Concluindo o seu periodo presidencial, foi Loubet instado para que se deixasse reeleger, ao que elle recusou, com a vehemencia de um Clemenceau:

"Não serei Presidente, nem senador, nem deputado nem siquer vereador municipal. Nada, nada, absolutamente nada!"

Desde que deixou o Governo até á sua morte, Loubet viveu em sua granja, perto de Lieutelimar.

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que ellas.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre efeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* **Gesteira**

O Melhor tratamento é usar *Regulador* **Gesteira.**

Sim! Sim!

Regulador **Gesteira** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

M O D A S . . .

I — Robe-manteau em dsersalasha côr de ameixa, abotoado na frente e com pequenos babados na barra da saia, pequena capa e mangas. Gola e forro em crêpe beige. II — Costume em seda estampada preta com pintinhas brancas. Gola, cinto drapeado e punhos pretos. Blusa branca com pintinhas brancas.

Os grandes costureiros parisienses—tudo o que tem o sello de Paris é "chic", e elegante — os grandes costureiros parisienses, ia eu dizendo, lançam uma combinação muito pratica: diversos boleros de fórmas e tecidos differentes para uma mesma "toilette" de noite, que será sempre de côr lisa. Os boleros poderão ter as mangas curtas ou longas, variando assim o aspecto do vestido.

Nos dois modelos que offereço, têm as minhas gentis leitoras no da esquerda, um simples e gracioso vestido de georgette rosa com bolero de lamé. No da direita, vestido de crêpe da China ou crêpe marrocain azul com recortes e cinto de fivela de pedras. O bolero, de mangas compridas é, em renda, barrado de georgette do mesmo tom azul.

MARYSE

◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈ ◈

I — Ensemble em shantung verde. Saia com dois grupos de pregas. A gola da jaqueta fórma laço. Sweater em tricot verde claro e verde escuro. II — Manteau de tweed marron e beige, ligeiramente ajustado na cintura e guarnecido de recortes formando bolsos. Pequena capa amovivel. III — Manteau de tweed amarello, cinza e preto. Gola e punhos pretos, cinto do mesmo tecido e bolsos abotoados. IV — Ensemble em tecido marinho pontilhado de azul lavanda. Saia com pala irregular e babado plissado. Cinto com fivela de metal. Pequena capa em fórma, gola gravata.

I — Tweed quadriculado encarnado e azul. O corpinho e a pala da saia com tiras horizontaes encrustadas passando por uma fivela. Saia em fórma. II — Setim preto com salpicos brancos. Pala da blusa cruzando e abotoando na frente. Saia com panneau em fórma dos lados e presos por uma tira abotoada. III — Crêpe da China verde Véronese com jabot de crêpe branco. Tira encrustada na frente, babado em fórma. IV — Crêpe vermelho. Decote quadrado sobre peitilho branco. E' guarnecido de tiras encrustadas enquadrando o avental em fórma, na frente.

I — Jersey de lã amarella para a blusa, que fórma a pala da saia, em tweed amarello, cinza e preto. Grupos de pregas dão amplitude á saia. II — Drapella negra com recortes simulando bolero, tiras marcando a cintura e ajustando sobre os quadris.

Para o nosso inverno, que mais parece primavera, os lindos modelos da figura acima hão de, certamente, agradar á leitora. O primeiro delles é em crêpe estampado azul e branco com camiseta branca. O segundo é em tussor azul pallido, o vestido, e azul marinho a jaqueta. Finalmente, o terceiro, em crêpella vermelho vivo.

A maioria dos paes não tem para com os seus filhos, o espirito de previdencia dos jardineiros para com os seus arbustos.

A creança é como uma pequena planta. Durante os primeiros annos de vida ella precisa ser tratada constantemente. Entre as molestias que mais contribuem para a mortalidade infantil acham-se as dos PULMÕES e as dos BRONCHIOS. Estes orgãos, na creança, requerem o maior cuidado. Não esperem que o surto da TOSSE e dos RESFRIADOS os enfraqueça, mas tratem de fortalecel-os com uma cura periodica e preventiva de

XAROPE "ROCHE" AO THIOCOL

o verdadeiro REGENERADOR dos PULMÕES e dos BRONCHIOS.

PRODUCTOS F. HOFFMANN-LA ROCHE & CIE. - PARIS

UNICOS CONCESSIONARIOS: HUGO MOLINARI & CO. LTD. - RIO E SÃO PAULO

CULTURAS, HORTAS E QUINTAES

(Continuação do numero anterior)

DIVERSAS OBSERVAÇÕES

Num quintal ou numa pequena horta, quando se plantam os legumes para o proprio consumo caseiro, póde-se aproveitar melhor o terreno á disposição, plantando certas culturas com metade da distancia indicada (alface, couve-rabano, etc.); arrancam-se quando os legumes attingirem tamanho médio um sim outro não, dando assim ás plantas restantes o espaço sufficiente para o seu completo desenvolvimento. Desta fórma tem-se uma colheita temporã de legumes muito tenros.

Em outras culturas, onde esta pratica não é viavel, aproveita-se o largo espaço de que ellas necessitam durante o primeiro periodo vegetativo ou o logar que ellas deixam devido a seu porte alto, para a plantação de outros legumes de desenvolvimento mais rapido ou tambem de porte mais baixo, plantando, respectivamente, semeando, por exemplo, nas bordas dos canteiros de ervilhas, entre os tomateiros, etc.: couve-rabano, alface, rabano, nabos e rabanetes. O mesmo tem applicações para as diversas variedades de repolhos, pepinos, melões, etc. As plantas de cheiro(salsa, cebolinha, cerefolho, etc.), das quaes se necessitam pequenas quantidades, plantam-se ás bordas dos canteiros.

Nenhum canteiro deve ficar vazio por muito tempo, mas sim tanto quanto possivel, logo após a colheita, ser immediatamente aproveitado para outra cultura.

A semeadura da alface se effectua em pequenos intervallos de 15 dias, podendo assim colher-se sem interrupção; a mesma norma tem valia para o branqueamento.

Nos feijões e nas ervilhas póde-se proceder á amontôa, obtendo assim pequenos sulcos entre as linhas, nos quaes se despeja cuidadosamente a agua, sem ralo.

Onde é difficil obter estacas para a cultura de feijão, ervilha, pepino de trepar, etc., pódem-se substituir as mesmas por arame galvanizado forte que se corta em pedaços correspondentes e que é de longa durabilidade.

Todos os residuos (ossos, cinzas, hervas damninhas, trapos, papel, etc.) collocam-se num monte em num logar sombrio, conservando-os bem compactos e humidos, afim de se obter a decomposição de tudo isto rapidamente e conseguindo-se assim um bom estrume.

Um sólo compacto capina-se frequentemente, afim de facilitar a penetração do ar; nos solos leves passa-se, de tempos a tempos, um ancinho estreito entre as linhas.

Nunca se economize no adubo para a horta, visto como as plantas se desenvolvem com muito mais viço tanto quando se planta logo na distancia definitiva, como tambem quando se planta a meia distancia, ou como cultura intercalada.

Tambem os caminhos estreitos entre os canteiros deverão ser adubados, e, onde ha arvores, até os caminhos largos, considerando que a raiz dessas arvores se estendem por debaixo desses caminhos.

Dispense-se a necessaria observação á horta, afim de se poderem tomar as medidas de precaução quando se manifestam insectos nocivos ou molestias.

Os insectos debellam-se da melhor fórma em uma horta, colhendo-os das plantas; aquelles que se escondem no sólo são facilmente encontrados, de manhã cedo, pelos monticulos de terra solta, que se vêem sobre a entrada do esconderijo; os pequenos pulgões que apparecem geralmente em grandes quantidades, combatem-se, espalhando cal, flor de enxofre ou por meio de rega, com uma infusão de absintho (uma demão de absintho em 70 litros d'agua fervente) ou caldo de fumo (1 kilo de fumo em 90 litros dagua) ou ainda arrastando uma taboinha untada com uma massa pegajosa, como por exemplo, alcatrão e na qual se dispõe de pequenas varas para fazer saltar os mesmos.

Os tomateiros são tratados opportunamente com calda bordaleza, afim de prevenir o apparecimento da phytophtora.

Para combate continuo das pragas e molestias podem-se recommendar como meios mais modernos e efficazes os seguintes productos chimicos.

"USPULUN"

Que é um remedio efficaz para o tratamento das sementes dos cereaes, contra a carie do trigo (Tilletia Tritici), o morrão de centeio (Urocistis oculta), o morrão da cevada (Ustilago Hordei), o morrão da aveia (Ustilago Avenae), á Phona betae (doença do collo da beterraba), o morrão do milho (Ustilago maydis), a antrachnose do feijão (Colletotrichum Lindemuthianum), a antrachnose das ervilhas (Ascochyta Pisi) e outras.

Emprega-se o "Uspulun" por processo liquido ou banho demorado, immergindo as sementes numa solução de 0,25 % de "Uspulun", ou sejam 250 grammas de "Uspulun" em 100 litros de agua.

Por este tratamento exterminam-se os germens nocivos e activa-se o crescimento das plantas, ficando, desta fórma, garantido um augmento seguro da colheita.

"TILLANTIN R"

Um outro especifico, muito efficaz e que possue as mesmas altas qualidades como o acima mencionado, é o "Tillantin R", com a differença apenas que este applica-se em secco ou em pó.

Misturam-se apenas as sementes num tambor com "Tillantin", agita-se o tambor por alguns minutos, para que as sementes fiquem envolvidas numa cuticula, que as protege contra os parasitas e que estimula a germinação.

Precisa-se para sementes de hortaliças de mais ou menos 3 até 5 grammas de "Tillantin R" por kilogramma de sementes, e para cereaes de 100 até 200 grms. por cada 50 kilos de cereaes.

"SOLBAR"

Este remedio emprega-se numa solução de 3 % contra os effeitos do "mildiu", nas videiras e arvores fructiferas.

E' o substituto mais efficaz e mais barato da calda bordaleza.

Em todos os casos em que antigamente se usava a dita calda, deve o agricultor moderno preferir o "Solbar".

"NOSPRASEN"

E' recommendado, officialmente, para combater o inimigo principal da viniculture a "Peronospora", que ás vezes destróe a colheita inteira.

Achando-se as videiras ameaçadas por este mal, applica-se o "Nosprasen" numa solução de 1 até 1 ½ kg. por 50 litros de agua, com cuja solução se borrifam as plantas atacadas.

"HOLFIDAL"

Serve para desinfectar as terras cultivadas, para combater as pulgas da terra. Protege as plantas tenras contra a hernia e contra os fungos nocivos.

Empregam-se, mais ou menos, 50 grs. por metro quadrado por meio de um pulverizador, peneira ou saquinho de gaze.

VERSOS COLLABORAÇÃO

A MISS BRASIL

Miss Brasil, excelsa soberana,
De tantas bellas, ideaes rainhas!
Ouve, agora que do alto te avizinhas
A minha rude voz que não engana:

E's bella, moça, tens as régias linhas
Duma perfeita Deusa-Americana!
Ao teu passo gentil verás ufana
Delirios mil das multidões mesquinhas;

Terás applausos, beijos, risos, flores,
Uma louca legião de adoradores,
Como em teus alvos sonhos nunca viste!

Porém no fim de tantas alegrias,
Verás que o summo bem sómente existe
Na doce paz dos teus antigos dias...

ALVARO TORRES DA SILVA

PARTIDA

A Nair Pacheco

Quando eu partir, não quero um só lamento,
Um só suspiro de saudade e amor!
Quem parte, vae buscando o desalento,
Que sempre inflamma um coração em flor!

Ha em toda parte, o pranto, o soffrimento,
Para o mancebo e perennal cantor!
E não fulgura em pleno firmamento,
A estrella Promettida do Senhor!

Eu sei que pouco dura o acerbo pranto
Que as mulheres derramam, na partida,
Do seu primeiro amor que deixa um canto!

Quando eu partir, não sejas tão fingida!...
Não lamentes por Deus! não chores tanto!
— Quero que fiques deste amor descrida!...

JOÃO DAMIÃO ROCHA

A VIDA

A vida é sonho ephemero de poeta,
Cantigas ao luar de trovador...
Uma phase agitada, ás vezes quieta,
Para o coração aberto "ao mal do amor".

A vida é tudo a vida é nada. E' flor
Pura e viçosa cujo espinho infecta
A carne do que a toca. E' a vida horror,
Delicia, tempo máo, quadra dilecta.

Exquisito mysterio, fatuo fogo,
Grande ou curta, porém louca corrida,
Por vezes não, por vezes cansa logo.

Um labyrintho, mal a gente o entende...
De liames, tramas mil entretecida.
Vida! Quem, na verdade, te comprehende?!

ARAUJO SOBRINHO

MAGUAS

Tarde invernosa. As andorinhas piando,
Perpassam alegres pelo espaço em fóra.
Eu as contemplo da janella, olhando
O nevoeiro densissimo nesta hora.

Minh'alma toda vae perambulando
Pelo castello da Saudade, e chora
Triste dorida, tremula, lembrando
O nome angelical de Eleonora.

Quanta illusão nesta lembrança vinda!
Quanta saudade, sim, neste momento!
Quantos desejos pela tarde finda!...

E os meus olhos seguindo as andorinhas,
Vão me trazendo a paz do esquecimento,
Um allivio fugaz ás dores minhas!

PEDRO VIANNA

(Moreno, Parahyba do Norte)

SONETO

Ao amigo Romulo Mazelli

Vou caminhando pela estrada afóra
Desta existencia ingloria, triste, dura,
Tendo por companheiras de aventura
A magua, e uma dôr que me devora!

Chorando a perda da illusão mais pura
Que em minh'alma floriu até agora,
Não vejo nunca, nesta noite escura,
o prenuncio festivo de uma aurora!

E esta magua e esta dôr vão triturando:
A magua — esta minh'alma attribulada,
A dôr — meu coração que está sangrando...

Ah! tivesse eu morrido em tenros annos
Sem conhecer, da vida desalmada,
A magua e a dôr, a dôr e os desenganos!...

(São Paulo) JOÃO MIRPÔ

DERDE QUANDO?

"— Bastarde, nhô Ferdirico!
— Bastarde, nhá Eineiz! O que
são esses dois mininico
que eu tô vendo cum mecê?

— O que é que elles hão de sê?!...
São meus fio. O Gê e o Lico.
O mais grandote, esse é o Gê.
O Lico é o mais piquitico.

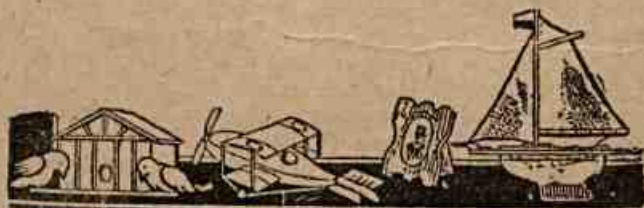
— Púis, mecê merece um premio!
Deu p'r'os dois a merma cara...
— E' que os tarzinho são gemeo

— Quar!... Mecê tá me bobiando!
São gemeo, mermo?
— Mais, ara!...
São gemeo, sim.
— Derde quando?"

FONTOURA COSTA

(São Paulo)

OS PREMIOS D'"O TICO-TICO"

O Tico-Tico, a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distribue aos leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Esses livros constituem collecções completas, de 9 a 12 volumes cada uma, das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella, a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo. "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac. Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'*O Tico-Tico*, demonstrando, desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito, aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

Uma Historia

Menotti del Picchia

— ATÉ hoje fiquei muda e todos estranharam meu silencio.

Ninguem soube explicar o meu primeiro desvario, mas como o senhor foi tão bom e como sei que vou morrer, quero contar-lhe a minha historia.

Faça o favor: suspenda mais um pouco aquelle "store". Quero ver o céo. Assim... Obrigada. Que manhã bonita! Eu nunca imaginei que, com um céo assim, tão azul, tão alegre, eu, tão moça — faço até pena, não doutor? — estivese esperando a morte, depois de uma tragedia tão horrivel.

Os sinos! Oh! por favor, abra um pouquinho a janella. Lembram-me os sinos de S. Bento... Deixe-me escutar um instante, doutor, depois eu conto tudo.

Dlon! Dlon! Dlin! Que lindo! Quantas vezes, ouvindo-os, não pensei no meu casamento, com um noivo que eu escolhesse e amasse, por uma tarde clara, toda envolvida num véo branco! Sabe, doutor, que eu já me vesti de noiva quando creança? Pois vesti-me. Tomei o véo da minha primeira communhão, enfeitei o cabello com uns botões de flor de laranjeira e olhei-me no espelho. Estava linda! Não é vaidade, não! Quem vae morrer não tem vaidade. Era tão suave sonhar com a felicidade... Quando a gente está como eu, condemnada, a felicidade parece mais bella por que mais impossivel... Mas que é isso? Ora, o senhor!... Tem uma lagrima nos olhos... Por que? O doutor, disseram-me, é um homem insensivel, viu tantos cadaveres fez tantsa operações sem ter nunca um tremor na mão calma. Tem pena de mim? Não faça assim... Não faça, senão eu choro tambem e depois não conto a minha historia.

Minha historia é triste. Ninguem a póde explicar. Eu mesmo não a sei explicar. Ha tanta cousa que a gente fez tantas operaç es sem ter nunca um até admirada do que fez. Capricho? Tolice? Fatalidade? Não sei. Eu acredito que todos nós temos uma sina. Para o senhor, que é um homem muito intelligente, talvez seja uma bobagem o que estou dizendo. O senhor sabe tantas cousas... Mas deve acreditar na predestinação, porque o senhor mesmo não póde explicar certos acontecimentos, que se consumam com a intervenção da nossa vontade e sem que a gente possa dominar nossa vontade...

O senhor tem paciencia para escutar toda a minha historia? Tem? Então escute:

Quando sahi do Collegio de Sião, tinha dezoito annos. Todos diziam que eu era muito bonita e Soror Angelica, uma freira muito boa muito minha amiga, passou rezando toda a noite deante do altar de Nossa Senhora da Apparecida, pela minha felicidade. Uma rajada de vento entrou no oratorio, quando ella rezava, e Soror Angelica poz-se a chorar, nervosa. Quando me abraçou, na hora da despedida, tinha uma tristeza profunda na voz cheia de soluços que eu fiquei impressionada. Ella advinhára — porque era uma santa — a tragedia que me ia acontecer.

O senhor não conhece minha familia. Aqui na cidade e no hospital ninguem conhece minha familia. Meu pae é o senador Laurentino Fraga, industrial muito rico, que possue aquellas fabricas de tecido que têm o meu nome. Conhece? A fabrica "Maria Celia". Eu me chamo Maria Celia. E' bonito meu nome, não, doutor?

Pois eu tinha só dezoito annos quando sahi do collegio. Todas as collegas me invejavam, porque eu era bonita, era rica e todos os rapazes, nos bailes, queriam dansar sempre commigo.

Quando completei vinte annos, papae quiz que eu me casasse com um collega do doutor, o professor Mario Sergio, medico moço, com grande fama, cathedratico da Faculdade. Agora vem um ponto da minha historia que eu não sei explicar: Mario era intimo de casa. Conheciamo-nos desde creanças. Pertencia a uma familia tradicional de Campinas, rico, bello rapaz, muito bom e muito intelligente. Creio que elle me amou desde que eu entrei para o Collegio. Sempre. Escrevia-me cartas muito amigas, durante as férias visitava-me todos os dias, iamos juntos ao tennis, aos bailes e todo o mundo nos julgava noivos. Pois bem: eu nunca, nunca na minha vida, gostei delle. Isto é, gostava delle como um irmão, como um bom camarada, mas nunca o amei.

Quando me pediu em casamento, papae procurou-me, contente, certo de que eu receberia entre festas a novidade. Recusei. Papae, espantado, pediu explicações. Não tinha nada a explicar: não queria. Papae insistiu. Mamãe alliou-se aos seus rogos: não cedi. Ameaçaram-me. Não cedi.

Começou, então, em casa, uma guerra lenta, diuturna, silenciosa, calculada. Resisti. Eu mesma, doutor, fazia um esforço sobre mim para obedecer papae. Procurava as razões intimas da minha attitude, examinava, mentalmente, as qualidades do rapaz e só achava motivos para admiral-o. Mas não queria casar com elle. Não queria.

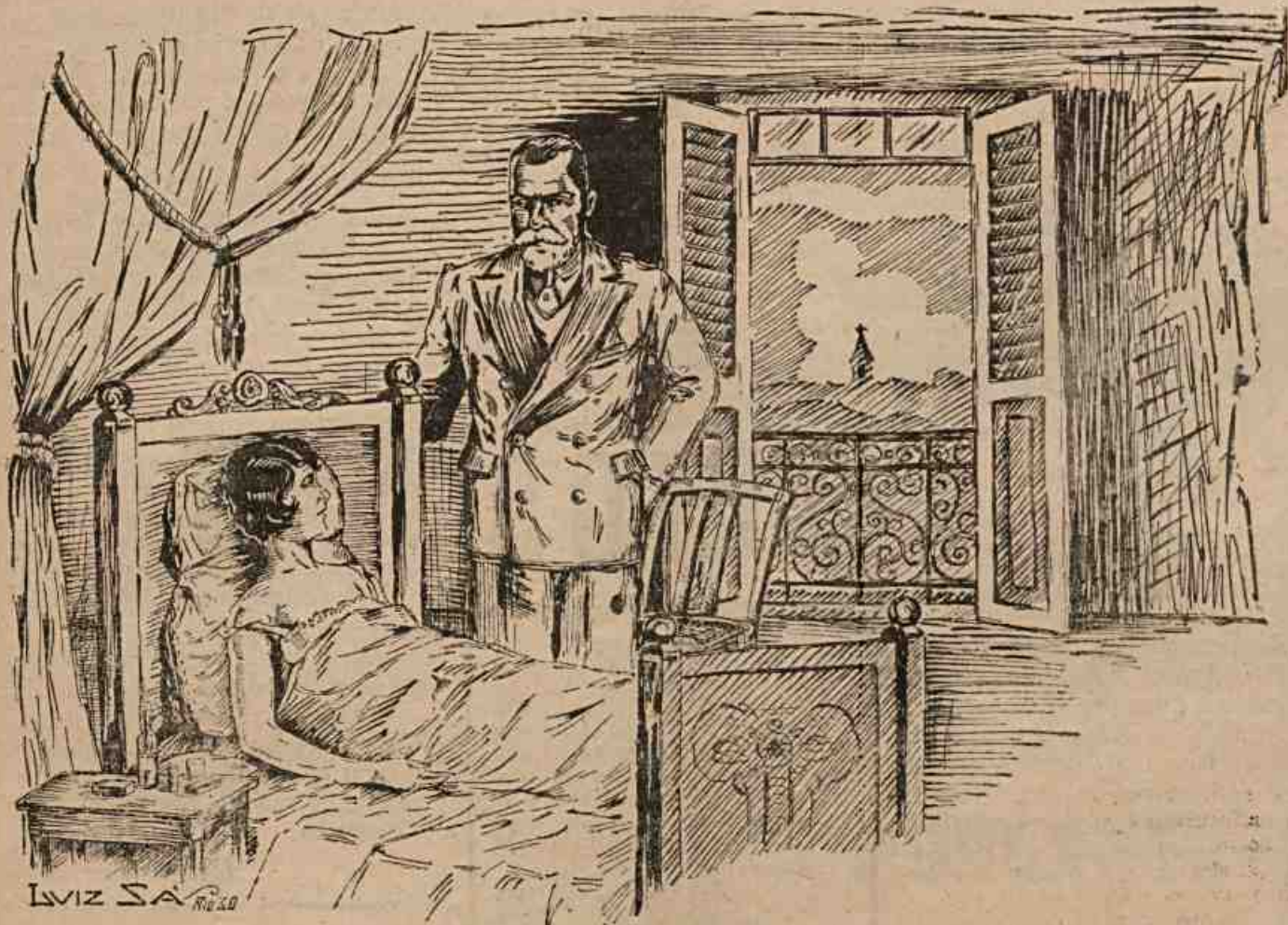
Certa tarde chamei-o no jardim da "villa" e lhe falei com franqueza: não estava ainda resolvida a me casar; era muito moça, muito sem juizo... Elle não me quiz ouvir: pediu, supplicou, exigiu, por fim, chorando, num desespero que fazia pena, disse-me que sentia não poder viver sem mim, que se mataria, que faria loucuras... Eu tinha vontade de chorar e, no intimo do coração, desejava a felicidade delle, como desejaria a minha. Mas não pude ceder; era um sacrificio acima das minhas forças.

Pela manhã do outro dia, papae entrou no meu quarto com uma physionomia transtornada e rispida. Disse-me que soubera de tudo pelo Dr. Mario, que eu era uma moça sem juizo e que a elle, mais velho e mais experiente, e não a mim, uma doidivanas, competia deliberar. E rematou: "Pois fique sabendo que a senhora é a noiva do Dr. Mario Sergio. Eu lhe dei minha palavra e não voltarei atraz".

Passei esse dia encerrada em meu quarto, chorando. Não quiz almoçar. A' tarde mamãe veiu, blandiciosa, cheia de conselhos. Tive, então, uma crise violenta, perdi os sentdos e foi o proprio Dr. Mario Sergio quem tratou de mim.

O noivado estava officialmente annunciado. Todas as secções elegantes dos jornaes registaram o acontecimento mundano. Nos circulos das nossas relações não se falava de outra cousa. Eu recebia flores, visitas, felicitações. Mas eu soffria... soffria...

Mario era para mim de uma bondade e de uma delicadeza commoventes. Eu, porém, não o amava. Não amava ninguem. E' essa, doutor, outra cousa que não sei explicar. Meu temperamento sempre foi reservado e frio; sempre fui differente das outras moças e as collegas, no Collegio, conhecendo meu modo de ser, chamavam-me, brincando, de Sra. D. Indifferente.

Mario soffria. Eu percebia a formidavel tragedia sentimental que o pobre moço escondia nos seus silencios martyrizados, quando estava junto de mim. Eu, apiedada, tinha vontade de acaricial-o, dizer-lhe cousas ternas, como se faz a uma creatura que soffre. Mas não podia. Ficava muda, inerte, atravessada pela minha angustia, como Nossa Senhora das Dores pelas suas espadas. Cheguei, numa profunda crise de mysticismo que me assaltou, a

O doutor tem uma lagrima nos olhos...

pedir a Deus que me désse coração, ternura, sentimentalidade. No fim de uns mezes, porém, meu temperamento mudou. Eu emmagrecera e tinha olheiras como se estivesse doente. Tornei-me triste, irritavel, distrahida. Papae marcára já o dia do casamento. Faltava apenas um mez.

Comecei, então, a evitar meu noivo. Achava mil pretextos — enxaquecas, trabalhos, cartas a escrever, orações — para não vel-o. Elle, paciente, cada vez mais apaixonado, achava mil desculpas para os meus gestos, defendendo-me deante do papae que, irritado, irascivel, fazia scenas horriveis, chegando mesmo a ameaçar-me de me bater.

Oh! doutor, se o senhor pudesse calcular o que foi esse pedaço da minha vida... Isso, contado assim, não exprime a dôr acalcada nesses dias de angustia, as lagrimas das minhas insomnias, os desesperos impotentes, reprimidos que eu escondia aos olhos do mundo e não sabia em quem desabafar. Não tinha amigas. Não podia abrir-me no consolo das confidencias. As moças da minha roda tinham inveja e me odiavam. Mamãe — um sêr passivo e acovardado deante da energia tyrannica do meu pae — ajudava-o no seu assedio implacavel. Só desejava uma cousa: morrer...

Morrer... Mas, perdôe, doutor, creio que o senhor está achando ridicula minha historia. Que hei de fazer? Que aventuras exquistias póde ter uma moça da minha idade, com a minha educação, vivendo no meio em que eu vivia? Estou aborrecendo-o, doutor? Não? Desculpe. Tenha paciencia. Isto é uma especie de confissão... Allivia... Contando, assim, tenho a impressão de que abro a caixa do peito e desabafo toda a dôr atulhada ahi dentro, durante estes oitos mezes de soffrimentos infernaes! O senhor é tão bom... Depois eu morrerei quietinha, tranquilla, sem levar para lá todo o peso desta angustia, que não me irá perturbar a paz.

Chegára, emfim, o dia do meu casamento. Como eu disse, papae era muito rico, tinha relações na alta politica e na alta finança. A festa nupcial era, naturalmente, o grande acontecimento mundano da estação. Todas as pessoas mais representativas de São Paulo lá estavam, no palacio cheio de flores como uma enorme estufa tropical e ensolarada.

Vestiram-me as amigas. Meu vestido de noiva parecia um resplendor, de tão alvo e tão lindo. Junto do enorme espelho, as mãos fidalgas das minhas amigas borboleteavam em redor de mim como o tatalar de asas inquietas. Eu mesma, depois de prompta, achei-me linda. Tinha, porém, os olhos tão fundos, tão tristes, que cheguei a ter pena de mim. Um tremor nervoso agitava-me toda. O pensamento de vir a ser a mulher do Dr. Mario Sergio aterrorizava-me.

Deixaram-me uns instantes só. Eu ouvia, nas outras salas, o rumor de colmeia que faziam os convidados. Aquella zoada indistincta chegava-me aos ouvidos como deveria chegar, a um condemnado á morte, já no alto do patibulo, o marulhar da multidão accorrida para assistir ao seu degolamento.

Foi, então, doutor, que, numa resolução diabolica e fulminea, pensei em fugir. Onde iria? A quem pediria auxilio? Não raciocinei! Como uma doida, atirei longe o véo alvo, a corôa de flores de laranjeira, envolvi-me num "manteau" escuro, apanhado ao acaso e, sem chapéo, sem sequer arrumar os cabellos, sahi. Sahi pela porta do quarto de "toilette", alcancei a pequena sacada que dá para o pateo, junto da garagem e, segurando-me aos balaustres, de um salto, cahi no canteiro macio e gramado do pequeno jardim. O "manteau" rasgou-se, preso a um galho de roseira, mas eu não me feri.

Esgueirei-me, então, entre as aléas, e dirigi-me para o portão dos fundos.

(Continúa no proximo numero)

NAMOROS, BEIJOS E OUTRAS FRIVOLIDADES

I

Urbano retardou seus passos e aguçou o ouvido á escuta. Um chilredo sonoro de duas boccas que se comprimem, um duplo arquejo de peitos anhelantes, um minuto de silencio apenas interrompido pelo bater de dois corações, e finalmente alguns diminutivos termos balbuciados como que a medo, eis o que elle ouviu.

— Queridinho!

— Minha Dorazita!

Urbano, com mais alguns passos, chegou ao desvão de parede onde, protegido pela semi-obscuridade da rua, um venturoso casal fruia as delicias do amor.

Ao presentir sua approximação, os dois jovens trahiram-se; "elle" — fitou o intruso com desconfiança; "ella" — fitou-o como que a medo, e baixou a cabeça.

E Urbano passou, com a admiração invejosa dos que ainda não tiveram uma namorada.

II

Urbano olhou cautelosamente a rua, que se alongava a perder de vista nas trevas mal espancadas pelas lampadas mortiças.

E, ao ver que o ultimo transeunte já ia muito longe e não veria o que elle pretendia fazer, inclinou-se para a sua companheira e disse-lhe um segredo ao ouvido.

Ella assentiu com a cabeça e a penumbra daquelle desvão de parede occultou o rubor que lhe subiu ás faces.

Então elle, tremulo, inclinou-se mais ainda.

Um chilredo sonoro de duas boccas que se comprimem, etc. etc. etc. (ver o capitulo anterior).

Dez badaladas partiram da torre da Matriz; e uma estremeção abalou a moça.

— Meu amor, é hora de nos separarmos.

— Você vem amanhã, Dorazita?

— Sim, Urbano. Adeus!

E Urbano seguiu, levando nos labios o sorriso venturoso dos que têm uma namorada.

III

Urbano sentiu um odio insopitavel rugir em seu peito.

Da esquina da rua elle espreitava sua amada, que ha duas horas já, no portal da sua casa, entregava-se ao mais intimo colloquio com um "almofadinha" ridiculo, cujos meios de vida constituiam um problema insoluvel.

De subito, elle viu o seu rival inclinar-se para a moça, e dizer-lhe um segredo ao ouvido.

Um chilredo sonoro de duas boccas que se comprimem, etc. etc. etc. (ver o capitulo inicial).

Então Urbano não se conteve: caminhou para o portal disposto a matar a tiro, a punhal ou a tijoladas, o atrevido que invadia a seara cuja mésse de venturas só elle se julgava com direito de colher.

Mas já o "almofadinha" se puzera ao fresco, e elle, ao chegar ao portal, ali apenas encontrou a sua amada.

Uma discussão violenta, na qual os termos "fingida", "falsa" e "hypocrita" saltavam da bocca do rapaz e explodiam como petardos; uma discussão cuja victoria coube á moça, e onde o rapaz teve occasião de aprender que é inutil discutir com mulheres...

E Urbano separou-se, levando n'alma a lugubre agonia dos que ficaram sem namorada.

IV

Urbano retardou os seus passos, e poz-se á escuta.

Um chilredo sonoro de boccas que se comprimem, etc. etc. etc.

E Urbano passou, levando nos labios o sorriso ironico dos que já tiveram uma namorada.

Sorocaba.

Hylario Corrêa.

CAMPINAS E SEU MUNICIPIO, ATRAVÉS DE UMA ENTREVISTA DO SR. OROZIMBO MAIA

O Sr. Orozimbo Maia, prefeito de Campinas, cujos serviços á testa do importante municipio paulista têm sido proficuos, concedeu a um diario de Curityba uma entrevista na qual encontrámos dados bastante expressivos sobre o desenvolvimento da princeza do oeste e bem assim o prospero departamento municipal sob sua administração.

Trasladamos para as nossas columnas os seguintes topicos da citada entrevista, os quaes revelam o surto de progresso que agita a terra de Francisco Glycerio e Carlos Gomes.

— Quantos habitantes tem Campinas?

— 160.000 o municipio e 80.000 a cidade. A cidade tem 13.000 predios, 133 ruas e 16 praças. A média de construcção é de um predio por dia. Campinas foi elevada á categoria de cidade em 1842. Primitivamente era um ponto de pouso dos bandeirantes. A altitude da cidade é de 680 metros acima do nivel do mar. Tem illuminação electrica; tem bondes de tracção electrica, tem telephone, com apparelhos automaticos. O municipio é servido por 4 estradas de ferro, 5 rodovias estaduaes e 21 municipaes.

— E o ensino em Campinas?

— Contamos com 11 grupos escolares, 5 escolas reunidas, 76 isoladas, 12 municipaes, 52 particulares, 1 gymnasio estadual, 4 collegios com internato e curso gymnasial, 1 escola normal official e 3 escolas normaes livres, escola profissional, mixta, 2 escolas de commercio e 1 lyceu de artes e officios.

— Qual a renda do municipio?

— 5.500:000$000.

— Os productos principaes?

— Café, assucar, alcool, arroz, feijão, algodão e frutas. E' o municipio que mais produz seda no Estado. O commercio local comprehende 633 estabelecimentos diversos e a industria 52, entre fabricas e officinas, variando os respectvos capitaes de 50 a 6.000 contos de réis.

— E a imprensa campineira?

— "Diario do Povo", "Gazeta de Campinas" e "Correio Popular", são jornaes diarios; a "Tribuna", bi-semanal e "Associação Commercial de Campinas", mensal.

— Quantos bancos existem na praça?

— Sete bancos.

— E os monumentos da cidade?

— O monumento Carlos Gomes; guarda o corpo embalsamado do grande maestro campineiro; fica na Praça Bento Quirino. Os monumentos D. João Nery, Ruy Barbosa, Cesar Bianchi, Luiz de Camões, Thomaz Alves...

— A Prefeitura subvenciona instituições?

— Subvenciona 22 instituições com a importancia de 317:700$000.

P E L O   C O N S E L H O

Parece que os intendentes fizeram greve contra esta chronica.

E' talvez o effeito da convivencia com os dois communistas, Srs. Octavio Brandão e Minervino de Oliveira, que devem ser mestres em paredes.

Nada que apresente certa feição humoristica, nada dos moldes daquellas cousas que aqui têm sido commentadas.

Nada, nada em toda uma semana.

Já é milagre.

* * *

Ou será que a fiscalização exercida pelo Sr. Leitão da Cunha nas travessuras do Conselho e a delicada, mas efficaz intervenção orthopedica com que as tem corrigido começam a manifestar beneficos resultados?

Ouvido sempre com a attenção que lhe é devida, tem conseguido o illustre professor alguma cousa nessa nova especialidade a que se está dedicando.

Tenha, embora, cuidado de casos isolados, vae, entretanto, obtendo certa generalização nos resultados do seu esforço.

Ha muito, por exemplo, vem o Conselho apresentando accentuada manifestação de grave doença, com caracter epidemico e fortemente contagioso, a qual se caracteriza por continua e torrencial producção de indicações para que o prefeito mude o nome das ruas da cidade, pondo-lhes nas placas indicativas os de politicos e amigos a quem os intendentes querem prestar essa homenagem.

Pelo que se tem observado, porém, nos ultimos casos tratados, é de suppor que o mal esteja em franco declinio, ou, ao menos attenuado em seus effeitos.

O Conselho e os proprios autores de taes indicações têm concordado com as ponderações do professor Leitão da Cunha e lhe acceitado o tratamento, que consiste em emendas no sentido de serem dados os nomes dos homenageados a logradouros publicos, mas só áquelles ainda sem denominação official.

O que elle conseguiu já é muito, mas ainda ha alguma cousa por fazer.

E' preciso levar o Conselho á convicção da inconveniencia dessas homenagens a pessoas vivas.

Em these, por muito que as mereça hoje um homem póde amanhã tornar-se indigno dellas.

Portanto, só depois da morte, ou melhor, só quando depois o tempo tenha acalmado as paixões e feito desapparecer os interesses actuaes, é que se deveria pensar nessas commemorações.

Ha na vida do Conselho um caso typico do perigo das homenagens precipitadas. Por occasião da guerra de Canudos chegou aqui, pelo telegrapho, a noticia da bravura com que o cabo Roque se deixára ficar no campo da peleja, cobrindo, sózinho, a retirada dos seus companheiros de combate, até ao ultimo alento de vida. Logo, no Conselho antes mesmo que a imprensa noticiasse o epico acontecimento, levanta-se um intendente, ardoroso e patriota, e propõe que a Travessa do Ouvidor passasse á denominação de Travessa Cabo Roque. Lá foram novas placas, com perturbação dos serviços de correios e telegraphos e com prejuizo do commercio local, nos seus annuncios, cartões, facturas e endereços postaes, substituir os antigos. O heróe merecia muito mais, no momento porém, foi o que se lhe pôde arranjar. Soube-se, entretanto, mais tarde, que o cabo não cobrira cousa alguma, ou só cobrira a sua rica pessoinha, pondo-a a salvo dos perigos a que estava exposta; toda a sua bravura consistira em dar, prudentemente, ás de Villa Diogo, em desertar da refrega antes que com a pelle pagasse a audacia da sua permanencia no terreno da luta. Teve-se, então, de retirar as placas commemorativas e voltar ás antigas. São raros casos desses, é certo, mas um, pelo menos, houve, e sem a obrigação de ser unico.

* * *

Outro bom serviço do Sr. Leitão da Cunha foi o de provocar a reforma do Regimento do Conselho.

Se a commissão encarregada do trabalho o trouxer e o presidente da assembléa o fizer votar, grandes louvores terão merecido.

* * *

Tambem o Sr. Pache de Faria se tem mostrado disposto a modificar os habitos da corporação que elle está presidindo.

Já varios projectos tem recusado por serem contrarios ao Regimento.

Entretanto, aos requerimentos não se tem estendido essa louvavel disposição.

Se ao seu proposito der S. Ex. toda a elasticidade possivel e se o mantiver com firmeza, póde ficar certo de muito ter feito para resurgimento do Conselho.

* * *

Afóra essas manifestações promissoras de melhores tempos, houve um bate-bocca, a que o intendente Sr. Minervino de Oliveira (apesar de communista), com muita propriedade, chamou "lavagem de roupa suja".

Quem abriu as torneiras na barrela foi o Sr. Dormund Martins para que o Sr. Edgard Roméro viesse, como veiu, prestar contas ao Conselho da sua administração, como 1º secretario, e quem as fechou foi o Sr. Carreiro de Olivera em habil discurso com que obteve, num voto de louvor á Mesa de que faz parte o Sr. Roméro manifestação inteiramente contraria ao que pretendia o Sr. Dormund.

* * *

Houve tambem um discurso com que o Sr. Philadelpho de Almeida analysou o Estatuto dos Funccionarios Publicos Municipaes, que o prefeito mandou promptinho.

* * *

O Conselho, como se vê, trabalhou a valer e a sério. Ha muito não se regista tão proveitosa semana, mas tambem tão sem graça.

PELO MUNDO

VESTIGIOS DO DILUVIO?

O professor S. H. Laugdon, archeologo da Universidade de Oxford, recentemente chegado a Londres, de regresso de Kish, na Mesopotamia, declarou que, durante os seus estudos naquella região, photographara uma camada de terra, deixada pela inundação mencionda na Bblica.

O professor Laugdon affirmou categoricamente que não póde haver duvidas sobre as provas que descobriu.

A camada de terra, que foi encontrada sem difficuldades em Kish, é um sedimento precipitado de agua estancado.

UNIVERSIDADE PONTIFICIA

A Universidade Catholica do Chile foi elevada pelo Papa á Universidade Pontificia.

E' a primeira universidade da America Latina que recebe tal honra.

D'ANNUNZIO

D'Annunzio doou recentemente, á igreja de S. Cetteo, na Italia, cem mil liras para a sua reparação.

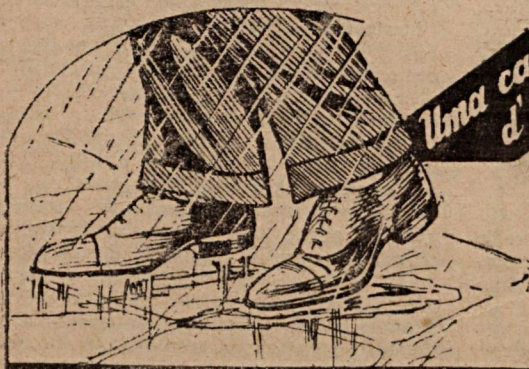
O autor do "Martyrio de S. Sebastião" mandará construir naquelle templo uma capella em homenegam á sua progenitora.

O plano e a decoração ficarão á cargo do proprio D'Annunzio.

O REI DO WHISKY

Lord Dewar, Rei do whysky, recentemente fallecido na Inglaterra, deixou a fortuna de 4.405.347 esterlinos, ou, em moeda brasileira, 191.631 contos.

O PRIMEIRO ANNUNCIO EM JORNAL

O primeiro annuncio em jornal appareceu na França, no *Mercurius Politicus*, em 1652, e o annunciante foi a Casa John Holden, livreiros em Londres, que fazia a propaganda do poema "Ireno Dia".

Os Sete Dias da Politica

As successões presidenciaes dos Estados estão se resolvendo num ambiente de serenidade e de harmonia que seria para desejar, depois de uma aspera campanha de desassociação, como a que a nação vem soffrendo, da parte de alguns politicos federaes, sem os escrupulos que o patriotismo impõe a todos os cidadãos.

Pernambuco, Bahia, Sergipe já deram o exemplo confortador. Tudo ahi se resolveu, obedecendo ao mesmo espirito superior de sacrificio dos interesses de grupos ou pessoas, em attenções ás conveniencias nacionaes que vêm a ser a da harmonia geral, para consolidação definitiva de uma solidariedade que resulta afinal na fortaleza de cada qual em particular. Essa comprehensão dos beneficios da cooperação e da defesa communs pelo apoio consciente á acção coordenadora do centro, é a nosso ver a melhor prova da intelligencia com que está sendo visto, não só o momento nacional que passa, como ainda aquelle que o futuro reserva á nossa patria.

Comquanto implicita na propria idéa de federação, infelizmente nem sempre andou essa preoccupação no espirito dos responsaveis pela politica de cada uma das unidades do systema de governo, a cujas virtudes confiamos o bem estar e o progresso do paiz. Não raro, essa consciencia se perturba a ponto de conceber o absurdo de uma inversão completa dos termos em que se assentou de inicio a equação dos destinos do Brasil. Agem, ás vezes, alguns de modo a que lá fóra se tenha a impressão de que federados os nossos Estados só têm a denominação...

A solidariedade que se devem entre si que da qual resulta como corollario á subordinação a um centro, em torno do qual giram para mais perfeito equilibrio das suas forças, não raro torna a fórma de uma competição de caracter tão exclusivista que chega a alarmar os mais crentes na indissolubilidade dos braços com que nos amarraram os sábios compatricios que deram corpo aos anseios republicanos do paiz... Não chegámos ainda evidentemente até o separatismo, com que sonham em nos seus pesadellos alguns mais ingenuos, mas o facto é que qualquer interesse accidental serve de pretexto a desintelligencias que um simples movimento de bôa vontade resolveria com o concurso da União dentro do espirito das nossas leis, sem humilhações para ninguem. O caso de Sergipe, por exemplo, apesar da sua difficuldade apparente, não encontrou na realidade a solução que lhe convinha? Sem duvida. E a prova é que os pescadores de aguas turvas não ficaram nada satisfeitos com ella, mais as que tiveram os da Bahia e de Pernambuco...

* * *

Como sempre previramos, os homens verdadeiramente responsaveis, em Minas, não acompanhariam o sr. Antonio Carlos nas suas loucuras revolucionarias.

O sr. Arthur Bernardes, como o sr. Olegario Maciel só podiam, na realidade, condemnar os planos tenebrosos do actual occupante do Palacio da Liberdade, planos que fariam, sem duvida, muito maior mal á Minas Geraes que ao resto do paiz, contra cuja paz conspirava.

A resposta de um e outro desses politicos á consulta que á ultima hora entendeu fazer-lhes neste sentido, consulta que era decerto uma fórma sorrateira de lhes obter a solidariedade ainda aqui, foi afinal a que era licito esperar de ambos. O presidente do Estado preferiu fazer-se deliberadamente desentendido da gravidade do caso, dizendo que não era ainda governo e, portanto, aguardava a sua posse para imprimir direcção ás cousas do Estado. O segundo, como sempre, aliás, justiça se lhe faça, não vacillou em reprovar francamente a idéa criminosa. E quando do Rio Grande se queixavam do recúo de Minas, o senador Arthur Bernardes poude replicar com dignidade: "Não recuei, porque nunca avancei". E a verdade pura e sã no caso é esta mesma: o ex-presidente da Republica, coherente com o seu passado, declarou sempre que a campanha deveria circumscrever-se á luta eleitoral.

Não poderia ser outro, aliás, logicamente, o ponto de vista do estadista a quem o Brasil deverá sempre a mais heroica das resistencias que em seu nome já se fez da defesa do principio da autoridade.

E' verdade que o antecessor do sr. Arthur Bernardes na chefia da Nação, a quem coube a gloria de iniciar a reacção do poder civil contra os pronunciamentos militares que tanto nos humilhariam se victoriosos um dia, desprezando essa trilha luminosa, preferiu agora acumpliciar-se, do modo mais ostensivo, na obra de anarchia projectada novamente nos desvãos escusos da politica dos interesses subalternos...

De qualquer maneira, parabens ás alterosas e ao nobre povo que as povôa, por contarem no seu seio homens cuja consciencia das proprias responsabilidades se não apaga facilmente ao sopro insidioso das más paixões partidarias, nos instantes graves da sua existencia constitucional. — Que seria de Minas Geraes, si depois do descalabro do governo Antonio Carlos, lhe viesse ainda por cima a guerra civil, estupidamente accendida no paiz pelo seu desatinado governante, cujo cyclo nefasto, graças a Deus se fechará já agora sem perigo da grande desgraça com que pretendia passar á historia nacional? Os ultimos acontecimentos, ora esclarecidos pelas queixas e recriminações do revoltoso sr. Aranha, dizem bem no que dariam as tentativas revolucionarias feitas em seu nome pelo Machiavelo de fancaria que por infelicidade sua lhe cahiu no governo. Atirava-a o louco na guerra, sem contar siquer com elementos para se defender, quando nem no apoio dos seus alliados poderia confiar-se! O exemplo da Parahyba, que se fiou nas promessas do sr. Antonio Carlos ahi está frisantissimo! O do Rio Grande mesmo, com os seus filhos degladiando-se numa luta intestina mal desfarçada pelas conveniencias de partido, lhe dá bem os moldes em que era traçada a ultima intentona fracassada... O governo federal, cada vez mais forte, por toda a parte, dava-lhe, por sua vez, na serenidade com que esperava o ataque liberal, um signal bastante expressivo da perspectiva que aguardava áquelles que ousassem com effeito pegar em armas para aggredil-o.

* * *

Desde a quéda ruidosa do sr. Oswaldo Aranha, no Sul, os amigos, poderosos, procuram rehabilitar-lhe o prestigio, com boatos cada qual mais absurdo.

Veiu, primeiro, o da sua volta ao cargo no qual se não pudéra manter. Seguiu-se a esse o da sua candidatura a Presidente do Estado. O homem, entretanto, continúa cahido e do chão não se levantará tão cêdo...

A bôa vontade que, com relação a elle, mostram os seus auxiliares de mashorca ao invés de o tirarem da posição critica em que se acha, só o tem compromettido perante o proprio partido, que vê nessas novas manobras a confirmação do espirito de indisciplina que o sr. Aranha encarnava dentro das suas fileiras tradicionalmente fieis á voz do velho chefe. Não satisfeito de haver levado longe de mais a alliança a prazo curto com os libertadores, o secretario revolucionario do sr. Getulio tenta ainda agora, com elles, uma cartada dentro do proprio Rio Grande, para se desforrar do insuccesso das suas repetidas tentativas anteriores de atiral-o numa sinistra aventura contra a paz da Federação.

Felizmente para a terra dos pampas, ninguem de bom senso e com alguma cousa a perder empresta ao renitente emprezario da bernarda carlista a menor solidariedade. Todos os elementos responsaveis da sua politica, como as forças do seu trabalho, reprovam os seus desembaraços, que só encontram apoio na corrente dos exploradores que ali sempre viveram dos lucros das guerilhas. A não ser isto, vê-se a seu lado apenas o tribuno João Neves. Mas, como as armas de que dispõe esse minusculo Cicero de provincia são inoffensivas, o sr. Aranha póde-se dizer só, com a sua inconsequencia e a sua mania de valentão, muito bem explorada, sem duvida, pela gente do sr. Assis Brasil que, daquelle secretario, só não conseguiu o que não quiz, como se prova com as armas que lhe entregou para combater talvez, de novo a candidatura do velho Borges...

* * *

Foi-se a ultima esperança do sr. João Pessôa: o bombardeio aereo de Princeza! O piloto que contractara para esse mistér já deu ás de Villa Diogo... Aliás, nem na fuga teve sorte, porque foi alcançado pela policia pernambucana, onde se acha preso. O "garoto", que era a sua machina de destruição, parece que tambem se perdeu. O certo é que as tropas de José Pereira andam hoje por todo o Estado, sem maior constrangimento, pondo tontas as cabeças da "arranca-toco" presidencial e as tropas da sua policia! Este foi o unico resultado que tirou o sr. João Pessôa da sua idéa salvadora... Si não a tivesse procurado pôr em pratica, certamente o chefe rebelde não se lembraria de alargar tanto os seus dominios...

Cinco mezes se manteve elle dentro dos limites de Princeza, apenas defendendo-as das investidas da furia do mavortico liberal que jurára tomal-a de assalto. Mas, emquanto José Pereira se mantinha em defesa tão só do que era direito seu e dos conterraneos que, politicamente, o acompanharam na repulsa ao arbitrio do chefe eventual, a força armada do sr. João Pessôa incendiava as propriedades do adversario leal e humano, sem a menor attenção pela propriedade alheia, nem respeito pela vida dos seus donos. A *revanche* veiu só agora, ante a ameaça da chuva de granadas que o "Garoto" deveria despejar sobre a Verdun sertaneja. Agora, afinal, o sr. João Pessôa confessa que a situação é deveras grave. Pelo menos, não o negou mais o seu morbido orgulho na ultima mensagem telegraphica que enviou ao sr João Neves, nomeado syndico na Camara da nossa fallida Alliança Liberal...

GRANDE CONCURSO DE CONTOS D'"O MALHO"

Finalizamos hoje a publicação da relação dos trabalhos concorrentes ao nosso "Grande Concurso de Contos Brasileiros", encerrado no dia 28 de junho de 1930. Damos, tambem, abaixo, uma relação dos trabalhos desclassificados summariamente, por este ou aquelle motivo, pela nossa redacção, por virem em desaccordo com as condições estabelecidas.

Todos os 394 originaes, cujos nomes sob pseudonymos aqui foram publicados, já estão em mão da commissão julgadora, composta dos Drs. Coelho Netto, Humberto de Campos, M. Paulo Filho e Murillo Araujo.

330 — "O crime de frei João" (*Jotasó*).
331 — "Amor e sangue (*Jupiter*).
332 — "Justiça de Deus" (*D'aquino*).
333 — "A grande renuncia" (*Ceny*).
334 — "Nenia de amor" (*Genny Camara*).
335 — "Um conto do Norte" (*João de casa*).
336 — "Uma historia do sertão" (*Araguaya*).
337 — "Em holocausto de um grande amor" (*Marquez de Villa Rica*).
338 — "O fundador da cidade" (*João Suburbio*).
339 — "Mentiras de galpão" (*Gaúcho*).
340 — "Trama insidiosa" (*Tabajara*).
341 — "A fazenda da serra" (*José Mineiro*).
342 — "Curiosidade" (*Sem Sorte*).
343 — "As rosas amarellas" (*Albas Regina*).
344 — "O Bandeirante do amor" (*Leandro de Regis*).
345 — "Filha de ninguem" (*João do Centro*).
346 — "Frei Pedro" (*Zé Jupy-Assú*).
347 — "Sacrificio" (*Arporale J*).
348 — "O pequeno Tiradentes" (*Guilmar*).
349 — "Tizio" (*Claudio Cezar*).
350 — "O concurso de contos" (*Ivan*).
351 — "A ceia da caveira" (*Ubiratan*).
352 — "O "isquero" de nhô Albino" (*Ozorio Henrique*).
353 — "Ingloria Jornada" (*Monjope*).
354 — "Miss Bebé" (*Miss*).
355 — "Cabral, o descobridor" (*Toanas*).
356 — "A paixão de Manoel Caramujo" (*Euzebio Lagosta*).
357 — "A philosophia do Carrapato" (*Braz Cubas*).
358 — "Profanação" (*Umpian*).
359 — "Theresinha" (*Ubiratan*).
360 — "Consummação" (*Irapuan*).
361 — "Luz que se extingue..." (*Sul Americano*).
362 — "Uma antiga cidade fundada pelos phenicios no Brasil" (*Quero-Quero*)
363 — "O caçador de sorrisos" (*J. Romana*).
364 — "Morena" (*Maria Helena*).
365 — "A justiça de Servulo" (*Mineiro*).
366 — "O que o berço dá..." (*Maldira*).
367 — "O leproso" (*Vae Victis*).
368 — "A Joia falsa" (*Renato*).
369 — "Mulheres estrabicas" (*Raul*).
370 — "A creada do Europe" (*Chico Dunga*).
371 — "Maria Helena" (*Arthur d'Aguillon*).
372 — "Um formiga" (*Leopoldo Elysio*).
373 — "Por um triz" (*Simão*).
374 — "Banquete Universal" (*Taborda*).
375 — "Coisas do sertão" (*Cabo Loso*).
376 — "Aristocracia Rura" (*Haroldo Vaz*).
377 — "A trapaça" (*Petro*).
378 — "Vocação contrariada" (*Henrique Paulista*).
379 — "Cidadão Brasileiro" (*Chafik de Beyruth*).
380 — "Duas mães" (*Poeta*).
381 — "Cavalgata tragica" (*Monarcha dos Pampas*).
382 — "Manoel Casaca" (*Coelhita*).
383 — "O crime da cachoeira" (*Aldo*).
384 — "Patria" (*Paulo Fontes*).
385 — "Natal nas margens do Amazonas" (*Yara Nassim*).
386 — "Um presente de Deus" (*João Mineiro*).
387 — "Alleluia" (*João das folhas*).
388 — "A caréca do Faustino" (*Sylpho*).
389 — "Aventureiro..." (*Jota Nil*).
390 — "Supercivilização" (*Graça sem aranha*).
391 — "O crime do Oliveira" (*J. Octavio*).
392 — "Recordando" (*Oliveira Sobrinho*).
393 — "O intruso" (*Petronio*).
394 — "A mão do ouro" (*Suna*).

Desclassificados por não virem de conformidade com as condições do concurso:

"Idilio"
"Pranto da Madrugada"
"A valsa dos Estados"
"Quadra feliz"
"No chá"
"Nostalgia"
"Amor Materno"
"O raio do sol"
"Raphael Agonizante"
"Fadigas do dia"

OS CORREIOS DA REPUBLICA EM ANARCHIA

O serviço postal continúa a offerecer os mais incriveis exemplos de dissidia — Montões de malas de correspondéncia incinerados — Saiba o publico o destino de suas cartas e impressos confiados ao Correio:

Cabe á Sub-Directoria do Trafego Postal a responsabilidade de qualquer deteriorização, estrago ou extravio da correspondencia em todo o paiz. E' á repartição ora vesgamente superintendida pelo Sr. Francisco Pereira Lessa que importa tomar as providencias exigidas por qualquer anormalidade no serviço de correspondencia, seja na cidade de Patos, em Minas, ou em Poções, na Bahia, onde os respectivos agentes do Correio, commettendo um crime bem caracterizado de defraudação, vendem a kilos os jornaes expedidos do Rio de Janeiro para os assignantes. Parece, por isso, fóra de duvida que mais clara e mais precisa é a responsabilidade da Sub-Directoria do Trafego Postal, quando as irregularidades, de qualquer ordem, occorrem sob o mesmo tecto em que funcciona aquella repartição.

E' o caso, por exemplo, dos saccos e saccos de cartas e jornaes que "Vanguarda" denunciou como tendo sido incinerados na Sub-Directoria do Trafego Postal, por terem ficado completamente inuteis em virtude das obras que estão sendo feitas no edificio do Correio.

O Sr. Francisco Pereira Lessa, mergulhado de corpo e alma nas suas *producções literarias*, não tem folgas para tomar conhecimento de que uma quantidade espantosa de correspondencia está sendo avariada por completo — inutilizada — pela agua que cahe sobre as malas.

A dissidia, como está denunciada, mereceria, de certo, as attenções do Sr. Ministro da Viação, se algum respeito ainda tivesse o sub-director interino do Trafego Postal pelo seu superior hierarchico.

Mas não tem. Não tem nenhum. E tanto isso e verdade que, a cerca de dois mezes, a Associação de Imprensa fez uma representação ao titular da pasta da Viação, até agora de effeitos innocuos. O Sr. Victor Konder ordenou ao funccionario culposo que dissesse alguma coisa em sua defesa propria e na defesa da moralidade dos Correios. O Sr. Pereira Lessa garantiu que daria uma resposta que a todos convenceria perante a propria Associação de Imprensa, da qual, como jornalista (?!), é elle socio.

Nós duvidámos que o Sr. Pereira Lessa tivesse coragem para tanto.

E o tempo tem mostrado que tinhamos razão para duvidar. O homem não foi. E não irá!

COMO SE SALVARIA A CORRESPONDENCIA QUE SE EXTRAVIOU

Alvitramos aqui uma providencia para resguardar os interesses do publico, seriamente lesados com as avarias da correspondencia, em virtude de obras no edificio do Correio.

Chame-se ao serviço o regimento de funccionarios em descanso irregular e interminavel. Diga-se a esses cavalheiros — dos quaes o Sr. Francisco Pereira Lessa não deseja que publiquemos os nomes — que, se elles são validos para trabalharem fóra, em actividades commerciaes e outras, tambem o são para trabalhar no Correio, de onde recebem mensalmente gordos ordenados, muita vez accrescidos de gratificações polpudas por commissões que tambem não exercem.

Feito isto, haverá gente sufficiente para arredar da agua destruidora a correspondencia que a Sub-Directoria do Trafego Postal está incinerando como já imprestavel.

PRATO DE OCCASIÃO

— *Temos hoje "frios" sortidos, "espinafres" ao "vinagrete", camarões "torrados", "figado" com molho d'alho...*

RECOMMENDADAS NO MUNDO INTEIRO COMO UM TRATAMENTO EFFICAZ CONTRA AS DESORDENS NOS RINS

PILULAS DE WITT

Para os Rins e a Bexiga

RECOMMENDADAS pelos bons medicos contra as Desordens nos Rins, Dores nas Costas, Rheumatismo, Sciatica, Impurezas do Sangue, e Insomnias provocadas por Dores Rheumaticas, as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga provam a sua efficacia dentro de 24 horas. Isto se demonstra facilmente. "Soube de notaveis resultados obtidos com este tratamento", disse um medico. Se a sua saúde é precaria, se V. S. perdeu seu vigor e vitalidade e está envelhecido antes do tempo, sem animo para trabalhar ou distrahir-se, lhe offerecemos este tratamento de fama mundial para que comprove o que muitos outros têm provado: A SUA EFFICACIA INDISCUTIVEL.

Milhares de homens e mulheres que estão litteralmente extenuados por constantes Dores nas Costas e outros Symptomas de Desordens nos Rins, pensam que têm que continuar soffrendo, privados das alegrias que a vida lhes pode brindar.

Não obstante, muitas vezes é possivel — e muitas testemunhas apoiam a nossa affirmação — recobrar a saúde e o vigor e voltar á gozar de uma vida livre de horriveis e constantes dores. Basta adquirir um frasco das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Seu custo é insignificante, comparado com o bem estar que proporcionam.

Consulte o seu pharmaceutico sobre este tratamento maravilhoso e economico. V. S. se convencerá que o elogio mundial tributado ás Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga é merecido. Nós cremos, e a nossa offerta de fornecimento gratis para uma prova confirma a nossa opinião, que não existe um tratamento mais racional para combater o Rheumatismo, as Desordens dos Rins e da Bexiga, as Impurezas do Sangue e a Falta de Vitalidade.

Para comprovar a rapidez e a segurança com que as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga fazem effeito, remettemos um fornecimento gratis para prova á quem escrever á E. C. De Witt & Co. Ltd. (Depto. L. 1), Caixa do Correio 334, Rio de Janeiro.

PARA OBTER SUA CAIXA GRATIS, ESCREVA AO ENDEREÇO ACIMA INDICADO.

PREÇOS NO DISTRICTO FEDERAL { Rs. 7$500 O FRASCO PEQUENO / Rs: 12$500 O FRASCO GRANDE

LICENCIADAS PELO D. N. S. P. SOB O No. 145

L. 1.

A CONQUISTA

COMO os conquistadores de antanho, o BACALAOL do DR. RICHARDS, vae rapidamente conquistando os males por todos os lados!!

Esta nova maneira de tomar o mais puro oleo de figado de bacalhau em pastilhas, sem cheiro nem sabor, tem provado a sua efficacia numa multidão de casos. Cada pastilha produz SAÚDE VIBRANTE para todos.

As pessoas fracas, doentias, cançadas e debeis, as que necessitam rodear o seu corpo de carnes firmes e solidas, as creanças rachiticas, de ossos amollecidos, todo o mundo, emfim, deve promptamente aproveitar-se do

B A C A L A O L

Uma pastilha — BACALAOL — equivale, em valor nutritivo, a uma colheradinha do mais puro oleo de figado de bacalhau. — e que resultados rapidos e maravilhosos provocam essas pastilhas!!

Quasi em seguida V. Excia. principiará a sentir o BEM que lhe está fazendo este admiravel tonico! Rosto cheio e rosado, corpo forte e robusto, mente satisfeita e alegre, emfim VIBRANTE SAÚDE, e tudo isto conseguido com o uso do BACALAOL.

UNICOS DEPOSITARIOS

SOCIEDADE ANONYMA LAMEIRO

Rio de Janeiro

BOTA FLUMINENSE

A QUE MAIS BARATO VENDE

35$000

BELLOS SAPATOS em côr de rosa guarnecidos de pellica azul, artigo da moda — 35$000. Ditos em bezerro naco, palha claro e guarnição de pellica preta envernizada, salto Luiz XV ns. 32 a 40 — 4?$000.

SAPATOS em superior pellica preta envernizada, guarnecido com pellica laqueada, artigo fino, salto Luiz XV — 40$000.

30$000

SAPATOS em tressé branco e azul, branco e vermelho, marron e beige. Grande Moda.

35$000

BELLOS SAPATOS de superior pellica preta envernizada com friso ao centro, artigo moderno de ns. 36 a 45.

27$000

SAPATOS de superior vaqueta chromada em preto ou côr de vinho, artigo moderno.

Attenção — Não marca limite de preços, porque o sortimento é completo dos artigos mais baratos e mais firmes.

PELO CORREIO MAIS 2$500 POR PAR

Alberto Antonio de Araujo

AVENIDA PASSOS N. 123

CANTO DA RUA MARECHAL FLORIANO, 109

A CAMINHO DA GLORIA

LAMPEAO: — Atira! Atira! Eu tambem, para passar á historia, nunca fiz questão de matar mulheres, velhos e creanças!...

O MALHO

ANNO XXIX — RIO DE JANEIRO, 19 DE JULHO DE 1930 — NUM. 1.453

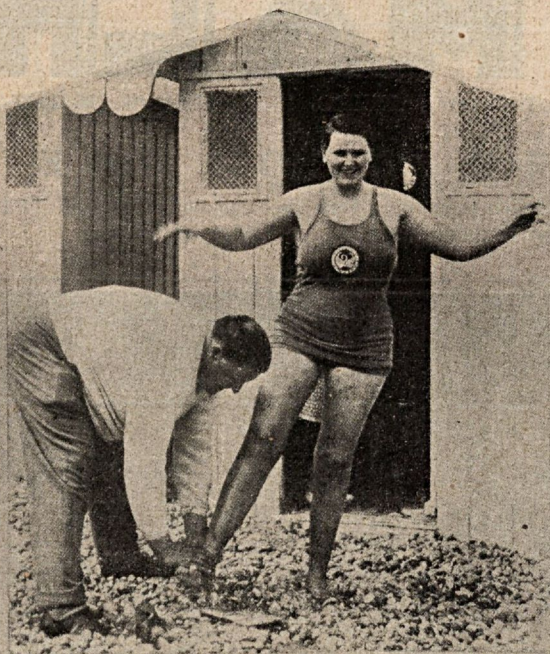
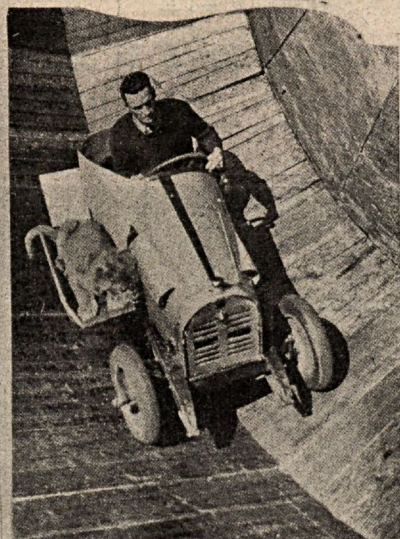
O MINEIRO NÃO VAE NISSO...

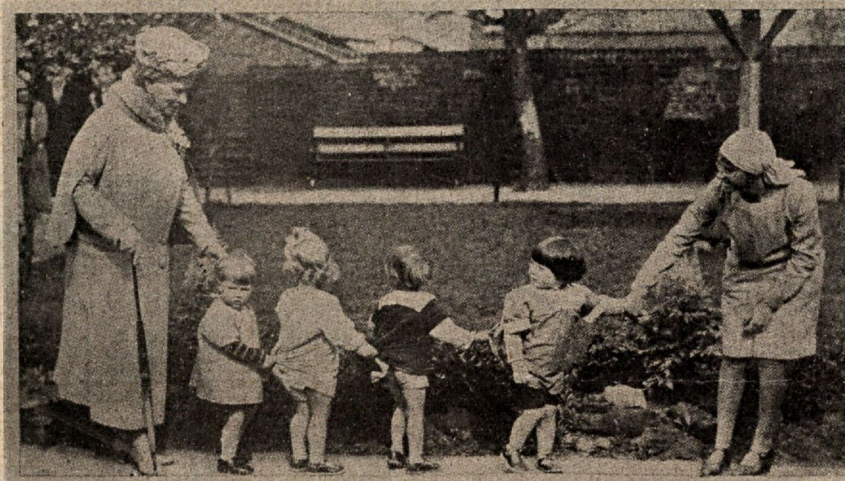
(O Sr. Antonio Carlos mandou protestar, junto do commandante da Região Militar, de Minas, contra as buscas feitas em caminhões que, porventura, pareçam carregar munições.)

ANTONIO CARLOS: — Veja como o Exercito Nacional está humilhando Minas Geraes. O governo do Estado já não póde nem ao menos transportar armas de caça.

O LAVRADOR MINEIRO: — Se você chama áquillo arma de caça, rabo de gato é espanador...

ASSUMPTOS INTERNACIONAES

Maria Camby, ao centro das suas "girls", em Nova Jersey.

Jadez Wolffe, nadadora ingleza, preparando-se para a travessia da Mancha.

O corredor Fearless, a mais de cem kilometros na pista de S. Louis.

A rainha Mary, da Inglaterra, depois da inauguração, em Londres, de uma escola de amas.

Trabalhos de extincção de incendio de uma refinação de petroleo em Nova Jersey.

D E F U N T O   P O B R E . . .

ANTONIO CARLOS: — Que desastre! O Mello Franco não conseguiu o emprestimo! Como poderei, agora, fazer o meu testamento?

"O MALHO" EM PORTUGAL

O Dr. Daniel Fausher no Instituto S. do Commercio.

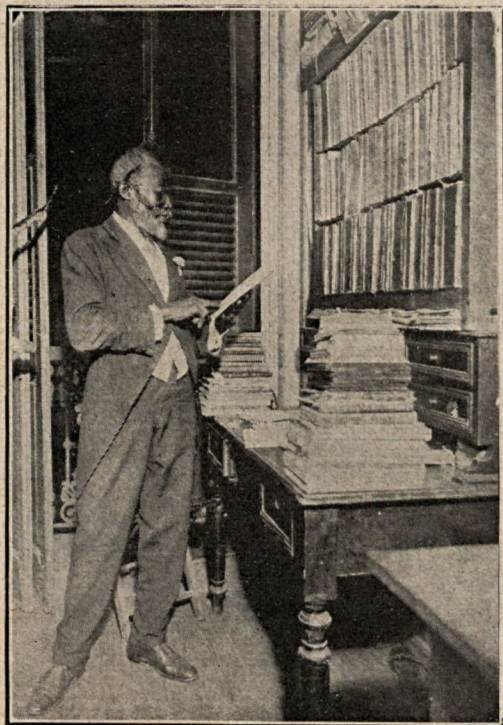
* * *

Estudantes catholicos do Porto e Coimbra apresentando homenagens ao Sr. Patriarcha.

* * *

Partida para Genebra dos delegados portuguezes para a conferencia Internacional.

A VIDA E AS OPINIÕES DO Dr. JACARANDÁ

(ESPECIAL PARA "O MALHO", DE *FERNANDES PINTO*)

O Dr. Jacarandá no seu "gabinete de trabalho".

Retocando uma petição de "habeas-corpus"...

Quem não conhece aquelle preto pernostico, de barbas grisalhas, bizarro manequim de um fraque surrado, calças brancas ou de listras, sapatos amarellos, pasta, bengala, monoculo, despertando sempre o sorriso da cidade com o seu ar importante e superior?

Chamam-lhe Dr. Jacarandá. Por que doutor e por que Jacarandá? A designação social deve ser uma ironia popular. Mas, á importancia ridicula do typo ou á abundancia do titulo nesta terra? E Jacarandá? Que póde haver de commum entre o preto sestroso e o páo brasileiro?

Ninguem explica a origem do cognome. Elle é o Dr. Jacarandá e acabou-se! Ao principio, o homem ficava furioso. Atirava a bengala, apedrejava, insultava a garotada da rua do Lavradio e adjacencias, mas, afinal, tanto insistiram no appellido, que elle acabou por acceital-o. Hoje, faz parte integrante do seu nome: Manoel Vicente Alves Jacarandá. Isto precedido da indispensavel abreviatura do titulo...

O Dr. Jacarandá é um typo conhecidissimo na cidade. Tomou parte saliente em varias campanhas politicas, fazendo propaganda do proprio nome para deputado, presidente da Republica, etc. Os estudantes, com sua eterna jocosidade, tomaram a si o encargo de convencel-o de sua importancia e tantas homenagens lhe prestaram, tantos discursos, taes cousas lhe disseram, que o preto acabou por imaginar-se o idolo da patria, o homem que o Brasil esperava para a regeneração dos seus costumes politicos...

Parece que as successivas derrotas lhe arrefeceram o enthusiasmo...

Vamos, porém, ao assumpto que nos interessa. Os cariocas, que já o conhecem exteriormente, vão, agora, penetrar commigo na intimidade dessa curiosa figura. O Dr. Jacarandá vae contar-vos a sua vida, dar a sua opinião sobre literatura, arte, politica e... até sobre o amor!...

* * *

Fui procural-o ao Centro Alagoano, á esquina das ruas da Constituição e do Nuncio, onde está installado o "seu escriptorio" (vae entre aspas porque aquillo nem é escriptorio nem é delle). Na vespera, fizera-o esperar por mim mais de duas horas. Annunciara-lhe a minha visita e lá não appareci. De modo que naquelle dia o preto se vingou sem o saber. Elle estava ausente do escriptorio e tive de esperal-o quasi uma hora.

"Entretanto..."

Afinal, o homem surgiu no topo da escada e, informado da minha presença, veiu directamente a mim. Confesso que já estava meio desanimado, aborrecido de limpar a poeira das velhas cadeiras que se enfileiram tristemente na sociedade dos alagoanos.

O Dr. Jacarandá abriu uma porta de vae e vem e indicou-me o "seu escriptorio": tres cadeiras de páo e uma mesa com estante, contendo uma centena de livros, cujas paginas ha muitos annos não vêem a luz do dia. Falo assim porque emquanto o Dr. Jacarandá não chegava, um homem de aspecto anachronico, com uma sobrecasaca historica, contou-me a origem daquelles livros: foram herdados pelo Dr. Jacarandá, por morte do seu ex-patrão Dr. Arnolpho Nolasco de Rezende.

O ex-pretendente á suprema magistratura da Nação fez-me sentar, collocou o seu insepara-

(Termina no fim do numero)

C A S A M E N T O S

EM CIMA:

Antonio Thomé

—

Irene C. Pinheiro.

NO CENTRO:

Alvaro Nogueira

—

Alice de Carvalho.

* * *

Alexandre Esteves Corrêa

—

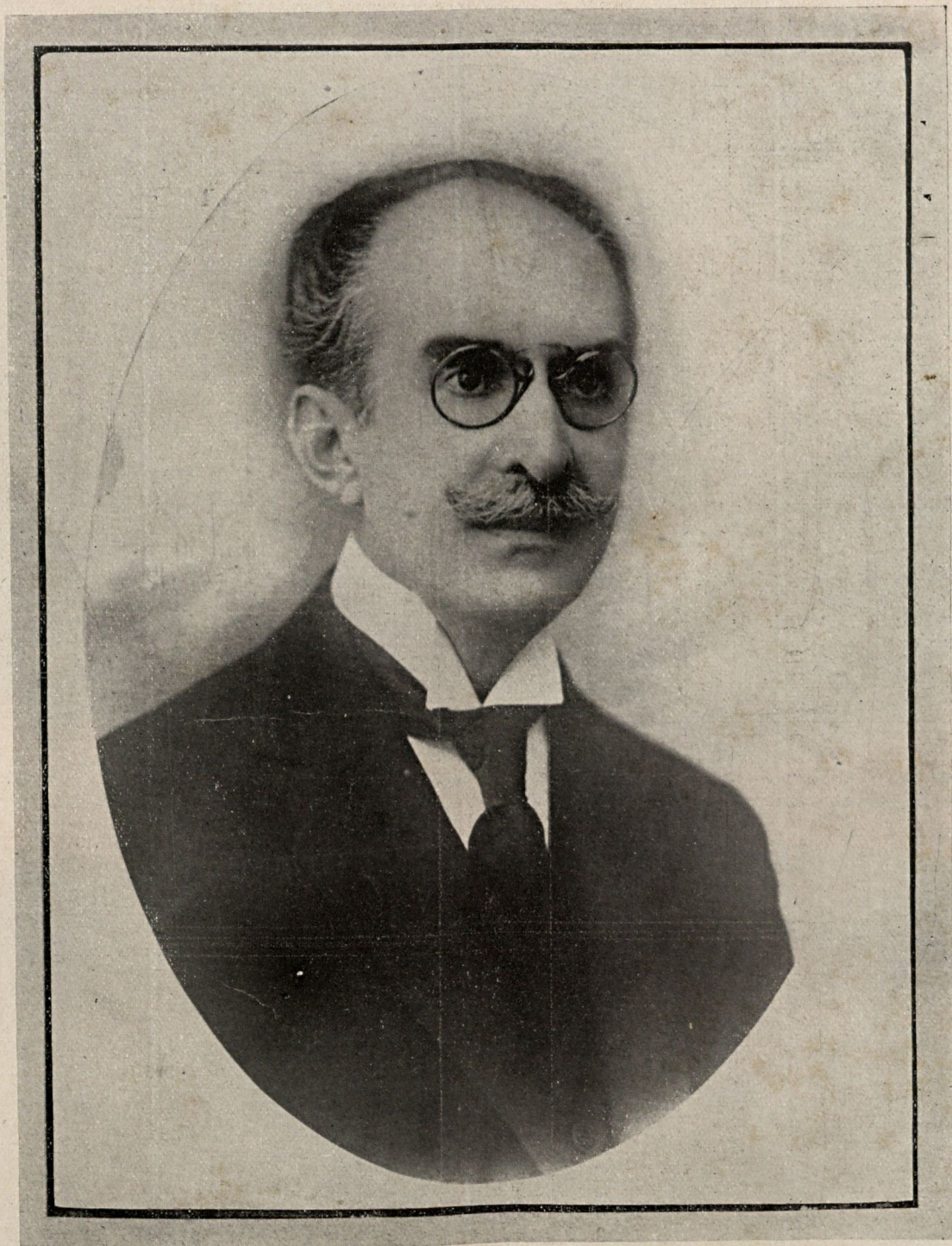
Noemia Pinto Pereira.

* * *

Francisco Corrêa Gomes.

—

Maria Antonia S. Lima.

O FUTURO GOVERNADOR DA BAHIA

Senador Pedro Lago

O senador Pedro Lago, indicado pelas forças politicas da Bahia para a successão do Sr. Vital Soares no governo daquelle grande Estado nortista, reune qualidades excepcionaes que são seguro penhor do seu quatriennio na direcção dos destinos da terra de Ruy Barbosa.

Da escola do grande estadista Severino Vieira, o senador Pedro Lago plasmou a sua educação politica num grande espirito de ponderação, concordia e lealdade intransigente, não afastando dessa róta a sua vida publica, che a de serviços ao seu Estado e ao seu paiz. Comprehendendo a fidelidade do senador Pedro Lago a esses principios, o eleitorado do 1° districto da Bahia elegeu-o seu representante á Camara Federal, de 1912 a 1924, contra a situação dominante naquella época, suffragando o seu nome sempre em primeiro logar, num gesto confortador para esse politico que se batia, sem cansaço, pela reintegração da sua terra no prestigio de que sempre gosou na Republica.

Agora mesmo, quando profundos dissidios ameaçavam romper a frente unica da politica bahiana — formada com o advento da chapa Julio Prestes-Vital Soares, da qual o senador Pedro Lago foi um dos primeiros paladinos — o nome desse illustre parlamentar conseguiu não só desfazer a ameaça desses dissidios como, ainda, congregar, elementos dispersos, como previsão de uma politica de paz e de trabalho da grande familia bahiana.

Com essas credenciaes annuncia-se promissora a administração do senador Pedro Lago no governo da sua terra e, dahi, a homenagem que *O Malho* rende hoje ao eminente parlamentar brasileiro, nesta pagina e nas seguintes.

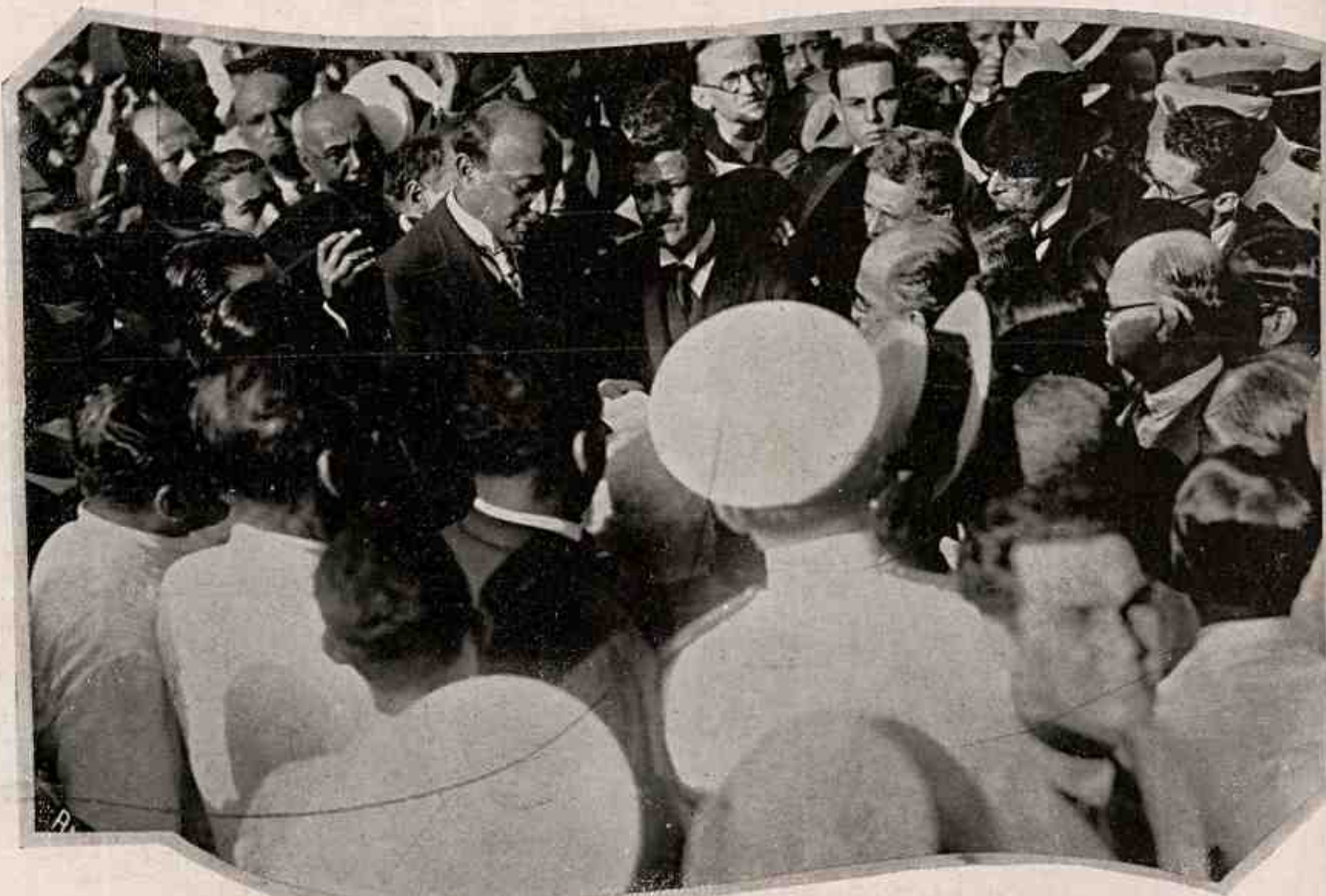
A RECEPÇÃO AO SENADOR PEDRO LAGO, NA BAHIA

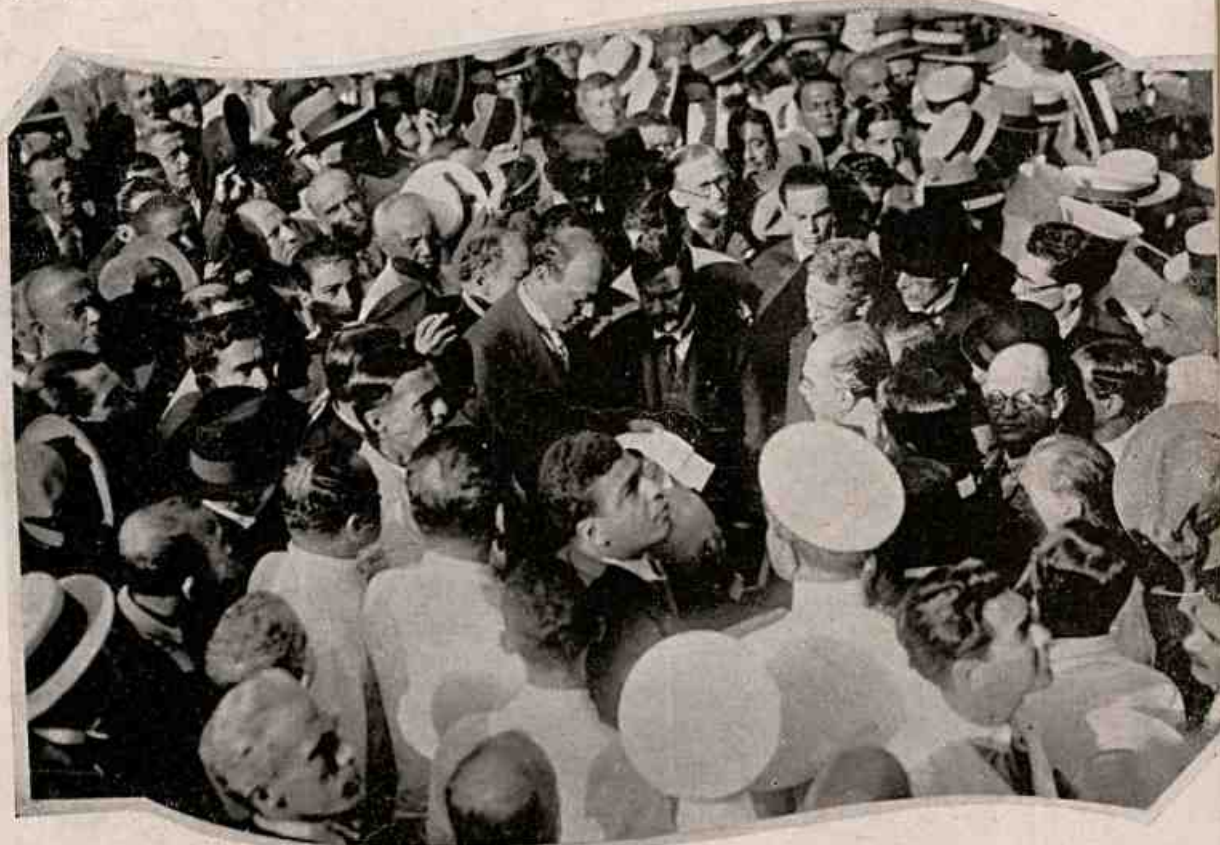
O senador Pedro Lago, candidato ao governo da Bahia, ladeado pelos membros da commissão promotora das festas em sua homenagem na Bahia, a bordo do "Itapagé", ao chegar á capital bahiana.

O futuro governador da Bahia, ainda a bordo do "Itapagé", no porto de São Salvador, entre autoridades e representantes da imprensa.

Outro aspecto a bordo do "Itapagé", vendo-se o senador Pedro Lago entre os representantes do governo bahiano e membros da commissão das festas em sua homenagem.

O futuro governador da Bahia, ao desembarcar no cáes Cayrú, recebendo os cumprimentos do prefeito Francisco Souza.

A RECEPÇÃO AO SENADOR PEDRO LAGO, NA BAHIA

O prefeito, Dr. Francisco Souza, saudando o futuro governador da Bahia, em nome da cidade

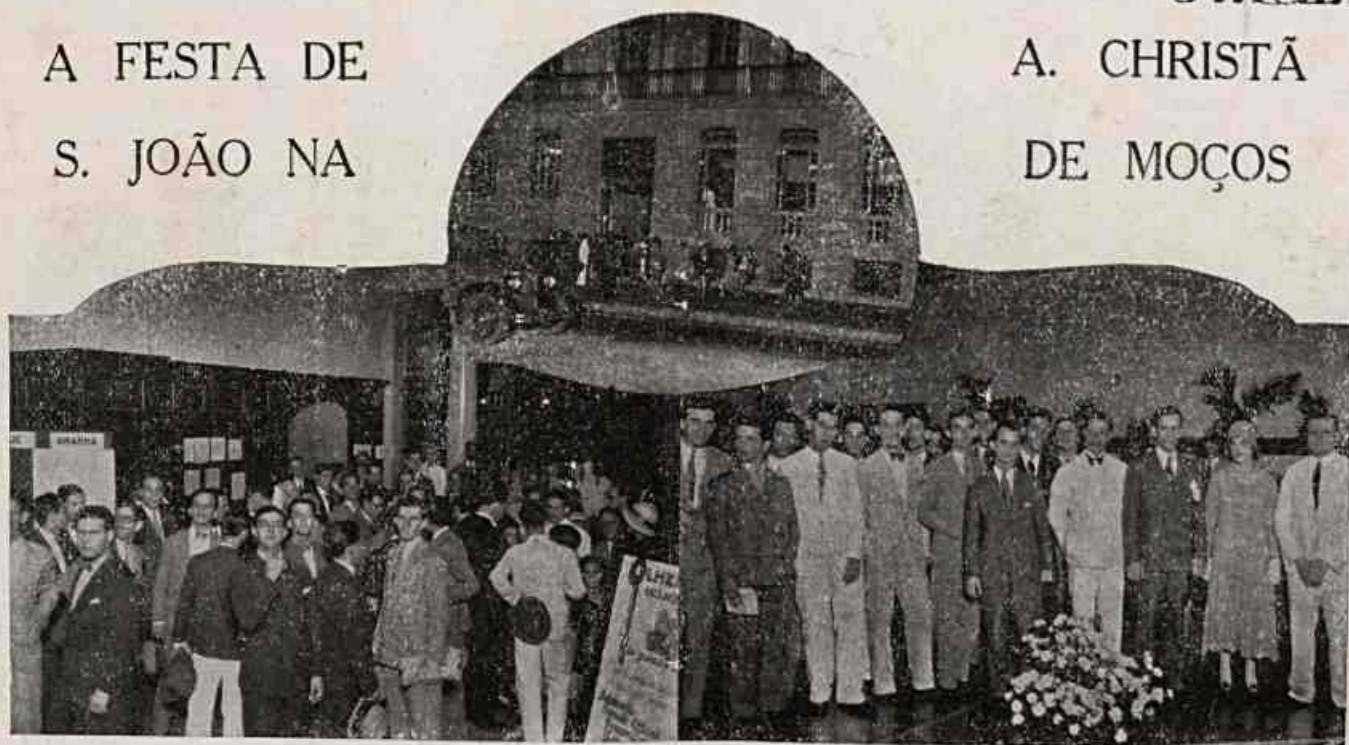
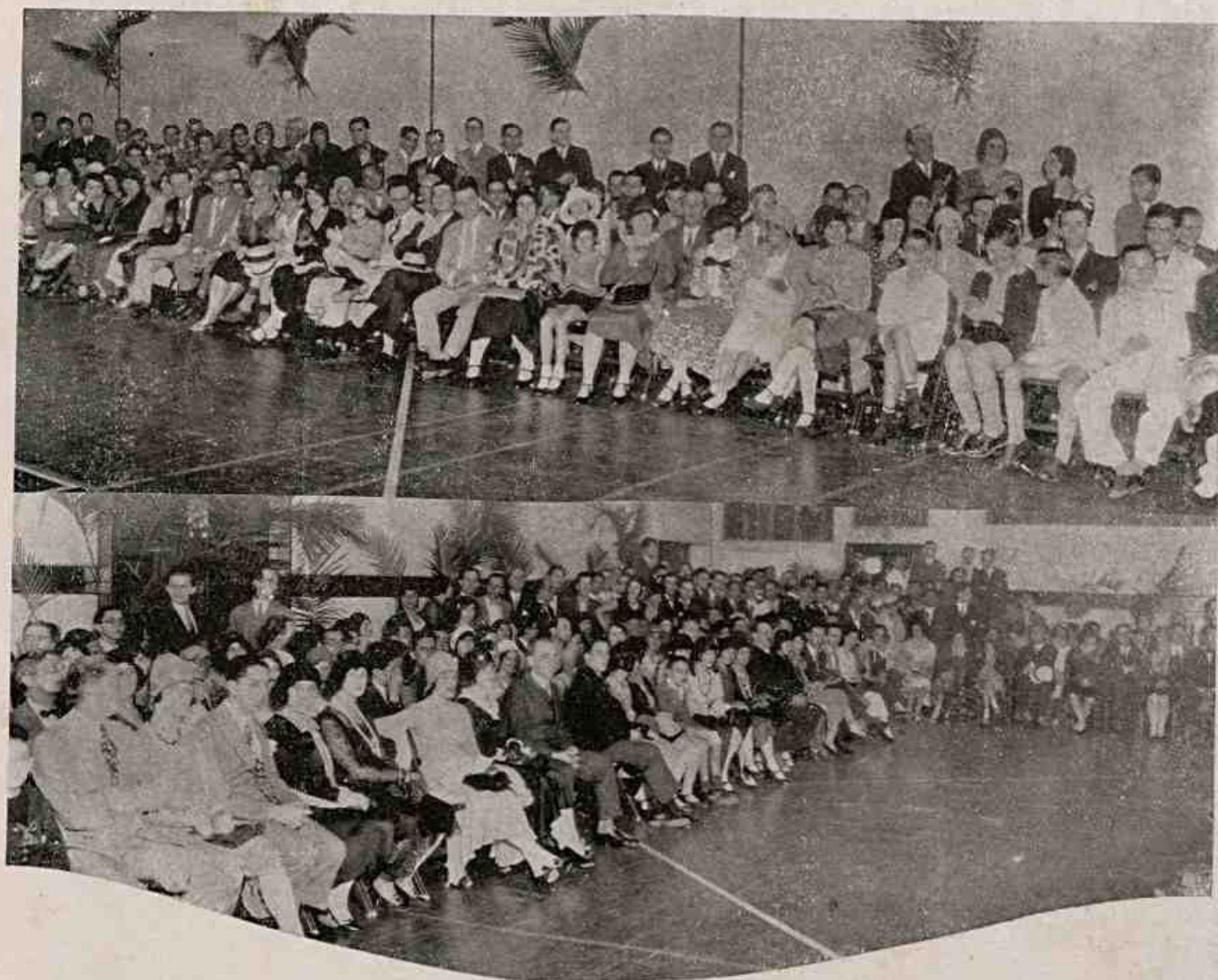
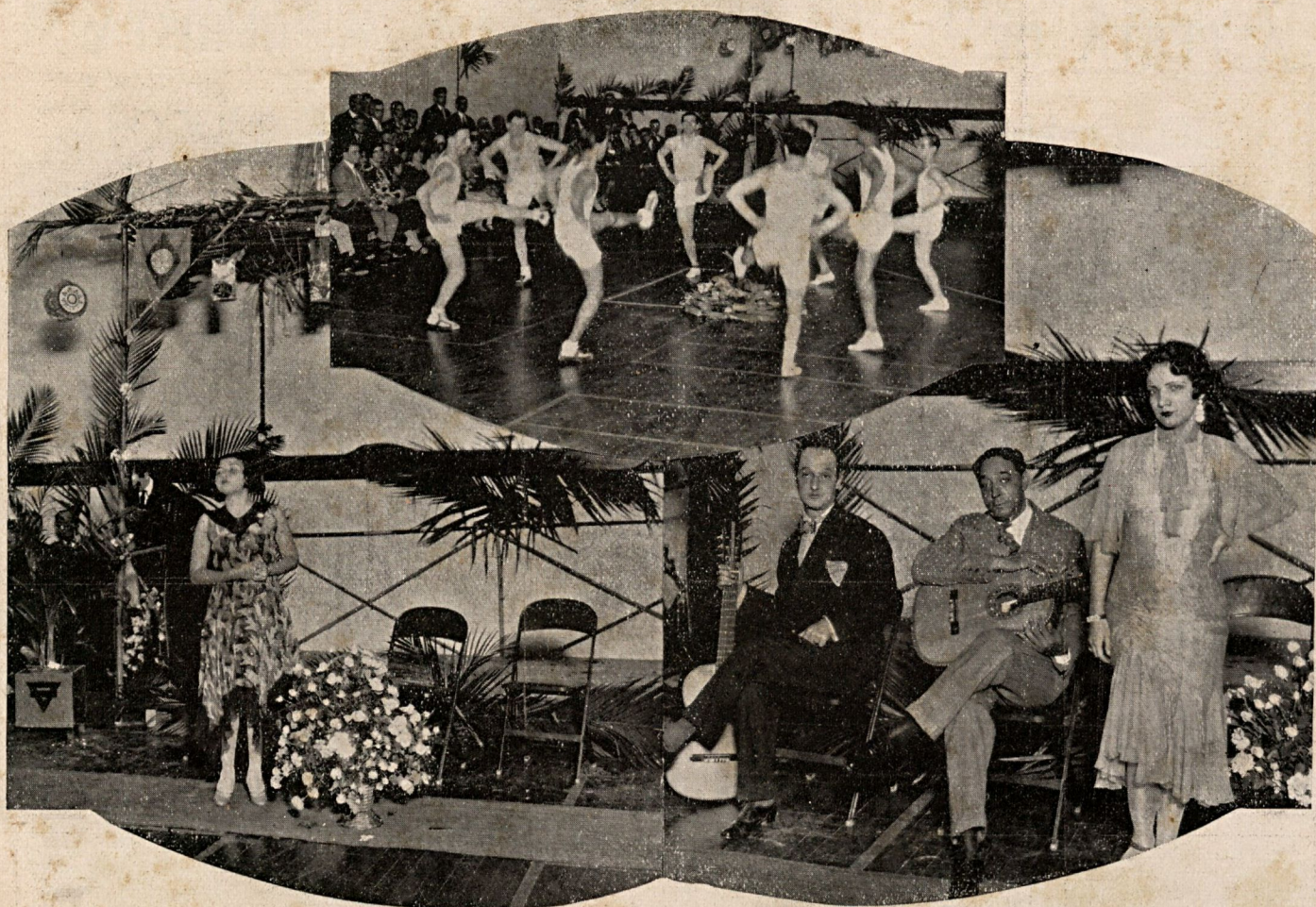
O senador Pedro Lago retirando-se do Palacio da Municipalidade, após a sessão solemne do Conselho em sua homenagem

O prefeito Dr. Francisco de Souza, saudando o futuro governador da Bahia, em nome da cidade.

O senador Pedro Lago, no carro do Estado, acompanhado pelos Drs. Prisco Paraiso, secretario do Interior; Alfredo Soares, secretario do governador, o coronel Henrique de Faria, assistente militar do governador.

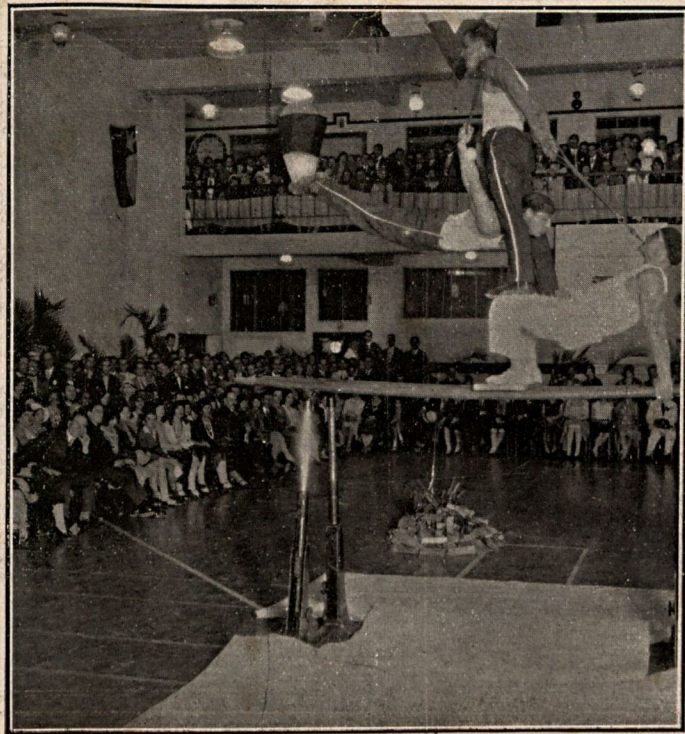
O FUTURO GOVERNADOR DA BAHIA

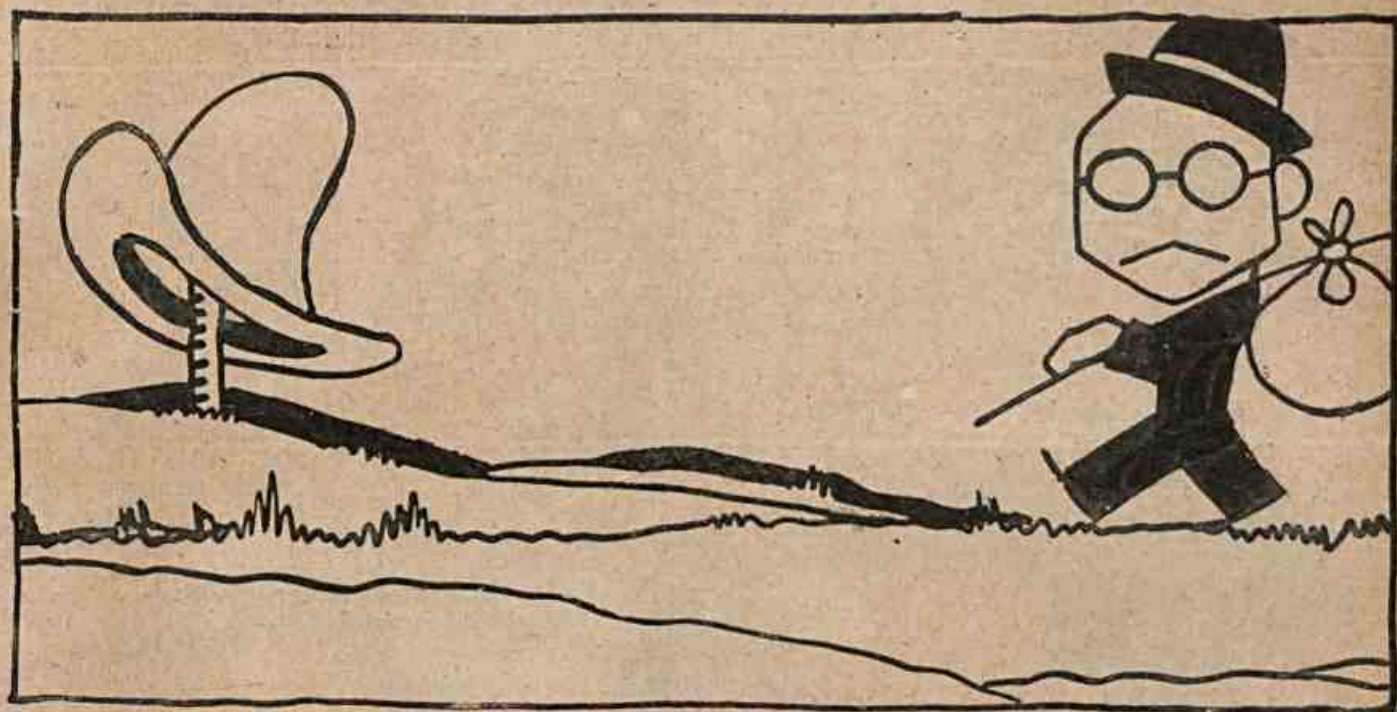
O senador Pedro Lago, após receber as manifestações de apoio e solidariedade do Congresso Estadoal. Vê-se S. Ex. entre os presidentes do Senado, coronel Frederico Co sta, e Dr. Alfredo Mascarenhas, da Camara, e deputados e s enadores.

O Sr. senador Pedro Lago após receber as manifestações de varias classes sociaes, vendo-se entre os presentes, sentados, o Dr. Estacio Coimbra, governador de Pernambuco, que estava de passagem pela Bahia, e os ex-governadores Paes de Carvalho, do Pará, e Góes Calmon.

A FESTA DE S. JOÃO NA A. CHRISTÃ DE MOÇOS

A chegada dos convidados, parte da assistencia e grande numero de alumnos da grande instituição

Assistencia presente á festa de S. João da A. C. M.

Durante a festa de S. João que se realizou na A. C. de Moços. Em cima: uma demonstração gymnastica pelos alumnos da classe da noite.

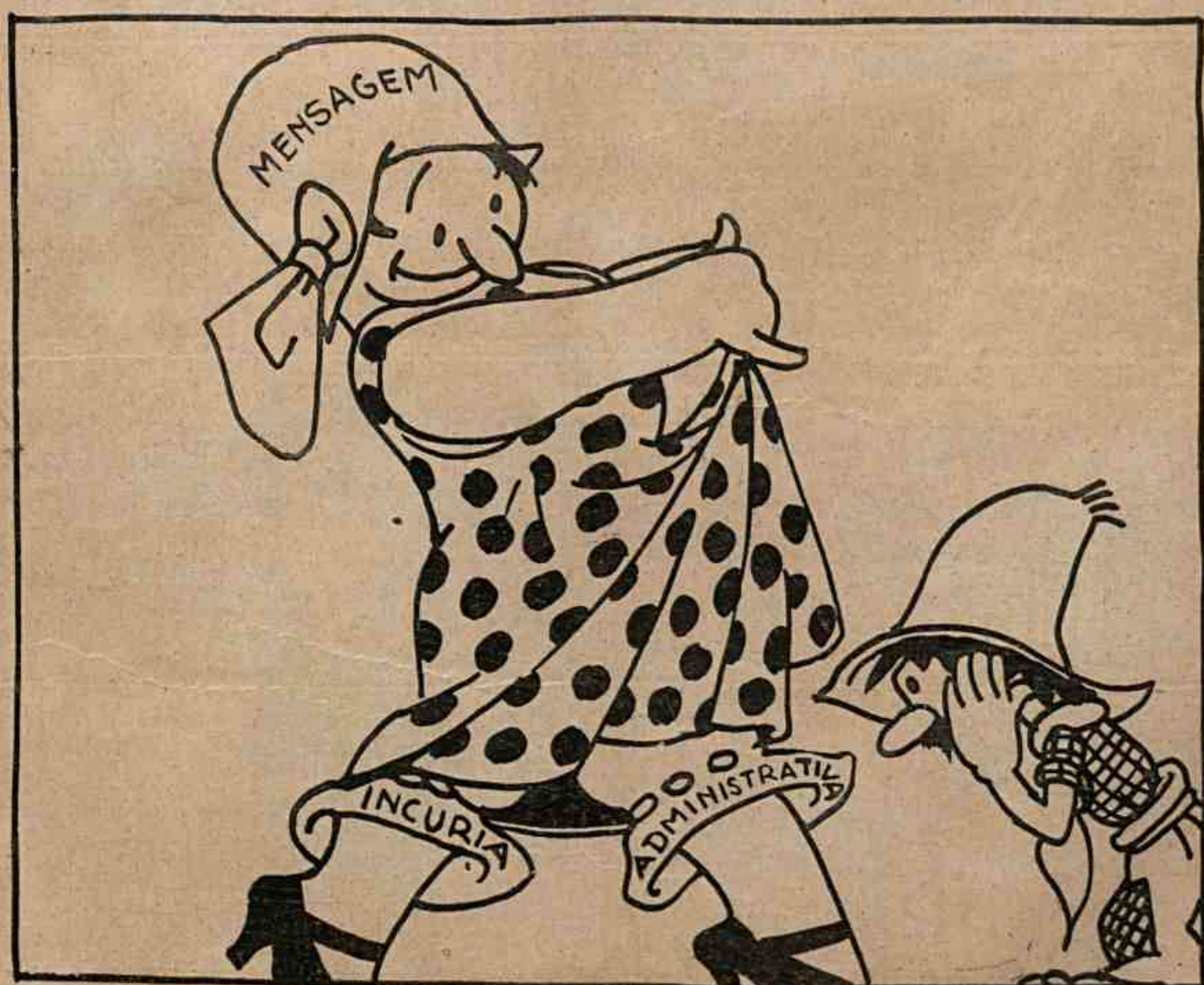
NA ASSOCIAÇÃO CHRISTÃ DE MOÇOS

Ao centro: artistas que abrilhantaram a festa das classes da noite. Como todos sabem já, foi uma reunião encantadora, que ficou na memoria de todos.

Um grupo de athletas da Associação e uma phase dos exercicios pelos Srs. J. Schmidt, Vico Tadei e M. R. Santa

O LOGAR NÃO "INFLÓE"...

O Sr. Eurico Valle foi passar um mez em Chapéo Virado para compor a sua Mensagem

MENSAGEM

INCURIA

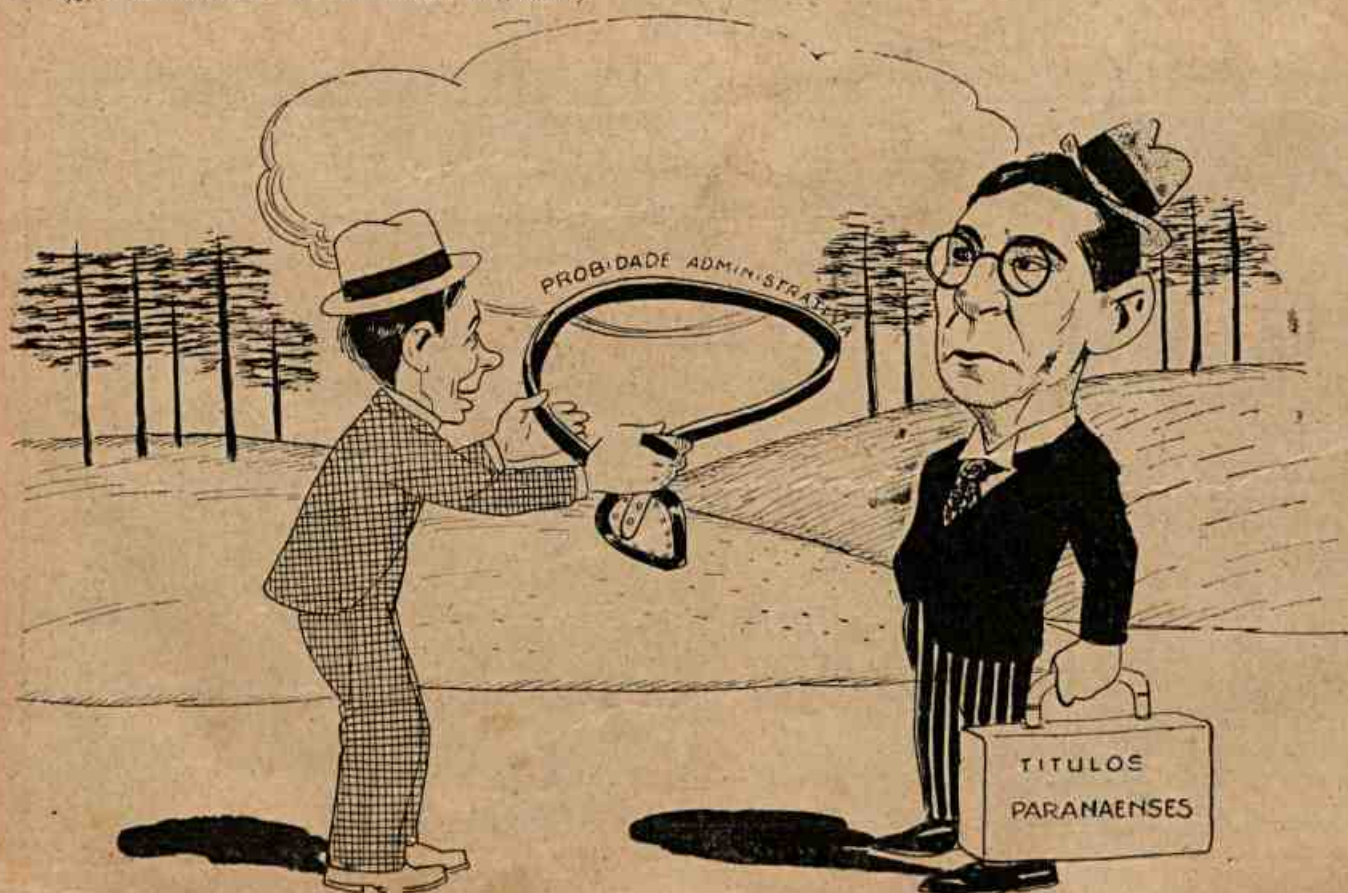
ADMINISTRATIVA

Mas, de Chapéo Virado, ha de sahir uma boa bisca.

CORDA E CAÇAMBA...

(Foi publicado o manifesto do P. R. Catharinense, recommendando para presidente e vice de Santa Catharina, respectivamente, os Srs. Fulvio Aducci e Accacio Moreira.)

JECA: — Você está satisfeito com o Accacio para seu companheiro de chapa?
FULVIO ADUCCI: — Como não? Elle vae ser o meu conselheiro.

CURA CERTA

(As letras de emergencia assignadas pelo governo paranaense estão sendo apresentadas na praça com abatimento de 30%, e mesmo assim não encontram freguezes.)

ZE' POVO PARANAENSE: — Olhe! Para sua quebradeira, só ha um remedio: — é uma boa funda.

GOVERNO "CAVEIRA DE BURRO"

POVO: — Sr. presidente, todo o mundo se queixa do seu governo. Dizem que o descalabro financeiro é tão grande, que o funccionalismo estadoal não recebe os vencimentos ha mais de 3 mezes. A miseria reina em toda a parte.

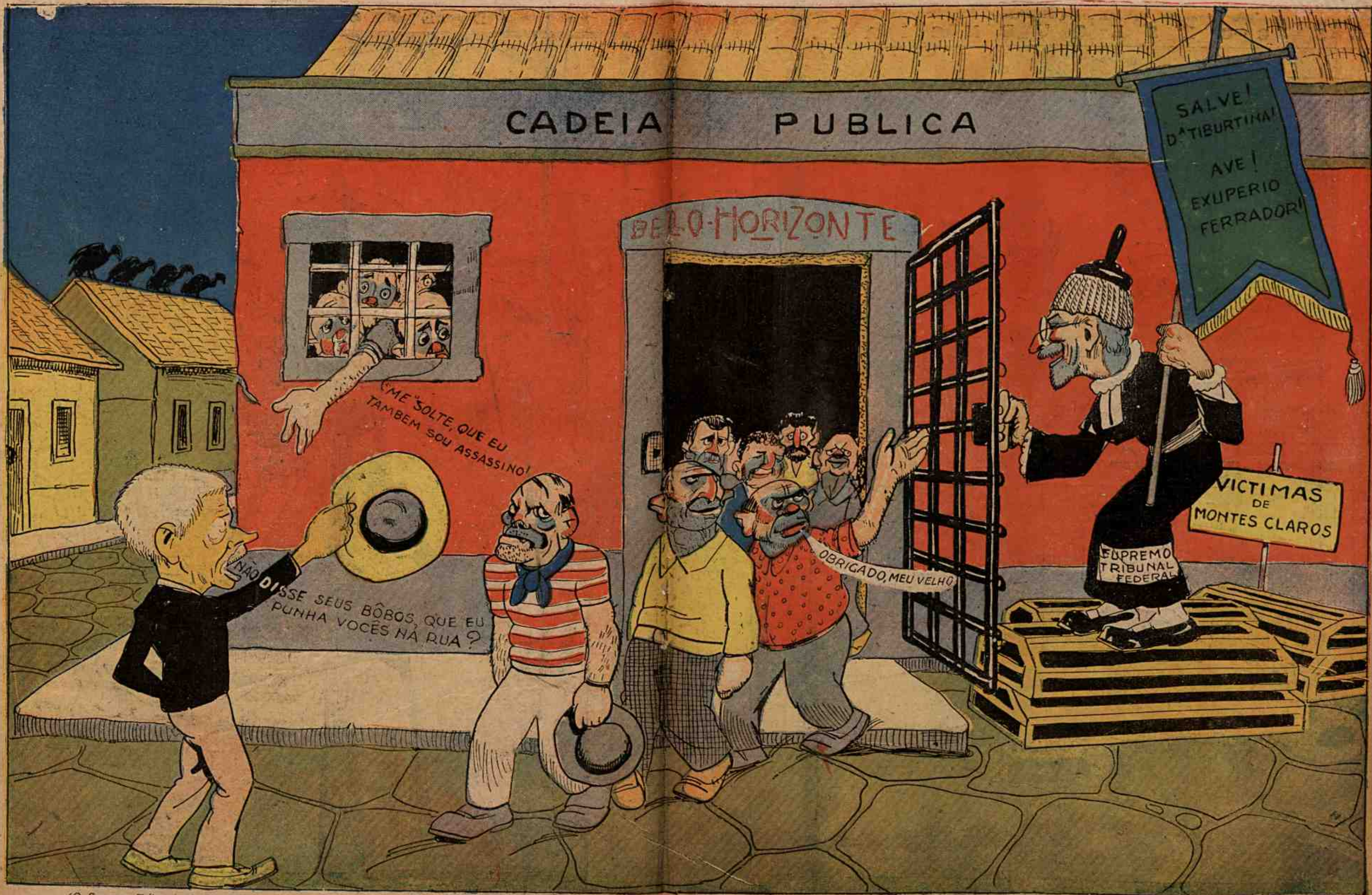
ANTONIO CARLOS: — Isso é derrotismo. Se o povo mineiro fosse mais patriota, deixaria até de comer para me ajudar...

F R A G I L I D A D E

JECA: — Quanta ingenuidade! Não é que elles queriam passar para o lado de lá pelas "teias" do "Aranha"?!

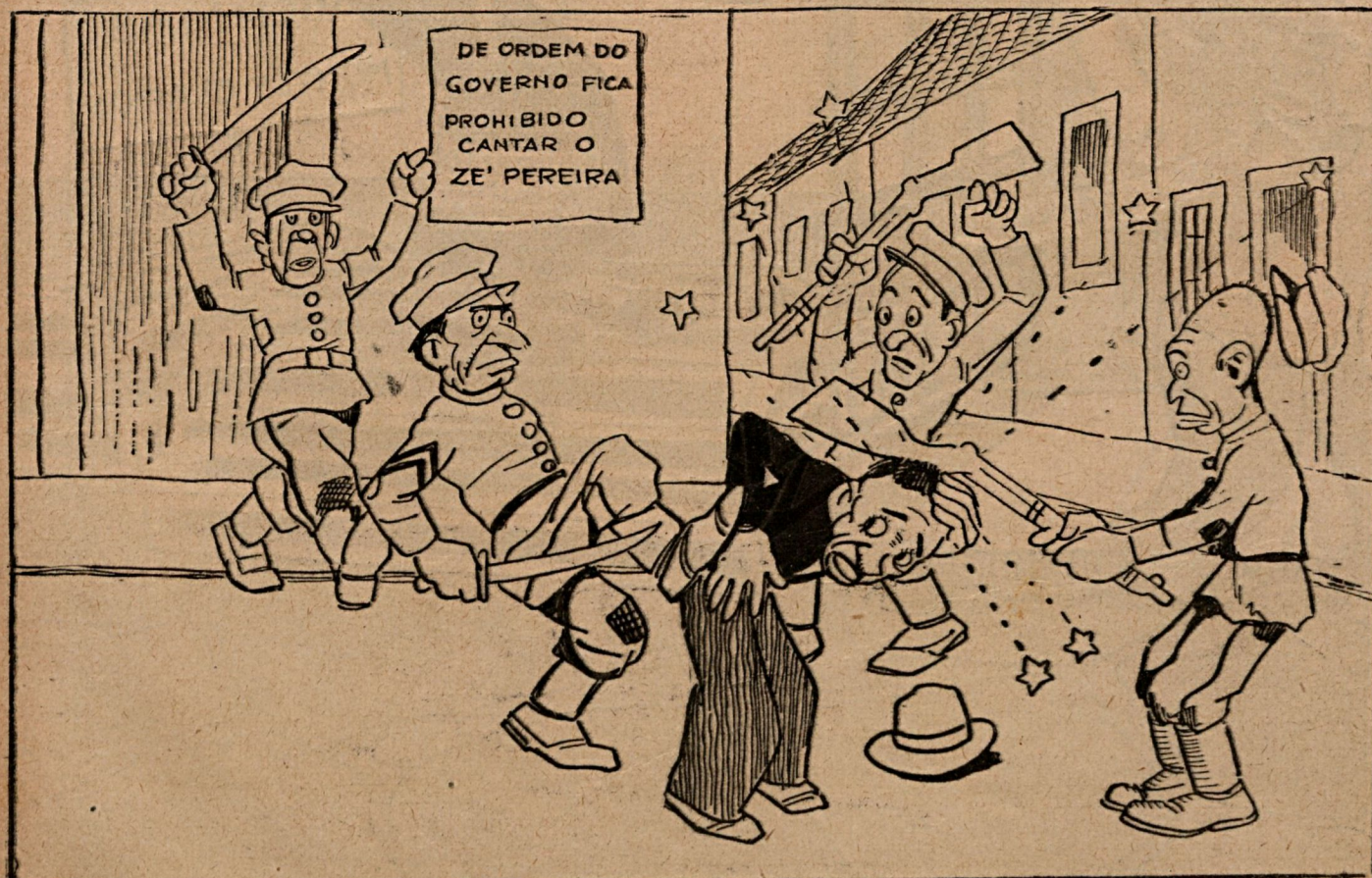
DE CIRCO

JECA: — Este é o mais conhecido artista de circo. Elle sózinho organiza o programma, annuncia o espectaculo. recebe as entradas e, na hora da funcção... nem os musicos apparecem...

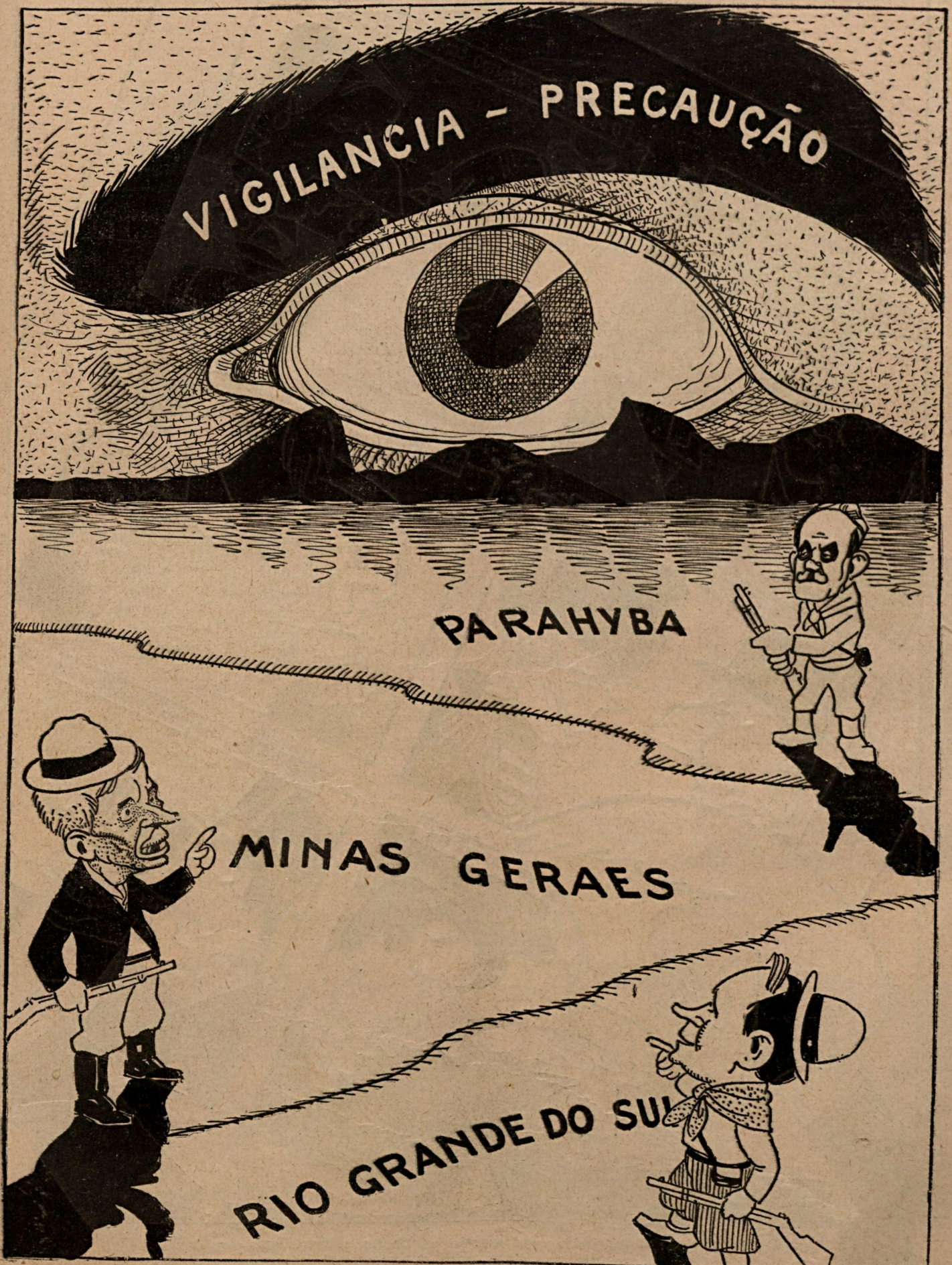
DEFENDENDO A SOCIEDADE...

(O Supremo Tribunal pôz na rua os bandidos que, em Montes Claros, assassinaram 5 pessoas.)

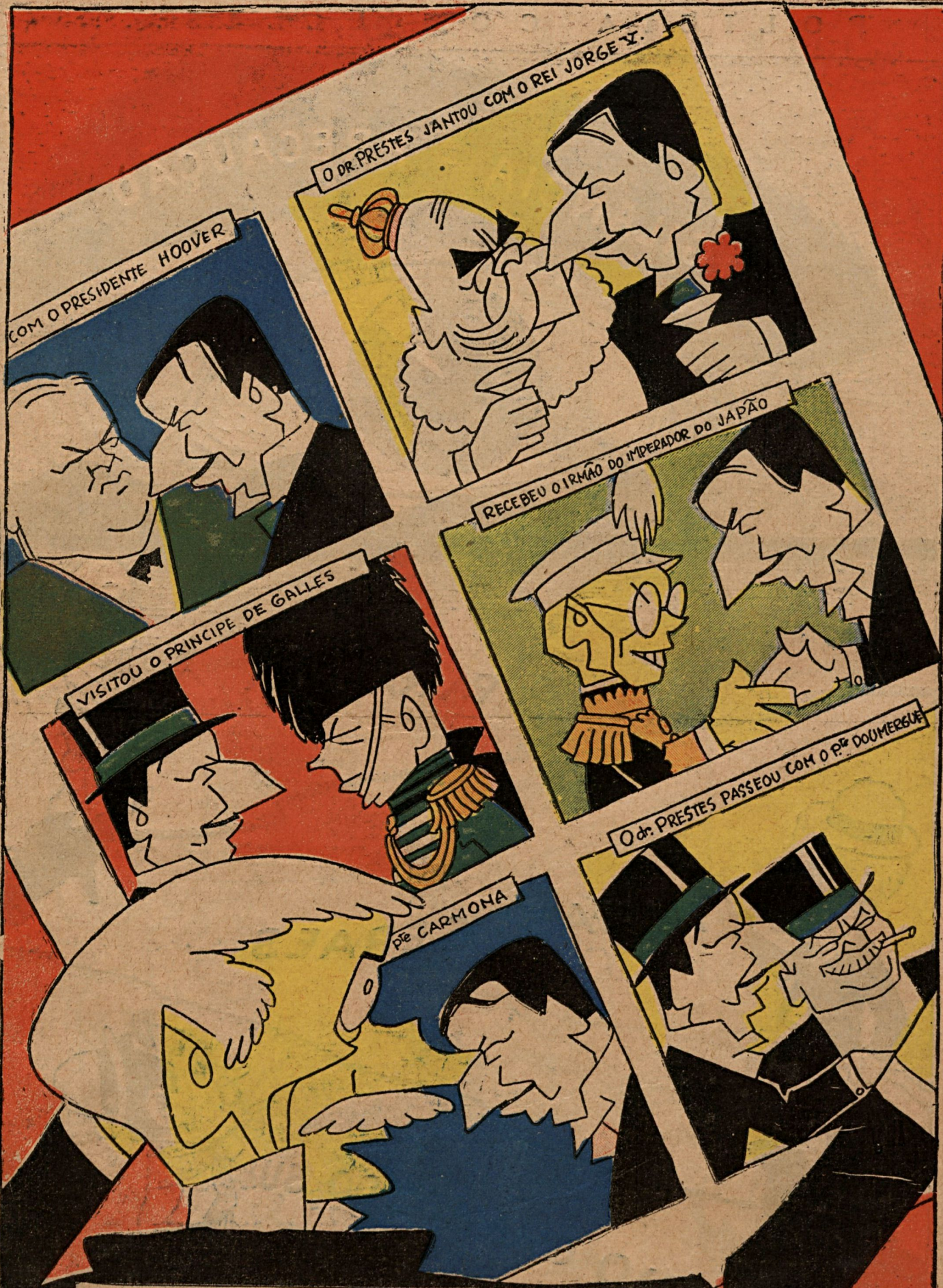
SUPREMO TRIBUNAL: — Podem sahir, meus filhos. Eu garanto a zona...

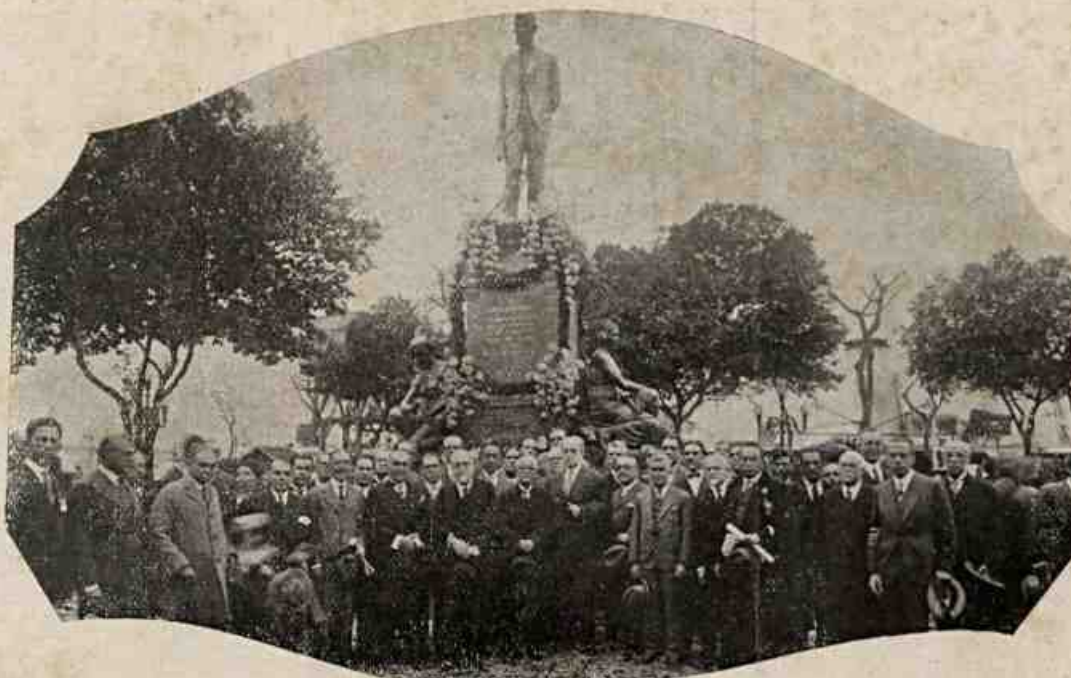
A S   C O N S E Q U E N C I A S . . .

O FORASTEIRO INGENUO: — O sargento póde informar-me se o Sr. João Pessôa já tomou Princeza !

OS POLICIAES: — Toma ! Bandido ! Atrevido ! isso é pergunta que se faça ? ! ! !

O Malho

POLICIA COM ELLES...

JOÃO NANICO: — E' o olho de Moscou?
ANTONICO: — Não. Muito peor. E' o olho do Washington.

D E S E S P E R O

ANTONIO CARLOS: — O Prestes entre os reis, presidentes e imperadores e eu depois de tantas traições, tantos esforços, a dois mezes de ostracismo! Isso é que me damna!

O MONUMENTO AO DR. TEIXEIRA SOARES

Depois da inauguração do monumento ao grande engenheiro brasileiro. A obra, que é de Correia Lima, foi realizada por iniciativa da "Revista de Estradas de Ferro", dirigida pelo nosso confrade L. Souza Lima.

General Menna Barreto, que tantas felicitações recebeu pela passagem de seu anniversario.

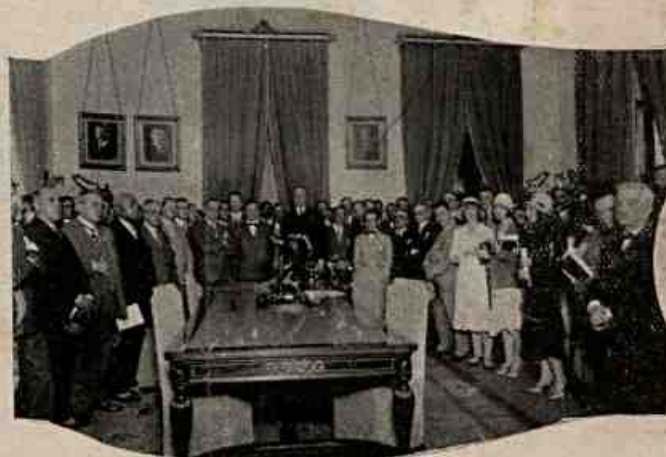
General Menna Barreto

Passou a 30 de Junho o anniversario natalicio do Sr. general João de Deus Menna Barreto, actual Inspector do 1º Grupo de Regiões Militares com séde nesta capital.

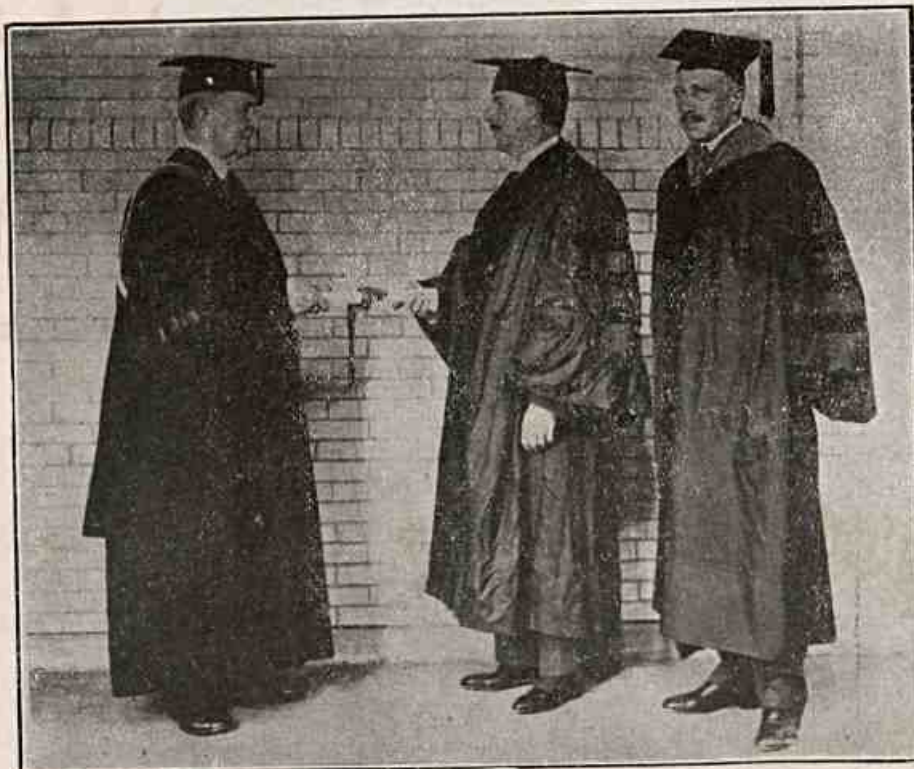
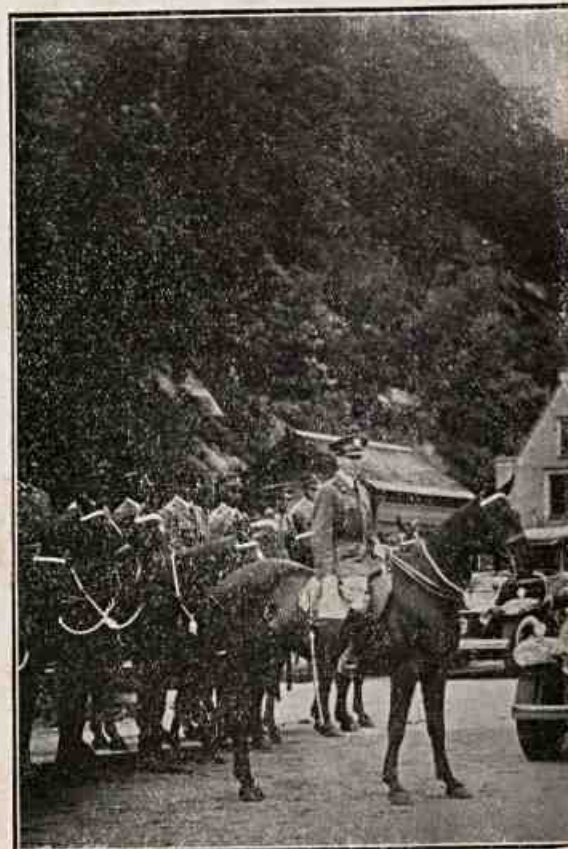
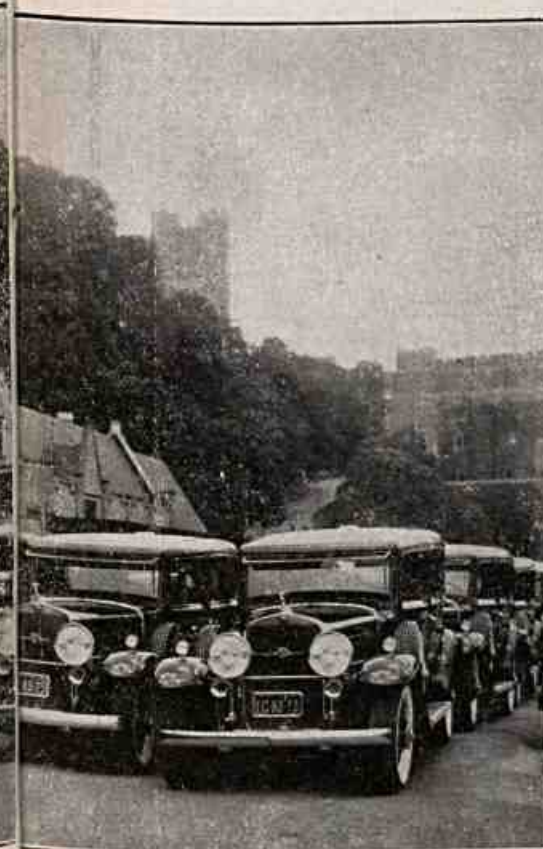
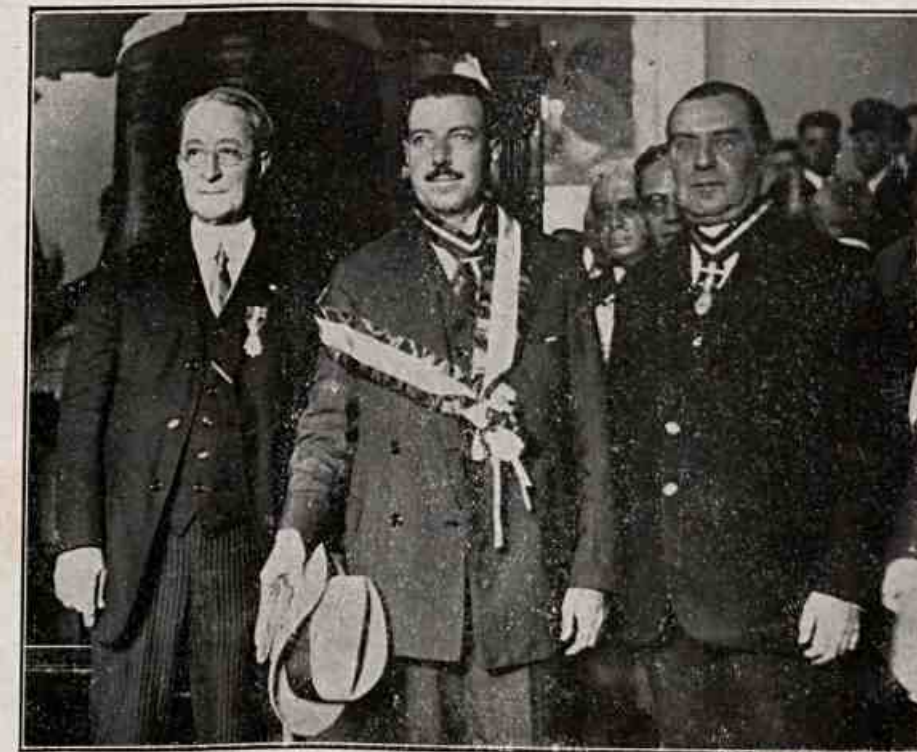
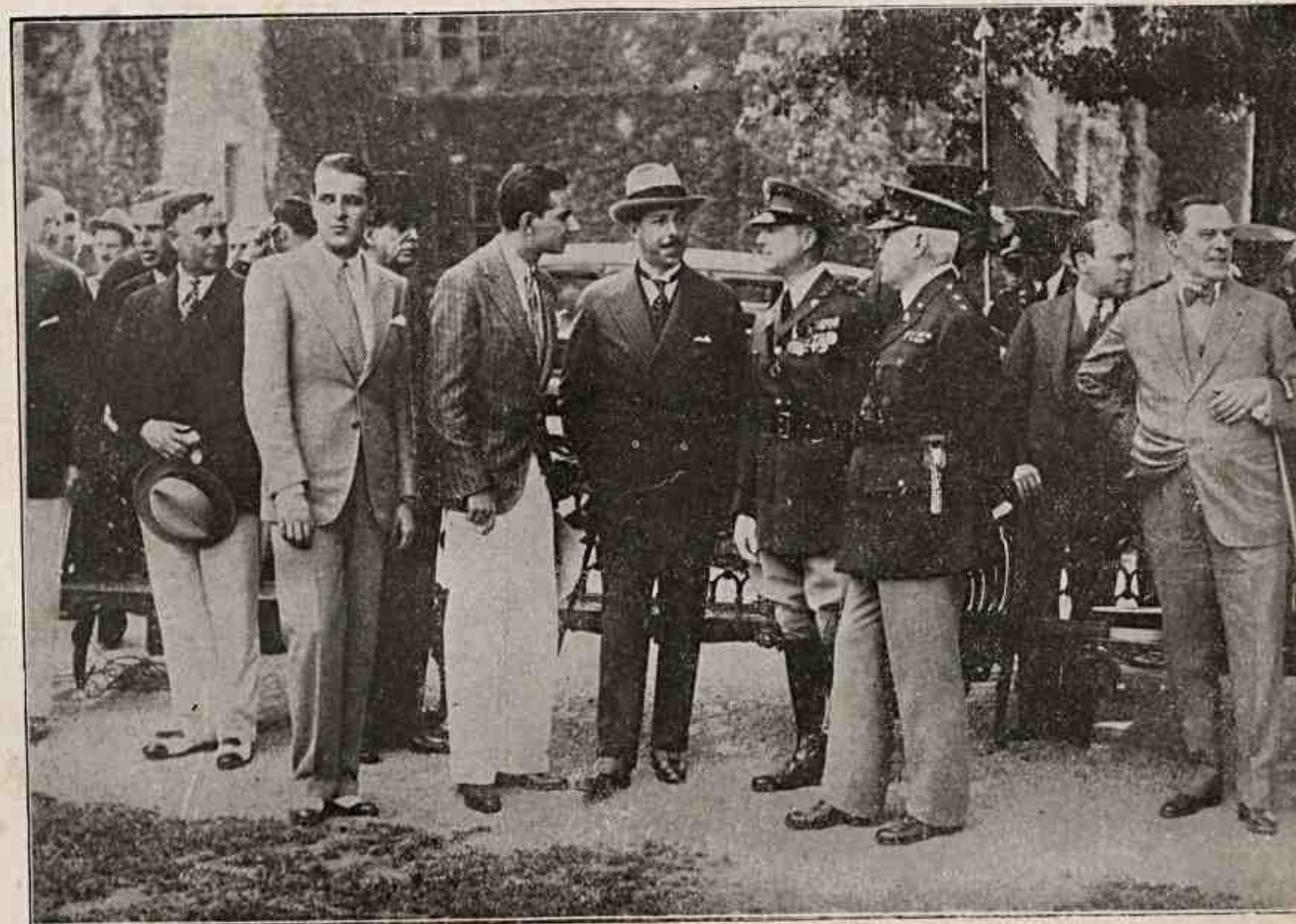
Typo soberbo de soldado de raça, o general Menna Barreto é uma fugura que, por seu ardor patriotico, por seu devotamento civico, pela sua lealdade e valor, encarna com um brilho raro as nossas tradições militares e representa para o Exercito o espirito da ordem e a segurança do progresso.

Parabens ao Exercito por essa data tão festiva de seu eminente general que tanto o ama e tão nobremente o serve.

José Giangiarullo, que vem de publicar em volume a historia do crime de Maria de Macedo.

Após as homenagens que foram prestadas ao commandante Jacob Nogueira, no Club Naval.

Durante a manifestação ao Sr. Dr. Victor Konder, ministro da Viação.

19 — Julho — 1930 O Malho

O PRESIDENTE JULIO PRESTES NOS ESTADOS UNIDOS

O Dr. Josiah Penniman, preboste da Universidade de Pennsylvania, entregando ao Sr. Prestes o diploma de doutor em leis daquella instituição de ensino superior. Ao lado vê-se o Dr. Thomas Gates, presidente eleito da Universidade.

A guarda de honra do presidente Julio Prestes e os automoveis á disposição da sua comitiva.

Em frente ao historico sino da Liberdade estão o Dr. J. Penniman, preboste da Universidade da Pennsylvania; o presidente eleito do Brasil e o embaixador Gurgel do Amaral depois do Sr. Prestes ter recebido o diploma de membro honario da "Ordem do Sino da Liberdade", conferido pela referida Universidade.

Um aspecto da recepção do Sr. Julio Prestes e o mesmo em companhia do major-general William Smith, superintendente da Academia Militar dos Estados Unidos e outras pessoas gradas, passando em revista os cadetes durante a parada realizada por occasião da visita do presidente eleito do Brasil áquelle estabelecimento de ensino superior.

MARIO DE VASCONCELLOS

O Sr. Mario de Barros Vasconcellos, director da Secretaria do Ministerio do Exterior, é um nome que, de ha muito, se familiarizou com a nossa imprensa, assignando, nos jornaes e revistas, trabalhos que muito lhe abonam os meritos de escriptor.

De um longo e intelligente trato com os excellentes archivos daquella casa illustre, tem tirado elle, não só um largo proveito para seu culto espirito, como para as proprias letras do paiz, trazendo aos fastos brilhantes da sua historia diplomatica um contingente de estudos que não só enriquecem o seu patrimonio artistico, como o tornam, sem duvida, mais glorioso, porque mais conhecido e admirado. A essa rica fonte, pertencem os trabalhos que ainda agora vem de dar á luz de publicidade mais duradoura, reunindo-os em volume que subordinou, modestamente, ao titulo de "Motivos de Historia Diplomatica do Brasil". No entender do autor, o seu esforço, como o de outros estudiosos de assumpto, visa apenas carrear algumas pedras para a grande construcção em

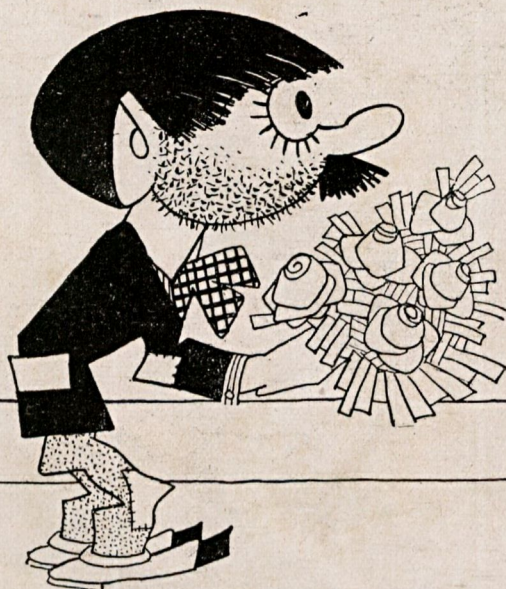
(Termina na pag. 56)

"Miss" S. Paulo"

e

"Miss Pará"

O jantar dansante

O P E R O S I D A D E

JECA AMAZONENSE: — Doutor, venho felicital- o pelo que tem feito pelo nosso Estado !
DORVAL PORTO: — Mas, até agora, não fiz nada !
JECA AMAZONENSE: — Fez, sim "sinhô". Fez annos no dia 10 !

no Hotel dos Estrangeiros

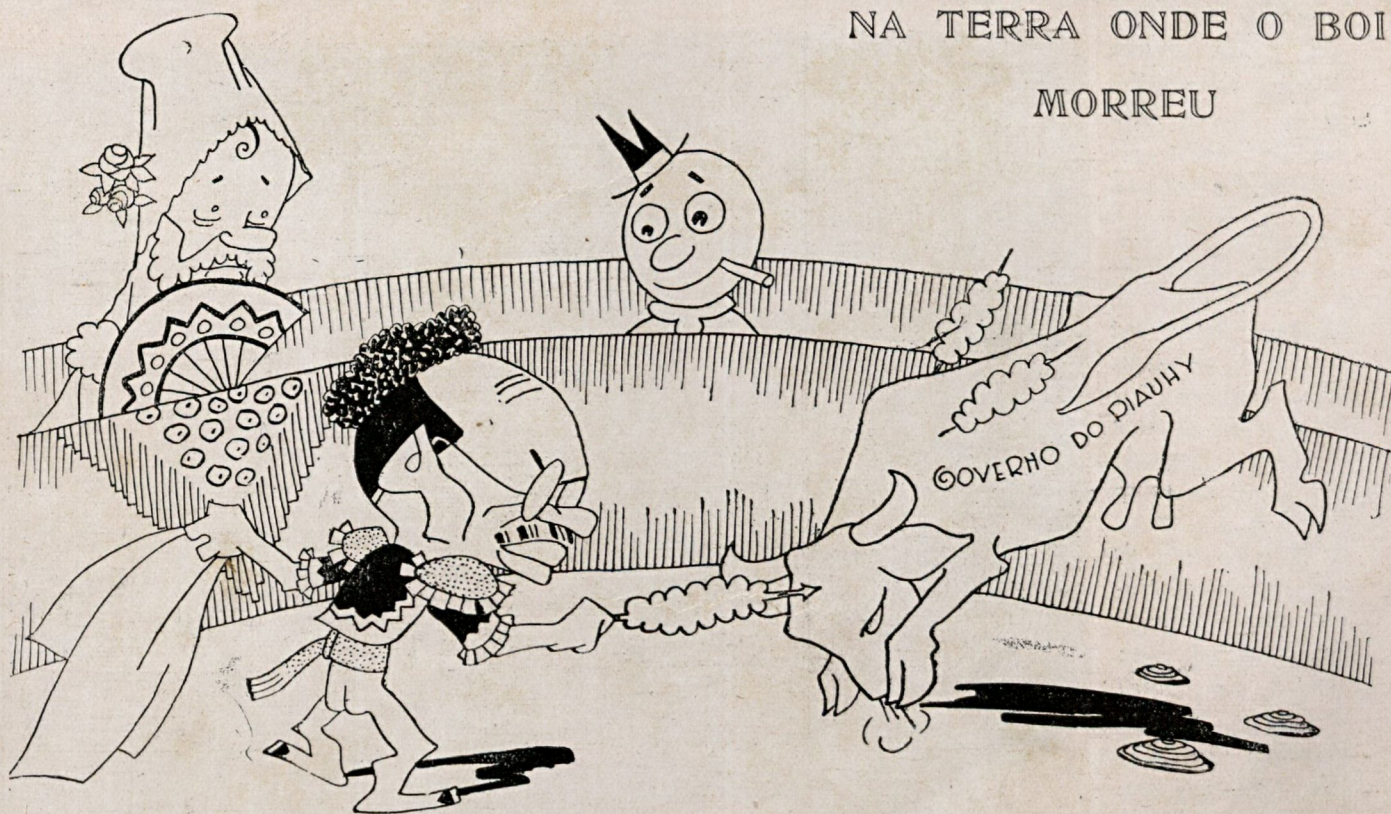
"Miss Pernambuco"
e
"Miss Paraná"

O LIVRO DO DIA

Benjamin Costallat

Como o nosso publico vê, aqui, o autor da "Loucura Sentimental" justifica plenamente o seu livro... Quem não surprehende nesse rosto joven, em plena idade impressiva, um temperamento de romantico que mal se desfarça nas dobras do olhar levemente sombreado por um scepticismo risonho, que corresponde apenas a simples attitude mental ?

No fundo desse analysta, *doublé* de psychologo, o que domina, de facto, é o amoroso de todas as cousas bellas, sejam ainda as mais subtis, que a sua ardente imaginação de tropical persegue, sob a fórma de fantasias ou de sonhos de conquista... É, pois, natural, que a sua obra o traia a cada passo, estabelecendo, entre elle e as suas personagens, umas tantas confusões que o leitor intelligente tem o dever de corrigir...

NA TERRA ONDE O BOI MORREU

JECA PIAUHYENSE: — Firme, "seu" Antonino, que a vacca é mansa! O tempo da vacca brava já passou.

O Malho na Bahia

Grupo feito no cáes Cayrú, por occasião do regresso do Dr. Madureira de Pinho, secretario da Policia. Vê-se o Dr. Madureira de Pinho, tendo á esquerda o Dr. Barros Barretto, secretario da Saude Publica; cel. Americo Pedra, commandante da Policia, e cel. Ataliba Osorio, commandante da Região Militar, cercados de autoridades e amigos.

O regresso do Dr. Madureira de Pinho, secretario da Policia e Segurança Publica do Estado da Bahia. Grupo feito a bordo do "Arlanza", vendo-se o Dr. Madureira de Pinho entre o Dr. Prisco Paraiso, secretario do Interior, e o desembargador Pedro Ribeiro, presidente do Superior Tribunal de Justiça do Estado.

◈ ◈ ◈

Os Drs. Guilherme Marback, Pimenta da Cunha e Bernardino de Souza, em frente ao Instituto Historico, com o sacco de terra retirada dos campos de Pirajá, a ser enviado para o plantio de uma arvore no Museu Ruy Barbosa. Com o sacco de terra seguirá um barril de agua do Rio São Francisco para as primeiras régas dessa arvore.

Os Drs. Bernardino de Souza, secretario, e Arnaldo Pimenta da Cunha, thesoureiro do Instituto Historico da Bahia, e Guilherme Marback, representante do governo do Estado, colhendo terra no Largo de Pirajá, no local em que o Exercito Libertador entrou na cidade, a 2 de Julho de 1823. Essa terra seguirá para o Rio, afim de que seja plantada uma arvore no jardim do Museu Ruy Barbosa.

JULHO 6 DOMINGO

DIA A DIA

JULHO 12 SABBADO

CENTENARIO DO URUGUAY

Iniciaram-se em Montevidéo as grandes solemnidades officiaes e os festejos populares commemorativos do primeiro centenario da independencia do Uruguay. A adeantada Republica visinha fez um dia parte da irmandade das provincias brasileiras. Era a Cisplatina do 1º Imperio. Mas quiz ter a sua soberania propria, e teve-a, sem quebrar os sentimentos de cordialidade sincera que liga o seu grande povo ao nosso, parentes tão proximos que são da familia americana. Do movimento victorioso do Trinta e Tres, até á actual administração do Dr. Juan Campisteguy, com o Dr. Baltasar Brun na presidencia do Conselho, a evolução progressista do Uruguay é todo um capitulo brilhante da carreira ascensional de um povo digno de ser mostrado aos demais como exemplo.

Dr. Juan Campisteguy.

EMBAIXADOR BERNARDO ATTOLICO

O cav. Bernardo Attolico e sua excellentissima esposa fizeram já as suas despedidas ao corpo diplomatico e á sociedade brasileira, por terem de seguir para a Europa, transferidos que foram, como noticiámos em edição anterior, do Rio para Moscou, como embaixadores italianos. O casal Bernardo Attolico deixa, entre nós, amizades sinceras, isto só significando muito, já, como affirmativa da efficiencia de sua missão no Brasil. Entretanto, outros factos mais concretos ficam registrados no Itamaraty como provas de sua operosidade diplomatica e que plenamente justificam os votos que todos os brasileiros fazemos para que na União Sovietica igualmente brilhante seja a sua actuação no interesse da grande patria italiana.

Cav. Bernardo Attolico.

A OFFICIALIZAÇÃO DO ALCOOL-MOTOR

São da ultima mensagem do governador Vital Soares ao Congresso da Bahia as palavras seguintes:

"A crise do assucar suscitou o aproveitamento do mel na fabricação do alcool desnaturado, para ser utilizado nos motores de explosão como succedaneo da gazolina. O assumpto, que vem de ha muito preoccupando a attenção dos nossos meios industriaes, parece ter agora entrado no dominio das realizações.

As experiencias que foram feitas satisfazem plenamente. Por isso não duvidarei em prestar todo o apoio do Governo á iniciativa dos industriaes bahianos, mandando utilizar o "Alcool-motor" nos automoveis e caminhões do Estado e fazendo, pela Secretaria da Agricultura, experiencias que se coroaram de exito completo. Avaliareis o alcance economico da utilização do alcool em logar da gazolina, que é um artigo de importação e de alto preço.

Além de se collocar o alcool, que é producção industrial do Estado, evitar-se-á a sahida de ouro para o estrangeiro, diminuindo-se a acquisição da gazolina.

Outros Estados já enfrentaram victoriosamente esse problema. De nossa parte cumpre-nos cuidar delle com interesse."

CARDEAL VANUTELLI

O fallecimento do cardeal Vicente Vanutelli, Deão do Sacro Collegio, representa para a Igreja uma grande perda. Nascido em 1836 e purpurado em 1889 por Leão XIII, o cardeal Vannutelli, presidindo as reuniões dos cardeaes, que frequentemente têm logar no Vaticano, demonstrou sempre um zelo pela santa causa da religião inspirado na mais inabalavel fé nos mandamentos da lei de Deus e do seu Vigario na Terra. Os seus quasi cem annos de existencia foram, todos elles, ferteis em obras fecundas de piedade christã e de amor á humanidade. Sua Eminencia, que foi bispo da Palestina e nuncio em Lisboa, era irmão do cardeal Serafini Vanutelli, outra gloria da Igreja de Roma.

Cardeal Vanutelli.

UMA DATA SUL-AMERICANA

O dia 9 de Julho, a grande data anniversaria da independencia argentina, proporcionou-nos o ensejo feliz de demonstrarmos, de publico, quanto no nosso paiz são admiradas as virtudes progressistas da adeantada Republica do Prata, mons tras de regosijo não Essas de çóes de reverença se circumscreveram á presença protocollar de unidades da Armada brasileira no porto de Buenos Aires, em homenagem á maior ephemeride da Republica Argentina. A imprensa brasileira, numa unanimidade que mostra o quanto nisso está ella identificada com os sentimentos americanistas do nosso povo, saudou o 9 de Julho como uma verdadeira data sul-americana, referindo-se encomiasticamente, na pessoa do presidente Irigoyen, á nobre nação amiga.

Dr. Hipólito Irigoyen.

AFFONSO XIII IRA' A LISBOA

E' digno de nota o movimento, cada dia mais accentuado, de approximação dos povos que se ligam por affinidades ethnica, num proposito muito louvavel de desfazerem as prevenções que sóem ser communs entre membros de uma mesma familia. Não ha muito tempo, o general Carmona levou á Hespanha, numa visita de significativa cordialidade, os propositos que animam nesta hora a patria portugueza. Agora annuncia-se que o rei Affonso XIII projecta retribuir, por todo este anno, aquella visita, que acabará de fortalecer os laços de solidariedade moral e espiritual dos dois grandes povos ibericos, apagando, de vez, entre os mesmos, qualquer vestigio de animosidade ou rivalidade politica porventura ainda existente.

Affonso XIII.

O ANNIVERSARIO DE ROCKEFELLER

John Rockefeller, o famoso multimillionario americano, é um symbolo perfeito da verdadeira philosophia de Epicuro. Possuindo um genio commercial isento das ambições que se alimentam na insaciedade das paixões humanas, Rockefeller realizou, aos sessenta annos, uma grande fortuna. Retirou-se, então, á vida privada. Tinha o bastante para economizar dahi em deante as suas energias physicas. E mais que isto: o sufficiente para espalhar, por toda a terra, com os infelizes e os soffredores, os beneficios immensos inspirados pelo seu grande coração. O seu 91º anniversario, agora festejado em todo o mundo com as maiores manifestações de alegria, focalizou o nome de Rockefeller como um exemplo digno de ser mostrado á cupidez das gerações de hoje, egoistas e viciosas.

John Rockefeller.

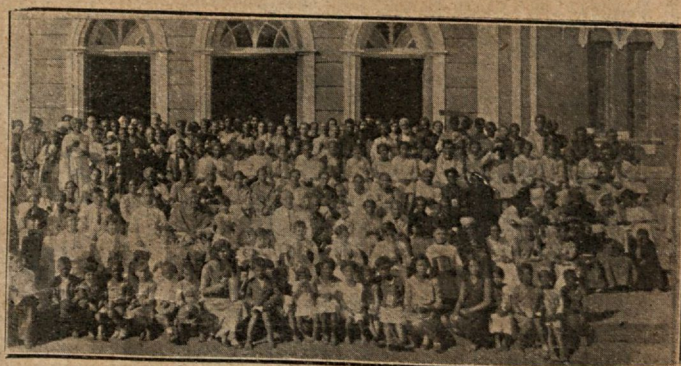
A VISITA DE D. ASSIS Á PAROCHIA DE PASSOS, EM MINAS

O bispo D. Assis, tendo á direita monsenhor João Pedro e, á esquerda, o padre Felippe Abrão de Oliveira e uma visita de D. Assis aos presos de Passos, para os quaes rezou a santa missa.

A cidade de Passos, no Estado de Minas, foi honrada ha pouco com a visita do virtuoso prelado S. Ex. Revma. D. Assis, que teve opportunidade de conhecer pessoalmente, o zelo inexcedivel com que dirige o rebanho espiritual daquella parochia o Rev. padre Felippe Abrão de Oliveira.

O joven e incansavel vigario de Passos, que é um espirito intelligente e culto, soube conquistar as sympathias geraes dos seus parochianos, que o cercam da mais commovida estima, admirando as suas bellas virtudes de sacerdote e de cidadão.

Padre Felippe Abrão de Oliveira, vigário da parochia de Passos

Foi o que em pessoa teve a alegria de ali verificar o bispo D. Assis, a quem o padre Felippe Abrão de Oliveira proporcionou um contacto intimo com todas as classes sociaes.

A Pia União das Filhas de Maria, de Passos, e os pobres da mesma cidade cercando o bispo num eloquente testemunho do efficiente apostolado christão naquella freguezia.

UMA BOA CHARADA

O Dr. Fabio Rodrigues, naquella tarde, a falta de um assumpto que merecesse as suas attenções de medico de nomeada, perguntou subitamente ao seu collêga Cypriano, da Academia, se era dado a charadas. Respondeu-lhe Cypriano que, lá de vez em quando, para matar o tempo, se entregava ás torturas de Œdipo, e não seria, por certo, naquelle momento, que deixaria de dar attenção ao amigo.

— E' o seguinte, começou Fabio. Se fôres um homem arguto, em menos de um segundo terás resolvido o problema.

Ora, ouve lá. E' uma novissima.

— Dize.

— Uma medida, uma mulher e um poderoso antiseptico. 2—2.

Passou-se um minuto. Cypriano esboçou um sorriso.

— Que é ? Não resolves ?

— Ora, Fabio, não fosse eu um medico. Uma medida é METRO, uma mulher, LINA. Um poderoso antiseptico, METROLINA.

— Dou-te os meus parabens !

— Pudéra! Eu ando aconselhando esse producto, espicialmente ás senhoras, na sua hygiene mais intima!

HOMENCA

Já vendi tudo o que tinha,
só me falta a mulher e a sogra.
— Não conheces algum domador?

Carro para a venda ambulante de revistas e jornaes, nas ruas da Bahia, inaugurado pelo Sr. Alfredo Souza, agente da Sociedade Anonyma "O Malho". O Sr. Alfredo Souza — que se vê de branco á direita do carrinho — festejou a sua innovação offerecendo um chopp aos amigos e distribuindo ao publico cerca de 2.000 exemplares do "O Malho", "Para todos...", "Cinearte" e outras revistas.

A melhor revista infantil é sem duvida, O Tico-Tico, pois elle traz em seu texto o melhor passatempo que instrue e educa a petizada.

Zulmira teve um nenem.

Até ahi, muito bem.

Diz-lhe o doutor que a examina:

— "Foi feliz, mas seu estado

"Requer, ainda, cuidado.

"Use sempre Metrolina."

Academia Commercial Ruy Barbosa

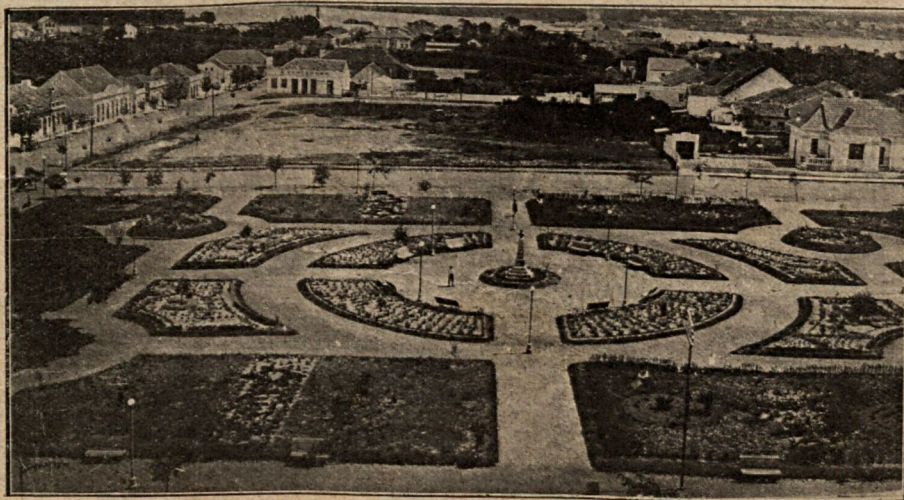
A capital de São Paulo, que para muitos é conhecida através de sua admiravel actividade, por isso que constitue o maior centro industrial não só do Brasil, como de toda America do Sul, é, por sua vez, uma cidade onde a instrucção publica e privada tem tomado grande surto.

A prova disto são os estabelecimentos de ensino que installados aos lados das fabricas e das officinas, contribuem cada vez mais para prodigalizar ao filho do operario e aos jovens das classes mais modestas, uma educação pratica compativel com as necessidades da vida moderna.

Entre estes está, sem duvida, a Academia Commercial Ruy Barbosa, que orientada pelo Professor Luciano Maia, seu director-presidente, e D. Alice Botelho Maia, tem cooperado bastante em pról de tão nobre cruzada.

Tendo adquirido o antigo Externato Freitas, o Sr. Luciano Maia soube de tal modo continuar a boa reputação que gosava este estabelecimento, que os antigos alumnos permaneceram no novo educandario, havendo muitos dentre elles terminado o curso sob suas vistas zelosas.

Installada em edificio que satisfaz plenamente a todas as exigencias da pedagogia moderna, a Academia Commercial Ruy Barbosa mantém desde os cursos preliminares aos gymnasiaes, commerciaes e de admissão ás Escolas Normaes.

Ainda ha pouco, por acto de louvavel justiça, o governo de São Paulo acaba de conceder-lhe os favores da lei 969 de 1º de Dezembro de 1905, a qual dispensa de concurso os candidatos aos empregos publicos por ella diplomados.

"O Malho" no Rio Grande do Sul — Praça Dr. Julio de Castilhos, em São Jeronymo.

DUAS JUSTAS PROMOÇÕES

Raul Hecksher

A promoção de funccionarios aos postos de accesso é facto que, em geral, não tem repercussão senão nas proprias repartições dos promovidos. Assim não aconteceu, no emtanto, com as recentes promoções a chefes de secção dos primeiros officiaes Raul Hecksher e Alfredo de Souza Barros da Directoria Geral dos Correios. O governo da Republica, assignando os actos que elevou a dirigentes do serviço os dois competentes servidores da Nação, demonstrou o criterio de selecção de valores, valores reaes, nas dependencias da administração publica. A promoção a chefes de secção da Directoria Geral dos Correios dos Srs. Raul Hecksher e Alfredo de Souza Barros, dois funccionarios competentes e de ha muito considerados como conhecedores, que são, da technica postal, é uma garantia para a melhor execução dos serviços dos Correios. E por ser assim é que as promoções dos dois chefes a que nos referimos constituem motivo de satisfação geral para os funccionarios postaes e para o povo que se utiliza dos serviços dos Correios

Alfredo de Souza Barros

Lyceu Bernardino de Campos e Academia Commercial Brasil, de São Paulo

Situado num dos pontos mais aprazíveis da Paulicéa e dispondo de uma installação privilegiada para um estabelecimento no seu genero, o Lyceu Bernardino de Campos que funcciona conjunctamente com a Academia Commercial Brasil, constitue não só uma prova do que a iniciativa particular tem feito pela instrucção no maior centro industrial do paiz, como tambem demonstra a extraordinaria vitalidade paulista, em todos os ramos do progresso.

Os edificios do Lyceu abrangem uma superficie superior a 15.000 metros quadrados, havendo nesta grande area recreios arborizados, piscina, campo para football e amplos terrenos para cultura dos exercicios physicos.

Particularidade deveras interessante por isso que, entende directamente com a technica da moderna pedagogia, é saber-se que, o Lyceu Bernardino de Campos possue uma grande chacara, onde os alumnos podem fazer pequenas experiencias de agricultura, de accordo com as theorias anteriormente recebidas em aula.

Da visita que fizemos ao conhecido educandario, tivemos a mais satisfatoria impressão não só, sob o ponto de vista da hygiene, como da organização geral dos cursos e principalmente pelo carinho com que a actual directoria, empenhada em manter o conceito legado ao instituto pelo saudoso fundador Professor Guilherme D'Amelio, tem sabido orientar a vida de tão bella fundação, de modo a fazel-a merecedora da confiança que sempre inspirou áquelles que lhe entregam seus filhos para a sagrada tarefa da educação.

INDIOS BUGRES DO RIO PLATE — Estado de Santa Catharina — O Dr. Simoens da Silva, que os visitou no fim do mez de Maio deste anno, está ao centro de braços com duas indias.

Sra Camelia Azevedo, esposa do administrador dos Correios do Amazonas.

A UM ENDEFLUXADO

Teu continuo espirrar fatiga e irrita
Quem te rodeia e ao teu penar assiste!
Esse defluxo põe a gente afflicta.
Quem te vê se emociona, fica triste...

Como agora, talvez nunca tossiste!
Essa grippe que tens, te incapacita
De ser feliz. E se esse mal persiste,
Que tu não morras o bom Deus permitta!

Mas o culpado és tu, muito culpado
De assim teres chegado a tal estado,
Pois, da tua saude, ha muito em pról,

Recommendei-te reiteradamente
Que, para esse defluxo renitente,
Havia um remedio ideal: o Transpirol!

HOMENCA

Entre todas as publicações
Cinematographicas
prefiro e preferirei o
"Cinearte-Album"
que está preparando,
para 1931,
uma edição luxuosissima
com bellos Retratos Coloridos
dos maiores Artistas de
Todo o Mundo

"ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", orgão de alta cultura literaria e artistica do paiz, contendo reproducções de quadros dos melhores pintores brasileiros.

O bom sempre vence

Experimente o novo **Preto Berryloid** *denominado* **Berryloid Intence Black.**
Siga a flecha e repare que cada lata genuina tem seu numero.

Peçam informações aos agentes geraes para São Paulo:

L. Antonio Zuffo & Cia. Ltd.

LARGO GENERAL OSORIO, Nº 9 - SÃO PAULO

COMO ESTE GLOBO
Conterá o
Almanach do "O MALHO"
de 1931
um pouco de
todo o
mundo

Traducção de ALBERTUS DE CARVALHO

POBRE Murphy! — exclamou meu camarada Nonesy.

— Pobre quem? perguntei eu.

— Murphy — respondeu Jonesy.

— Quem é Murphy?

— Era o rapaz mais bonito que já vi na minha vida. Media seis pés de altura e tinha a fortaleza de um Sansão. Era formoso como uma estatua grega.

— E que era o tal de Murphy?

— Camarada meu — respondeu Jonesy seccando uma lagrima com as costas da mão — só em pensar que jamais tornarei a vel-o...

— A quem?

— A Murphy — respondeu Jonesy.

— Morreu?

— Quem?

— Murphy — disse eu.

"A Ilha dos Monstros" é um dos mais curiosos trabalhos de Will Scott, contista inglez de illimitada imaginação. É a historia pittoresca de dois naufragos que tiveram a desdita de encontrar uma fantastica e original ilha desconheçida de qualquer ser vivente no mundo. E o que ahi viram... — ah! leitores! — o que ahi viram... nenhum outro escriptor de imaginação ainda viu ou fantasiou.

— Não — respondeu Jonesy.

— E por que não voltarás a vel-o mais? — inquiri eu.

Outra lagrima assomou aos olhos de meu camarada e resvalou pela sua face como uma gota crystallina.

— A menos que consiga escapar-se, não voltarei a vel-o mais. Murphy nunca teve sorte. No emtanto, eu a tive.

— Que queres dizer com isso? — interroguei.

— Eu consegui escapar — disse Jonesy. Aproveitei uma noite em que não havia lua, desci velozmente as montanhas, preparei uma jangada e, amparado pela escuridão da noite, lancei-me ao oceano.

— Sem Murphy?

— Haveria sido fatal para mim tentar trazer Murphy.

— E depois, amigo Jonesy, que aconteceu?

— Durante tres dias e tres noites estive só, na immensidão do oceano. Depois de padecimentos varios fui recolhido por um vapor. Narrei — continuou Jonesy — a meus salvadores o que nos havia occorrido e então mudaram de rumo em busca da ilha. Como poderiamos resgatar Murphy?

— Que ilha é essa? — perguntei eu.

— Precisamente é o que ia dizer... Ninguem a conhece.

— Queres explicar-me, Jonesy, do que me estás falando?

— Da ilha, essa é boa!

— Que ilha?
— Da Ilha dos Monstros.
— Dos Monstros? E que ilha é essa?
— A ilha onde naufragámos, Murphy e eu.
— Ah! De modo que vocês haviam naufragado?
— Acaso não t'o disse ainda?
— Não.

Sete dias com suas sete interminaveis noites — disse meu camarada Jonesy — Murphy e eu estivemos á mercê das ondas, em pleno oceano. Quando conseguimos chegar á ilha, arrastámos a taboa salvadora até á praia e fomos dar uma volta para explorar o local. Quando regressámos, uma mulher barbada estava roubando a taboa.

— Um quê? perguntei com estranheza.

— Uma mulher barbada. Ao vermos seu atrevimento, demos-lhe quatro frescas palmadas; ella, porém, poz-se de mau humor, levou os dedos á bocca, deu um agudo assobio que devia ser um signal, e, em seguida, appareceram outras quinze mais.

— Outras quinze quê?

— Mulheres barbadas. Uma vinha atraz da outra. E as dezeseis começaram a pedir soccorro. Acudiu um par de esqueletos viventes, vestidos de correctos uniformes azues de policia, com botões dourados e *kepis* vermelhos e nos agarraram. Depois, as mulheres, nos beliscaram de morte.

— Um par de quê?

— De esqueletos viventes — confirmou Jonesy, enxugando outra lagrima.

CONDUZIRAM-NOS á presença de um magistrado. O juiz era um phenomeno. Tinha tres olhos e sete dedos em cada mão. Ordenou que nos detivessem sob custodia e entregou-nos a um guarda que era setenta vezes mais gordo que o mais gordo que já viste em tua vida. O guarda disse-nos que nos daria um soberbo bofetão se intentassemos a fuga.

— Falava em inglez? — perguntei.

— Como tu e eu — disse Jonesy — naquella ilha todos falavam inglez.

— Continúa.

— Muito bem. O guarda perguntou-nos donde vinhamos; e quando mencionámos a Inglaterra, disse que não conhecia isso em nenhuma parte do mundo. Entretanto, á medida que caminhavamos, um soldado armado até os dentes veiu ao nosso encontro. Esse soldado media mais de oito pés de altura e tinha uma cabecinha das dimensões de uma maçã. Curvando-se como se fosse de gomma, metteu duas vezes a cabeça em um dos seus bolsos e, á terceira vez, retirou-a trazendo entre os dentes ponteagudos e diminutos uma carta que entregou ao que nos prestava guarda. Era uma ordem para que nos levassem á presença do rei.

— O quê! — exclamei assombrado.

— E foi assim, meu caro que tivemos uma entrevista com S. M. o rei — continuou Jonesy — Sua Majestade era um anãozinho que não alcançava mais que vinte e quatro pollegadas de estatura. Necessitava sentar-se sobre sua corôa para nos ver. A rainha tambem estava ali. Era uma mulher com cara de mula e em lugar de mãos tinha cacos de ossos. Estava seriamente atarefada, engulindo um prato de areia. Muito bem. O rei deu uma moeda de propina ao soldado que nos conduziu á sua presença, dizendo-lhe que esperasse lá fóra.

— Isso quer dizer que tinham dinheiro, não? — perguntei.

— Todos tinham muito dinheiro — respondeu-me Jonesy.

— Continúa.

— Muito bem. O rei perguntou-nos donde vinhamos, e quando lhe dissemos que foi de Inglaterra, respondeu-nos que não conhecia tal lugar.

— Que coisa rara! — commentei.

— Muito rara — juntou Jonesy — por mais que lhe explicassemos não conseguimos fazel-o entender nada. Mandou depois encerrar-nos em um calabouço e essa noite vendeu-nos a um dos seus subditos. Esse homem de feições horrorosas encerrou-nos em uma jaula.

— Não te detenhas — exclamei — o caso está-se tornando interessante.

— Uma noite — proseguiu Jonesy — descobri uns papeis contendo as lendas e os mythos da ilha, e, graças a elles, tive a revelação de tudo.

— Que tudo?

— A existencia da ilha.

— Prosegue.

E Jonesy proseguiu:

— Ha muitos, muitissimos annos, a nave onde vinham os elementos de um circo que regressava da Australia a Southampton, abalroou contra uma rocha e sossobrou. Todos se afogaram menos os phenomenos, que conseguiram nadar até á ilha. Como te digo, o naufragio occorreu ha muito lustros. Os monstros primitivos haviam morrido, sua maldita descendencia, porém, entrecruzou-se e, reproduzindo-se, enchia toda a ilha. Murphy e eu eramos os primeiros homens normaes que ali punham os pés.

— Sim, sim, sim! Apressa-te! — exclamei, curioso.
— Estou impaciente.

— De quê — inquiriu Jonesy.

— Por me retirar — respondi.

— Bem, bem. Já irás. Agora escuta. Cada homem, cada mulher e menino, cada um ali era um esqueleto vivente, ou uma mulher barbada, ou o menino mais gordo do mundo, ou a joven com cara de mula, todos eram phenomenos. E jamais haviam ouvido falar de Londres nem de nenhum paiz da terra.

— E então?

— Na mesma noite fugimos. Eu consegui occultar-me no bosque; mas, infelizmente, Murphy, o meu querido Murphy, não teve a mesma sorte que eu. Preparei, então, uma jangada e, amparado pela escuridão da noite, lancei-me ao oceano...

— Já sei que fizeste tudo isso.

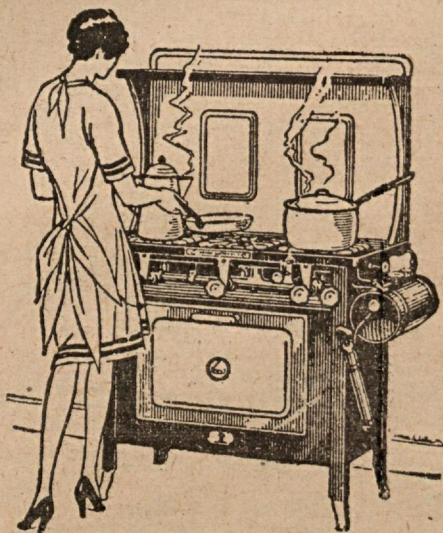
— Como o sabes?

— Por ti mesmo. E que aconteceu a Murphy?

Jonesy, continuou com suas lagrimas sentidas.

— Pobre Murphy! Só em pensar que jamais tornarei a vel-o! Que consiga fugir é o que desejo! Parece-me, porém, difficil conseguir isso!

— Por quê?

— Porque comprehenderás perfeitamente: Murphy era tão bom moço tão athletico, de linhas tão esculpturaes, que o monstro que nos comprou decidiu exhibil-o como uma aberração da Natureza. Cobrava carissimo as entradas, e o salão onde o expuzera sempre estava cheio de curiosos, os quaes teciam os mais desencontrados commentarios. Em sua vida, jamais na ilha haviam tido occasião de contemplar um bicho tão raro. Por isso não tenho esperanças de tornar a vel-o. Emquanto existir na Ilha dos Monstros um phenomeno que pague tão caro para examinal-o, Murphy não poderá afastar-se de suas praias.

Um Escandalo

Continuam aparecendo em algumas das maiores cidades do Brasil pequenas drogarias ou pequenas pharmacias com os nomes de *Drogaria* ***Gesteira*** ou *Pharmacia* ***Gesteira***.

Sem excepção, são pharmacias e drogarias insignificantes, de uma ou duas portas, no maximo, sem capital, sem sortimento, sem importancia nenhuma.

Um Escandalo!

Os seus proprietarios querem somente explorar o conhecido nome ***Gesteira***, para que o povo pense que ellas pertencem ao Dr. J. Gesteira.

Convem, por isto, que todos saibam que o Dr. J. Gesteira não tem ligação de especie alguma, em cidade nenhuma do Brasil, com as taes *Pharmacias* ***Gesteira*** e *Drogarias* ***Gesteira***, tão desacreditadas e ridiculas, a que me refiro.

O Laboratorio do Dr. J. Gesteira no Brasil é em Belém, Estado do Pará.

Devo repetir: em Belém, Estado do Pará.

O outro Laboratorio do Dr. J. Gesteira é em Nova York, Estados Unidos da America do Norte.

Depois disto que acabo de afirmar, ficam todos sabendo que o Dr. J. Gesteira não tem filial, nem é socio de Drogaria e Pharmacia nenhuma no Rio de Janeiro, nem em cidade alguma do Brasil.

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Extrangeiros.)

Nas ultimas chuvas cahidas sobre o Rio, inutilizaram-se nada menos de 50 saccos de correspondencia postal. Alguma inundação da cidade? Não, que a agua do céo desta vez mal deu para lavar o rosto das ruas... Então, por que tanto soffreram as nossas pobres cartas? Porque estavam ao relento, sonhando talvez com um destino melhor. Não é que as tivessem induzido a isto os pobres carteiros, que sabem por experiencia propria o que é não ter espaço nem luz sufficientes. O mirante em que a chuva as alcançou é creação de mais alto e lhes foi dado temporariamente... Trata-se de um projecto de novo andar que os administradores da Casa entenderam construir ali. E como as coisas no Correio não andam dirigidas convenientemente, a preciosa carga que devia estar resguardada, lá ficara ao relento esperando naturalmente que se abrissem as "torneiras" do céo. Parece que a administração dos Correios tinha uma idéa: fazer chegar essas cartas, por via fluvial, mais depressa ao seu destino...

Nótas de viagem
Pagando o imposto ao mar
Cobrindo o tempo de sonhos e enganando a saudade
Um grande acontecimento: um vapor em vista
Peixes voadores e chuvascos do Equador
Em Ceuta
Typos de maroquinos
TYPOS DE REPATRIADOS POR SAUDOSOS MOTIVOS
Ecco Napoli...
Mantok

Musicas e Discos

OUVERTURE

A "Columbia" vae montar, dentro em breve, nesta capital, um novo "studio" para gravação de discos.

Até agora, as chapas "Columbia" nacionaes estavam sendo gravadas em São Paulo, onde a poderosa empresa montara o seu unico "atelier" no Brasil.

Isto, é claro, trazia flagrantes desvantagens para a mesma fabrica, que não podia concorrer com tanta efficacia com as demais congeneres empenhadas na disputa do mercado brasileiro, uma vez que as consagrações, bôas ou más partem daqui do Rio para os demais Estados, inclusive o grande São Paulo.

Com dois "studios" de gravação, um em cada uma das cidades — leaders do paiz, a "Columbia" vae, decididamente, tornar-se um perigo para as outras marcas, se é que de ha muito já não o venha sendo...

Ha dias, em palestra com o sr. Braga, um dos chefes da fabrica aqui no Rio, disse-nos elle que, com a inauguração da officina carioca, varias modificações vão ser feitas, augmentando o numero de cantores e tambem o numero de chapas mensalmente confeccionadas para o supplemento da casa.

Como se vê, parece que a "Columbia" está mesmo disposta a bater-se em duello com a "Victor", a "Odeon" e a "Brunswick"...

* * *

GASTÃO FORMENTI deixou a "Odeon"

Um encontro casual do redactor desta secção com o apreciado cantor Gastão Formenti, um dos astros da phonographia nacional, permitte-nos dar hoje, em primeira mão, a noticia do seu affastamento da "Casa Edison", representante do disco "Odeon", para a qual trabalhava desde que começou a gravar. Formenti accrescentou-nos que provavelmente assignará contracto com a "Brunswick", que lhe offerece maiores vantagens. Si isto se der, será elle o terceiro artista que a dita fabrica arrebatará da "Odeon", havendo sido os primeiros Henrique Vogeler, notavel compositor, e Calazans, cantor popular.

* * *

DO CINEMA SONORO

Ahi vêm mais musicas americanas em seus empolgantes films-revistas... Agora, os que se annunciam como portadores de bons numeros musicaes, são os seguintes: — "Sally", trabalhado por Marilyn Miller; "Rio Rita", onde apparecem John Boles e Bebé Daniels; e "Bonecas de Lama", no qual se revelará ao nosso publico uma nova "estrella", que é Kay Johnson, a quem os americanos puzeram a alcunha de "a mulher mais *chic* do cinema". Deste ultimo ainda não ouvimos nenhum trecho. Podemos garantir, entretanto, que "Rio Rita" e "Sally" trazem peças encantadoras, como sejam a canção "Always in my army" (sempre nos meus braços) e o "fox" typico intitulado "The Kinkajou", no primeiro; a valsa "Sally", "fox-slow" denominado "After the business hours" (após as horas de trabalho), e a canção "Wild Rose", (Rosa Selvagem), no segundo.

* * *

"MISSES" E MAIS "MISSES"...

Chegou a época de apparecerem as musicas dedicadas ás "Misses". Bastou Gastão Lamounier lançar a sua linda valsa "Venus Carioca", dedicada a "Miss Rio de Janeiro", para que logo o sr. Ary Kerner, musicista recalcitrante, publicasse uma marcha sob o titulo de "Miss.. elania", trocadilho batido e já insupportavel. A "Columbia", para não perder tempo, jogou logo no mercado duas composições intituladas "Miss Fortaleza", uma da autoria de E. S. Novo e outra de Mozart Ribeiro. Por sua vez, em Recife, o sr. Nelson Ferreira deu á luz a "Senhorinha Pernambuco" (salvo seja!), um bello fox-trot, por signal. D'agora por diante, vae ser uma epidemia...

* * *

NOVIDADES

— "Manifestação politica" é o titulo de um disco comico da "Victor", que foi gravado em São Paulo por Plinio C. Ferraz e recebeu o numero 33.306. E' uma chapa divertida, que provoca bôas gargalhadas.

— Ary Barroso, o victorioso autor de "Da nella", começa a querer fazer cocegas em Heckel Tavares, produzindo canções estylizadas, no genero em que este se tornou tão apreciado... A sua nova chapa "Odeon", cantada por Gastão Formenti, traz "Como se deve amá" e "Quanto num chorei", ambas da melodia subtil, moderna, dentro dos moldes triumphantes nos salões cariocas. O numero do disco é 10.646.

— Paraguassú, um dos elementos destacados da "Columbia", gravou em discos dessa marca, de numero 5.226 — B, o chorinho "Minha Mulata" e a embolada "Pega a espingarda", ambas as peças de sua autoria.

— A "Brunswick" lançou, ultimamente, um optimo disco 10.072 de Minona Carneiro, contendo os sambas "Batalhão Naval" e "Meu girasol", o primeiro da autoria de João Frazão e o segundo da autoria do proprio cantor.

* * *

"ROSE MARIE" EM DISCOS

Com a vinda do elenco de operetas que inaugurou o "Theatro João Caetano", o antigo São Pedro, que a Prefeitura mandara reconstruir inteiramente, as musicas de "Rose Marie", peça de estrêa, apesar de nossas antigas conhecidas, começaram a fazer furor. As fabricas de discos, tanto a "Brunswick", como a "Victor" e como a "Columbia", puzeram, logo, á disposição da sua clientela, as chapas que as contêm.

* * *

NOVO DISCO DE GUSMÃO LOBO

Gusmão Lobo estreou como cantor de fox-trots americanos extraidos dos films sonoros. Os primeiros, que acabam de apparecer, estão na chapa "Odeon" n. 10.648, e são: "Mona" e "Dieta de Amor", ambos da sensacional pellicula "Dias Felizes". O novo disco de Gusmão Lobo é o seu melhor trabalho phonographico até hoje. As versões portuguezas de "Mona" e "Dieta de Amor", como todas as que vêm em discos da marca já acima citada, são de Oswaldo Santiago, e estão ditas com clareza e inflexão elegantes e modernas.

* * *

— Embarcou para São Paulo, ha dias, o sr. Arthur Roeder, chefe da gravação da "Casa Edison", que ali vae apanhar um bocado de interpretações regionaes paulistas, bem como outras de artistas notaveis residentes no visinho Estado.

— A "Casa Carlos Wehrs" fez publicar mais um numero de "Weco", revista mensal por ella editada para propaganda das suas musicas e para divulgação de artigos, collaborações e informes sobre a arte dos sons. Somos gratos á fineza da offerta de um exemplar que nos fez o sr. De Vincenzi, chefe da mesma casa.

— A "Victor" tambem já possue um "studio" na capital paulista. Agora mesmo vêm de apparecer os primeiros discos lá gravados, entre os quaes se contam alguns optimos.

— Aracy Cortes, a sempre esplendida Aracy, tem mais um disco notavel. E' o de n. 10.619, da "Odeon", onde ella gravou os sambas "Chora que passa", de Freire Junior, e "Você não era assim", de Ary Barroso, com uma bella letra de Arycles França.

— A cantora sta. Alda Verona dá uma preferencia, talvez exaggerada, ás composições do musicista pernambucano Waldemar de Oliveira. No seu ultimo disco, ("Odeon" n. 10.631) gravou ella a valsa "Nininha" e a canção "Casa Desfolhada", daquelle autor. São duas peças mediocres, que não agradarão. Só se salva da chapa a bella voz da sta. Alda Verona.

CORRESPONDENCIA

— *W. C. Bye* — Belém do Pará — A sua carta em nada nos vem importunar, pois aqui estamos para servir, na medida das nossas forças, os leitores d'"O Malho". Infelizmente, nada podemos adeantar-lhe sobre o fox-trot "Short Skirts", que não conhecemos ainda, pois não foi apresentado, até agora, aos nossos ouvidos... Procurámol-o nas casas Carlos Wehrs, Vieira Machado, Arthur Napoleão e Mozart, não o encontrando. Isto significa que elle ainda não chegou ao Rio. As suas informações de que "Short Skirts" foi a musica de successo na inauguração da praça de jantar e dansas "The Youngtown New Bamboo", em Ohio, e que o seu triumpho se propagou a Atlantic City e Chicago, só nos adeantou o sabermos que ahi no Pará se ouve, pelo radio, facilmente, essas cidades americanas, o que é mais difficil aqui. Emfim, como parece que as "Saias curtas" (Short Skirts) lhe interessam bastante, vamos ver se o conseguimos descobrir...

— *Princezinha* — S. Paulo — Que deliciosa, Princezinha, a sua ultima carta! Não imagina quanto ella nos alegrou, pois chegámos á conclusão de que não eram exactas as nossas supposições. A sua viagem, por exemplo, parecera-nos uma dessas innocentes mentiras que as mulheres inventam quando se aborrecem de um diversem receios, mandar um endereço e um modo suave. O carimbo do correio, com o nome bem claro da cidade de procedencia, mostrou-nos o nosso erro. Perdôe-nos, pois, Princezinha. O mais, a irritação, o nervosismo da resposta, foi tudo uma consequencia... Ficámos radiantes com a sua ultima carta, acredite. A nossa alegria só não foi maior por causa da distancia que separa o Rio e S. Paulo... Agora, porém, a Princezinha deste conto de fadas póde, sem receios, mandar um endereço e um nome proprio, falso ou verdadeiro, para que lhe possamos enviar o seguinte presente: o livro a que já fizemos referencia nesta secção. Vamos esperar. E, infelizmente, não podemos "riscar" nenhuma palavra, aqui, como Princezinha fez em uma das suas cartas...

Tom Rêo

O NOVO SENTIDO DA ARTE NA NATUREZA

O DILUVIO DAS THEORIAS ESTHETICAS

por DE MATTOS PINTO

A fecundidade que germina do diluvio das theorias estheticas, nos momentos criticos do espirito oscillante e nas horas indecisas da formação das raças, brota com tal energia creadora e poderoso vigor, — que surprehende a alma e seduz a intelligencia mais austera. E' um paradoxo bizarro. E desnortela a logica. O facil habito de pensar como todo o mundo, raciocinando com a commodidade da certeza tradicional, prepara o entendimento á incomprehensão da mobilidade, — a mobilidade que exprime a vida incessante de tudo quanto existe, e sem a qual o universo seria a mais monotona das repetições.

A arte humana que se renova com a variedade dos seculos, não saberia ser immutavel; e mesmo que o fosse, ahi estaria o temperamento individual para renovar o sentimento da arte. Porque o seculo por si mesmo, não renova as artes; e quando dizemos que nos seculos XVIII e XX, ha literaturas differentes e totalmente diversas, — a realidade do que dizemos é symbolica.

Quando se proclama que uma arte é nova, originalmente bella e fortemente moderna, — não quer isto significar que seja perennemente nova para sempre, porque a novidade de toda arte e a suggestiva illusão, dos artistas que vivem a actualidade. O modernismo do presente é a tradição do futuro.

O valor das artes que passam, é avaliavel pelo poder de provocar tradição, pela força de impressionar o que vem e pela grandeza de attrahir o que vae existir, pois que o futuro é a diatribe de amanhã, que destróe e escarnece a actualidade de hoje.

Certamente, que a fecundidade da desordem mental póde ser esteril, uma vez que a sua onda creadora seja inexpressiva e incapaz, superficial e impotente, mais conjectura do que verdadeira creação espiritual; — e por creação deve-se entender a espontaneidade que produz e que renova.

A influencia das theorias em arte é remotissima. Sem falar no velho tratado de pintura de LEONARDO DA VINCI, abrangendo periodos mais recentes, vemos a tendencia da theoria prevalecer com a Renascença. Na França, JEAN MARTIN traduzia VITRUVE e ALBERTI, SERLIO e CANNA, além de outras traducções de ALBERTI, por GEOFFRAY TORY. Emquanto PHILIBERT DELORME percisava as regras da architectura, JEAN COUSIN escrevia dois livros sobre a perspectiva e as proporções. BERNARD PALISSY surgia com o "DISCOURS ADMIRABLE DE LA NATURE". A escola de FONTAINEBLEAU viu apparecer o precursor do seculo XVII pictural, SIMON VOUET. Os italianos contribuiam com os seus livros de theorias de arte. ALBERTI escrevia tambem sobre o verdadeiro conceito da pintura, e LOMAZZO collaborava no movimento com idéas estheticas.

Entre 1512 e 1574, provavelmente ahi pelo anno de 1550, VASARI publicava, em Florença, preciosos ensinamentos sobre a vida dos pintores, esculptores e architectos illustres. ALBERTI declarava, então, que é preciso apprehender na natureza as coisas que vamos pintar, porém, escolhendo o que ha de mais bello e distincto (1).

EUPOMPO, pintor grego e natural de Sicyonia, contemporaneo de ZEUXIS e de PANHASIO interrogado por LYSIPPO sobre o modelo de que se servia, — EUPOMPO mostrando a multidão na praça publica, redargue: "— Eis ahi, o meu modelo; a arte vive do estudo da natureza e não da imitação do artista. Foi isto no seculo V, antes de CHRISTO (2).

O estudo mundial das literaturas, seria grandiosa contribuição, para o perfeito esclarecimento das escolas artisticas. Mas seria tambem, um trabalho colossal, como se presente com esta pequenina consideração de SANINCANO:

"La historia y la vida nos han hecho occidentales, y nosotros cualquiera que sea la raza o el aluvión de la Revolución Francesa y en estemos parte de una civilización que arranca de Egipto y Grecia, que fué llevada por Roma a los confines del mundo antiguo, se modificó con las auras de Galiléa, renació em el siglo XVI, se enriqueció, frondosamente entonces, ha recibido el aluvión de la Revolución Francesa y en est momento, segun la esperanza de Bertrand Russell, toma nuevos aspectos en Moscu' (3)".

A propria apreciação dos valores estheticos, já variegante e arbitraria no passado, que foi tão cioso de preconceitos e tão amante das regras preestabelecidas, tende para a multiplicidade de prismas, de maneira a satisfazer o gosto exotico dos mandarins e dos profanos. Foi isto que fez ALBERT LETELLIER, allegar fina ironia, ou mesmo com severa seriedade: "— Souvent les critiques ont de l'oeuvre d'arte une conception qui m'échappe (4).

A mercantilização das artes preoccupa o mundo, faz EDUARDO PALLARES insinuar estes argumentos' rélativamente aos syndicatos intellectuaes:

"Con arregio a las ideas hoy en boga nada mejor que sindicalizar a los profesionales. Los sintrabajos se han sindicalizado, por qué no hacerlo los filósofos, ingenieros, literatos, médicos y pensadores en general? Las bandas de rateros y salteadores de caminos constituyen formas de sindicalismo embrionario. La tendencia a agruparse para la defensa de interesse comunes es universal y cunde en forma maravillosa.

Lo difficil no es seguir la corriente, lo arduo y peligroso es contemplar la vida desde un plano más elevado, y no sufrir la sugestión irresistible del momento actual. Dia llegará en que la fiebre sindicalista pase, y entonces se juzgará ridicula y morbosa la mania contemporánea de sindicalizarlo. todo. Al fin y al cabo, el sindicato es sino una de las multiples formas de organización y defensa económicas que la humanidad ha ideado; pero no puede ser ni la forma definitiva, ni menos una maravillosa creación, ante la cual la humanidad entera deba proternar-se en adoración paria (5)".

Em 1668, HENRY HOUSSAYE achava que a indifferença pelas obras de estatuaria era a liberdade dos esculptores, — que não se viam obrigados, como os pintores, a seguir o gosto publico, sacrificando a arte á moda (6).

"— Mais quel livre pourrait décrire tout cé á quoi nous pensons!" — como diria LETELLIER no seu estudo sobre os classicos e impressionistas (7).

O paisagista brasileiro não está no caso critico a que se refere HOUSSAYE, E' que depois de ROUSSEAU e COROT, de DAUBIGNY e DIAZ, de CHINTREUIL e MICHEL,que tudo sentiram e tudo exprimiram era difficil a FELOUSE e PAPIN, LAUSEYER e BEAUVERIE, DEFAUX e JAPY, — descobrir terra virgem, ou pintar aspectos novos e de crear umas impressões desconhecidas (8).

Parece-me que HENRY HOUSSAYE exaggerou, não é na paisagem que está a arte, porém, no sentimento que inspira a paisagem. E quanto ao Brasil, isto não tem razão de ser; aqui, ha mais panoramas virgens do que pintores.

Essa historia de impressão desconhecida, de que fala HOUSSAYE, evoca os symbolistas e os impressionistas, e com elles a interessante figura de CE'ZANNE, ao exprimir-se: "— Peindre d'aprés nature, ce n'est pos copier lobjectif, c'est réaliser des sensations".

A obra artistica de PAUL CE'ZANNE despertou o instincto reaccionario de todos e os mais curiosos commentarios celebraram o caso com vivaz fertilidade de opiniões.

Delle, disse GUSTAVE GEFFRAY: "— Ce n'est pas CE'ZANNE qu'il faut imiter, c'est le escrupule de CE'ZANNE devant la nature". F. CAMILLE MONCLAIR adduziu: "— Oeuvres ternes, gairches laides, lourdes, mal bâties, naïves et sincéres. E DELADAN concluia: Porquoi a-t-il fait autre chose que des natures mortes, puisqu'il néo sait pas le reste?" Ao passo que CHARLES MORICE notava: "— Je ne pense pas qu'entre lui et poéte l'entretien se passione. Un peintre? Pleinement un peintre? s'il l'était pleinement, entre lu et poéte l'entretien se passionnerait".

E com LOUIS VAUXELLES, temos esta exclamação: "— Que diable songe á mer ses defauts: inégal,heurte, maladroit, des formes qui gauchissent, des fonds qui avancent, des plans qui chavirent des bons — hommes de guingois". Opina AISE'NE ALEXANDRE: "— A côté d'une incontestable noblesse dans la plantation, dans le point de départ, impuissance absolue d'arriver au haut de la route. L'art ne peut s'enrichir avec de simples intentions". Ao que se veiu este diagnostico de THIE'-BAULT-SISSON: "— Son oell ne lui permettait point de pousser l'esquisse la mieux venue, jusqu'au définitif". E finalmente, JACQUES FLACH, decretava severamente: "— Myopie cérébrale en rapport peut-être avec une myope physique (9)".

Sempre que ouço falar de classicos e futuristas recordo-me de certas palavras attribuidas ao joven PLINIO. "— Eu admiro os antigos, mas não sou daquelles que desprezam os modernos", — teria dito o joven PLINIO: — "Eu não posso crer que a natureza esgotada e esteril, não produza mais nada de bom (10)".

A individualidade é o verdadeiro enigma da vida mental; e o inconsciente a verdadeira fonte que occulta a maravilha da creação.

Inaugurando a bibliotheca de ESTEBAN JIMENEZ, conferenciava ARURO HAVAUX nestes termos:

"Muy vieja, y muy debatida todavia es la cuestión de la reciproca influencia del hombre sobre el ambiente y del ambiente sobre le hombre. Ni los historiadores ni los filósofos han sabido hasta ahora formular la ley precisa de la parte que a uno y otro corresponde en el progreso de las sociedades: y aún en el marco de la interpretación económica de la historia caben al respecto grandes divergencias".

E a proposito do symbolismo na historia, accrescenta: "— Despojada de todo mysticismo, esa idéa del simbolismo en la historia refleja algo real: ofrece la encarnación de las tendencias, las aspiraciones, lon intereses de una raza, de una clase o de un grupo, con las cualidades más indispensablemente necesarias para su defensa, en determinados hombres que las poseen en el mayor grado (11)".

Se acreditamos em certos autores, a escola impressionista é um anachronismo. A luz diffusa em pleno ar não é descoberta de hoje. Foi essa luz que, os Bizantinos, e depois CIMABUE', GIOTTO, GOZZOLI ROGIE VAN DERWEYDEN, os primitivos allemães, os artistas da antiga escola de Bourgone, pintaram as suas figuras dispostas contra o fundo. O momento impressionista não é revolução na arte, como foi o movimento romantico; é uma contra-revolução (12).

A natureza é para o grande artista uma representação, — fala-nos ainda ALBEDT LETELLIER. — Ella é o pretexto á creação symphonica do artista (13).

Dizer que a arte se define com a interpretação da natureza, é trocadilhar em torno do que ignoramos, — porque, justamente, isto a que chamamos a natureza, é o perenne mysterio que desafia a sabedoria. — E' a arte para cujos segredos impenetraveis, geologos, biologistas e naturalistas, ainda não encontraram a esthetica que explica...

DE MATTOS PINTO

(1). — A. Letellier. — "Des Classiques Aux Impressionistes" ("Aperçus Des Controverses Sur Le Dessin, La Couleur Et Les Valeurs"). — Pags. 35-36-37.

(2). — H. Jouin. — Conférences De L'Académie Royale De Peinture Et De Sculpture". — Pag. XXII.

(3). — B. Sanin Cano. — "Dos Escritores Consagran Sendas Estudios Al Problema Indigena". ("La Nación"). — N. 20.878. — Pag. 9..

(4). — A. Letellier. — "Des Classiques Aux Impressionistes" ("Aperçus Des Controverses Sur Le Dessin, La Couleur Et Les Valeurs"). — Pag. — 51.

(5). — E. Pallares. — "Sindicatos De Intelectuales". ("El Universal"). — N. 4.743. — Pag. — 3.
(6). — H. Houssaye. — "L'Art Français Depuis Dix Ans". — Pag. — VI.
(7). — A. Letellier. — "Des Classiques Aux Impressionistes". ("Aperçus Des Controverses Sur Le Dessin, La Couleur Et Les Valeurs"). — Pag. — 64.
(8). — H. Houssaye. — "L'Art Français Depuis Dix Ans. — Pag. XXXI.
(9). — A. Letellier — "Des Classiques Aux Impressionistes" ("Aperçus Des Controverses Sur Le Dessin, La Couleur Et Les Valeurs"). — Pags. — 173-174.
(10). — H. Jouin. — Conférences De L'Académie Royale De Peinture Et De Sculpture". — Pag. 302.
(11). — Havaux. — "Esteban Jimenez" ("Conferencia Leida En El Acto Inaugural La Biblioteca "E. Jimenez"). — ("La Vanguardia"). — N. 8.022. — Pag. 6.
(12). — H. Houssaye. — "L'Art Français Depuis Dix Ans". — Pags. — XXXVIII-XXXIX.
(13). — A. Letellier. — "Des Classiques Aux Impressionistes" ("Aperçus Des Controverses Sur Le Dessin, La Couleur Et Les Valeurs"). — Pag. — 155.

"Guia Levi"

Recebemos a edição do corrente mez deste util indicador, contendo informações ferroviarias, postaes, telegraphicas de imposto do sello e outras, completando-se a sua efficiencia com bem organizado indicador de ruas, itinerario dos bondes e planta da cidade.

O presente numero do *Guia Levi* publica os novos horarios da Rêde de Viação Cearense e da E. F. Noroeste do Brasil, além do mappa completo da viação ferrea do Brasil e do Uruguay, impresso a côres.

SENTIMENTO CAIPIRA

Mecês entre, venha vê
O meu ranchinho barreado...
Tá tudo, agora, empuerado...
Mas foi limpo cumo quê!

Hoje véve abandonado
Cumo um ranchinho sem dono,
Cumo os quintá im abandono,
Que nunca foi capinado.

E' que, agora, ieu só sosinho,
Já num pissuo ninguem...
Vivo soffrendo tombem
Cumo o meu porve ranchinho.

E' que a Cora, meus amô,
Faiz um meiz que já morreu!...
Deixando este peito meu
Intirricido de dô.

Mecês que são da cidade,
Supurico não reparâ
De me vê ansim chorâ,
Aguniado de sôdade!

Accacio de Souza Coutinho

Mario de Vasconcellos

(FIM)

perspectiva do monumento que nesse terreno teremos de construir.

Por emquanto, atravessamos, diz elle, a phaze de organização da rica materia prima dispersa. Não se deve pretender mais.

A synthese definitiva terá de ser traçada pelo pulso firme de alguem que ainda está para nascer, talvez... Mesmo assim, não será para desmerecer essa tarefa, subsidiaria, que ora se completa e na qual, forçoso é convir, o papel de Mario Vasconcellos assume um caracter de incontestavel relevo. Nos seus estudos não se afirma simplesmente o expositor arguto de verdades que andam obscuras, sinão tambem o critico seguro de factos menos claros pela carencia de uma coordenação necessaria. Elles revelam ainda o escriptor sobrio, penetrante e seguro que é o Dr. Mario Vasconcellos. Com a sua actividade literaria só honra faz ao Itamaraty, onde o seu conceito noutras espheras de acção já se firmou de maneira mais solida.

Chromos

Em uma toada exquisita
Lá vae o carro chiando,
Da estrada na branca fita
Dois fundos sulcos deixando.

A um lado segue, suando,
O carreiro e os nomes grita
Dos bois e, um a um ferroando,
A prosseguir os incita.

Não acha dura a labuta,
Pois a esquece quando escuta
Do carro o chiar profundo...

E, sorrindo de prazer
Julga que não deve haver
Melhor musica no mundo.

Some-se o sol. Entardece.
Brilha de oiro a serrania.
Um véo de tristeza desce
Em tudo. Melancolia...

Lá na igrejinha alvadia,
Pela tarde que fenece,
Toa o sino. Ave Maria!
Hora solenne de prece!

Findo o pesado labor,
Busca o lar o lavrador,
Cantando pelo caminho...

E, ouvindo o sino tocar,
Tira o chapéo devagar
E vae resando, baixinho...

Araujo Sobrinho

S. João da Chapada — 1930

Procopio Ferreira, o incomparavel comico nacional, tanta graça fez entre nós, que acabou sendo levado a sério... Esta conquista de um publico a que só ensinou a rir é devéras surprehendente! Deante della, a gente chega a suppor mesmo que a razão não fugia daquelles que viram estranhamente, paradoxalmente, no riso, a mais grave das expressões humanas... Mas, deixemos de lado essas indagações de um methaphysismo evidente, para encararmos o facto em si que é sem duvida muito mais interessante. Quem levou a sério Procopio? O Conselho Municipal que é bem a representação viva da cidade... E de que maneira a fez? — quererá saber ainda decerto o leitor. Do modo mais eloquente possivel: dando ao festejado actor da nossa Avenida, uma rua para lhe guardar o nome! Que mais quer o farçante indigena? Parece-nos que o seu triumpho não poderia ser maior. Dinheiro, assim ou assado, elle já o tinha para o gasto. Faltou-lhe apenas, como elemento indispensavel á sua gloria, esta consagração que afinal de contas não será [illegible] para a sua nomeada. Outras figuras sem duvida carecidas de expressão em nosso meio artistico já o haviam logrado. Contra a homenagem de agora se poderá, quando muito, oppor o motivo de não haver ainda Procopio morrido... Só a morte, no entender dessa gente, justifica a honraria. Ainda aqui, porém, os precedentes abundam. Depois faz-se mistér respeitar nessa cousa a vontade do sujeito. Uns ha que preferem sentil-a em vida; outros mais modestos se decidem pela emoção "post mortem". São os crentes na sobrevivencia do espirito. Procopio pertencerá a qual dos grupos? Nós não lhe conhecemos bem as idéas, mas temos o palpite que elle estimaria presenciar logo a scena da sua entrada para a galeria dos importantes!... Assim, elle se transportaria ao outro mundo mais tranquillo do seu papel e mais seguro da sinceridade dos seus admiradores...

As portas de ouro do nosso Templo da Immortalidade vão-se abrir desta vez, ás orações de um authentico devoto das letras. Para penetrar aquelle recanto onde a alma de um Mecenas livreiro accendeu claridades novas, não precisa o aspirante de nenhum disfarce destinado a illudir o zelo dos seus guardas. Não se trata de um intruso que cubice a exemplos de outros profanar o logar sagrado, sob a capa de uma expoencia protectora... O pretendente de agora é já um grande iniciado nos segredos da deusa que ali se cultúa. Faltava-lhe apenas a consagração. Octavio Mangabeira deve ser recebido na Academia Brasileira de Letras como um dos seus, que se mantivesse fóra do Cenaculo, por não querer talvez se expor á alguma decepção... Dahi mesmo elle servia, porém, á literatura nacional, como um dos seus melhores exemplos, em paginas de rara belleza! Alta expressão de intelligencia e de cultura, ellas affirmam ainda uma sensibilidade artistica que não encontra embargos nos assumptos mais aridos e se revela a todo instante numa fórma que é modelo de correcção e de bom gosto.

1453
—
19
JULHO
1930

"CAÇADORAS BRASILEIRAS"
4º TORNEIO
JULHO
E
AGOSTO

ALBVM DE EDIPO

SECÇÃO CHARADISTICA, DIRIGIDA POR MARECHAL

TODA CORRESPONDENCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER ENDEREÇADA A MARECHAL — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

CHARADA SEM ARTE, SEM O CAPRICHO DA FÓRMA, NÃO É CHARADA

3.º TORNEIO DE 1930

RESULTADO DO N. 1442

DECIFRADORES

Totalistas

A. Garota, Barão de Damerales, Conde e Condessa Guy de Jarnac, Calpetus, Diana, Dapera, Etienne Dolet, Erre-Cêos, Gavroche, Julião Riminot, Lakme, Lago, Miravaldo, Maloyo, Neo-Mudd, Nellius, Orlirio Gama, Paracelso, Ruhtra, Seneca, Sezenem II, Sylma, Toryva, Themis, Visconde de Adnim, Yara, Zelira, (Todos do Bloco dos Fidalgos de Santos), Fan (da T. E. de São Luiz, Maranhão), Spartaco, Lyrio do Valle, Scott Malory, Strelitz, Carlos Faraldo (todos da U. C. P., de Belém, Pará).

OUTROS DECIFRADORES

Thalia (do B. C. C. — Rio Grande), 1; Pedro K. (Bom Jesus de Itabapoana), Zé Sabe Nada, Pseudo, e Barão da Taboa Lascada (todos 3 da Barra do Piraby), 12 cada um; Bisilva (Victoria, Espirito Santo), 11; Dyla, Francosta (da T. B. — de S. Paulo), 10 cada; Ave da Sorte e Aventureira (ambas da Bahia), 4 cada.

DECIFRAÇÕES

1 — Promachos; 2 — Dique; 3 — Nomeada; 4 — Amazonas; 5 — Zythogala; 6 — Construido; 7 — Almacega; 8 — Leonil; 9 — Jararaca; 10 — Retorno; 11 — *Nullo*; 12 — Procopio; 13 — Nacibo; 14 — *Nulla*; — 15 — Anana; 16 — Sovinado; 17 — Falcato; 18 — Maltrapilho; 19 — Fallante; 20 — O dar doi e o chorar faz ranho.

NOTA

O enigma 11 (Alcimaco), e a charada 14 (Salmoura) foram annullados, porque sahiram com imperfeição sem que qualquer dellas tivesse sido corrigida posteriormente. O *Alcimaco* é pintor e não esculptor, a *Salmoura* tem 2 syllabas na segunda parte e não 1, como sahiu.

TAÇA MARIA-FLÔR

2.ª Serie

JUSTIFICAÇÕES

Iniciamos, hoje, a publicação das justificações feitas por certos charadistas que enviaram decifrações differentes das dos respectivos autores, para alguns pontos da 2ª Serie da *Taça "Maria — Flôr"*.

Depois de todas publicadas, daremos então começo ás razões por que não acceitamos muitas dellas ou quasi todas.

Mr. Trinquesse e *Ankangá* mandaram *Presidencia* para 15, do n. 1433; *Tetragramma* para 63, do n. 1435; *Auga* para 89 do n. 1436; *Arada* para 111 do n. 1437; *Intriga* para 140, do n. 1438.

O *Bloco dos Fidalgos* mandou *Presidencia* para 15, do n. 1433; *Cão Marinho* para 34 e *Enleio* para 36, ambos do n. 143.; *Tetragramma* e *Augmentado* para 63 e 54, successivamente, do n. 1435; *Auga* para 89, do n. 1436; *Arada* para 111, do 1437; *Modorra* e *Aurora*, para 133 e 143, successivamente, do n. 1438; *Cataphrygios* para 163, do n. 1439.

A *A. B. C.*, *da Bahia*, mandou *Pescada* e *Cadeado* para 34 e 39, successivamente, do n. 1434; *Augmentado* para 54 do n. 1435; *Auga* para 89, do n. 1436; e *Asteria* para 142, do n. 1438.

Mr. Trinquesse, justificando — *Presidencia*, assim se exprimiu em carta de 27 de Abril ultimo: "Antes do mais verifiquemos que *ponto* é *parte* (V. Synonymos do Bandeira, Roquette (2º vol.). Diz o enigma: *Tira o ponto cardeal*; neste caso de *Presidencia*, tiramos o *P*, parte cardeal (principal), que está em primeiro logar, primeira (V. Candido de Figueiredo); resta *logar onde póde descançar*; ainda no caso, resta *Residencia*, que, como casa, morada, domicilio, estancia, aposento, é logar onde se póde descançar. Na linguagem diaria, commummente ouvimos: vou para casa descançar. Precisariamos negar que *residencia* mesmo significando *aposento*, não é logar onde se possa descançar, para se negar a justeza desta solução".

Em vista da nossa recusa, constante da *Nota* publicada logo abaixo das decifrações do n. 1433, no *O Malho* 1444, de 1. de Maio findo, *Mr. Trinquesse* voltou á carga, em carta de 21 desse mez, desta forma: "Meditando sobre *Presidencia* para o enigma 15, conclui não ser acertado o córte dessa solução" sob o ponto de vista *rigorista* dos conceitos" como o illustre mestre pretende, porque, parece-me, esse rigorismo não deve ir além das synonymias das expressões gryphadas, em consideração ao convencionado no charadismo. Ir além, é tolher possamos interpretar uma phrase, uma expressão, através dos synonymos dos termos empregados, mesmo no caso do emprego de vocabulos de significação, para nós, desconhecida. Dirão não estar neste caso a expressão impugnada. Mas, ante uma difficuldade a vencer, impossivel é adivinhar se se trata de má interpretação de nossa parte, mesmo em se tratando de factos que nos pareçam á primeira vista claros, ou se se trata de uma difficuldade oriunda do desconhecimento do termo correspondente ao conceito. No enigma, a expressão — ponto cardeal — não está gryphada (caso unico em que seu rigorismo deve exigir a synonymia) e, feito, se torna a interpretação das palavras ali empregadas dentro dos seus *significados exactos*, uma vez que esses significados esclareçam o sentido daquillo que, por qualquer motivo, se tornou duvidoso. Ora se esta interpretação collidiu com o que desejava o autor, a culpa não cabe a quem a fez, mas sim a quem a permittiu, por não gryphar ou não usar dos meios que vedassem sentido diverso ao que estabelecera. Não havendo grypho, que ha naquelle trabalho que exija a retirada exclusiva de *S.*, ou *N.*, de *E.* ou *O.*? Por que se disse ponto cardeal? Mas se ponto cardeal tambem póde significar parte cardeal, uma vez que ponto é rigorosamente synonymo de parte, como exigir que seja só aquillo e não isto? E, comprehenda-se bem, que ninguem pretende trocar a expressão original do autor por outra qualquer. Do original do autor ninguem pretende remover uma virgula sequer. Trata-se, unica e exclusivamente, de se tomar o vocabulo ponto, que ali se acha e ali fica, num dos seus sentidos, numa das suas significações numa das suas accepções — na accepção rigorosa do termo — e que, quer a construcção da phrase, quer o enredo do trabalho, não nos vedam fazel-o. Antes, pelo contrario, pede que se tire uma cousa — o ponto cardeal do vocabulo, que é a solução, e como *P* é, de facto, ninguem o póde contestar, o ponto cardeal do vocabulo *Presidencia*, porque é a sua parte principal, a sua parte primeira, tiramol-o. Ainda mais, se quizessemos aprofundar a questão, perguntariamos se um vocabulo tem pontos cardeaes, na accepção geographica? Se ao retirar-se um *S* do meio de um termo *Bisca*, tirou-se o *sul* desse termo. Vê o illustre mestre como a palavra ponto mais perfeitamente se ajusta naquelle trabalho á significação de parte do que a um dos pontos cardeaes geographicos, cousas que as palavras não têm. Não quero com isto negar que o autor usou de um dos recursos corriqueiros que o charadismo permitte; quero, apenas, patentear que esse recurso foge na realidade, á verdade dos factos e, que, portanto, não póde prevalecer em contrario ao que é concorde com essa verdade. Note-se mais que, se aquelle ponto, por estar acompanhado do qualificativo cardeal, não póde deixar de ser senão um dos pontos já citados, como é possivel permittir-se que bica seja qualquer logar e não logar de descanço "logar onde se póde descançar" conforme o enredo literario do trabalho o requer? Antes de ter a prova de que bica é logar de descanço, acho que o seu rigorismo falhou neste ponto. E assim provado fica que eu, na minha solução, me permitti interpretar uma palavra dentro do seu significado exacto, da sua synonymia — e isso não serve; o autor se permitte abandonar todo o sentido, toda a intelligibilidade evidente, clarissima, que resulta do entrecho final do seu trabalho — isto é bom e multi-logico.

E termina assim o nosso confrade *Mr. Trinquesse*: "Não louvo nem condemno, admiro-me com as turbas".

O Bloco dos Fidalgos, de Santos, justifica-se desta maneira: "O autor não póde rigorosamente, como o amigo diz, em sua nota do *O Malho*, 1444, negando o ponto a quem tenha enviado *Presidencia*, porque se, rigorosamente, elle pedisse que se tirasse o ponto cardeal do total, tambem se deveria encontrar um logar onde se pudesse descançar, para o que restasse, e não um logar simplesmente, logar aliás sómente no A. M. Souza (Voc.) sem significação definida. Ao termos achado o *Presidencia*, julgámos certa a solução pelas razões seguintes: *Ponto* significa *Principal* (Moraes pag. 563) ou *parte* pelo Voc. do A. M. Souza. Assim como o *Cardeal* significa *principal*, *capital*, pelo mesmo diccionario, pag. 416: ora o ponto principal, o ponto capital, a parte cardeal de um termo não poderá deixar de ser ou a primeira syllaba ou a inicial; eis porque não tivemos duvida em retirar o *P*. O que ficava *Residencia*, significando logar onde se mora, habita, reside, em qualquer diccionario, creio ser o melhor logar onde um christão póde aspirar a um verdadeiro descanço. De mais a mais, chamo a attenção do prezado chefe, que a nossa solução abrange a maior parte do problema, porque emquanto o autor pede sómente que se tire um ponto cardeal, fornecendo-nos um logar que póde servir para tudo menos para descanço, nós fornecemos um logar esplendido para descanço, ao retirarmos o ponto cardeal do termo. Que devemos accrescentar mais".

No proximo numero continuaremos a publicação das justificações agora interrompida pela falta de espaço.

4º TORNEIO DE 1930

CAÇADORAS BRASILEIRAS

Julho e Agosto

Premios: para 1º, 2º e 3º logares; 1, para quem conseguir mais de dois terços dos pontos até 1 ponto menos que os do 3º logar; e 1, para quem fizer mais da metade até dois terços. Para o calculo dos dois ultimos premios tomar-se-ão por base os pontos exactos obtidos pelo vencedor do 1º logar.

Dic. adopt.: Fons. e Roq. (2 volumes); A. M. Souza (2 volumes); S. da Fons.; Cand. Fig.; (Red.); Synon. de Band.; Fabula, de Chompré; Prov. Pop. Alexina Pinto.

NOVISSIMAS

51 e 52

2—2—Ha uma *"volta"* de caminho *suave*, no *logar da Jurujuba*.

3—2—*Fascina* a nossa vista, qualquer *"cousa permanente"*, quando, afinal, não passa de uma *illusão*.

Yara (Bloco dos Fidalgos, de Santos)

53

3—1—*Cresci* por *"causa"* disso, de maneira *exaggerada*.

Aventureira (Bahia)

54

3—1—Esse teu modo de proceder *attrahe* a attenção; *"nota"* que elle é mais proprio para quem tem já *criado amor*.

Diana (Bloco dos Fidalgos, Santos)

55 e 56

2—1—A solução que se *offerece* é refazer o *frontispicio*.

2—1—*Devorei* logo o jantar por *"causa"* do *"jogo"*.

Dyla

57 e 58

2—2—Quem não *divulga* á luz do *pyrilampo?*

2—1—O meu soffrer *produz* grande compaixão ao meu irmão *Rodovalho*

M. Lia (Recife, Pernambuco)

59 a 61

1—2—A *"planta"* mais humilde e *agreste* chama a attenção de meu *marido*.

2—2—Causa riso o *"macaco"*, medo o *diabo* e compaixão o *tolo*.

2—1—*Simples*, mas bello, o *pedestal* da estatua da *filha de Atlas*.

Sertanéja (T. P. — Floriano, E. do Rio)

62

2—1—*Appelação* será *"causa"* de *poder!*

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

ENIGMAS

63 e 64

Eu li na minha central,
Coisa de grande valor,
A noticia dos extremos,
O *effeito de não querer*.

Eu vi, lá no largo do Bomfim,
Com a face bastante enfesada,
Uma deusa em meio do jardim,
Tomando a *tisana de cevada*.

Dama Verde (Bahia)

65 e 66

Pós primeira e pós segunda,
Verás animal malhado;
Está, porém, na terceira,
Por ser *menos estimado*

Pesco o que dizem as pontas
No mar da parte central;
E, depois, no fim das contas,
A *doença* do total.

Aventureira (Bahia)

67

Ao CHANTECLER, agradecendo os seus versos do "Contraponteio".

Esta *"ave"* do meu total,
Das outras é differente;
Mesmo até de qualquer ente
Ella differe, afinal.

Se é bipede qualquer ave,
Esta, aqui, é differente;
Mesmo até de qualquer gente
Ella differe, que entrave!

Fugindo á regra geral,
E ás descobertas modernas,
De cabeça e quatro pernas
Compõe-se a ave do total.

Se cortarmos a cabeça,
Quatro pernas restam, sim,
Que são iguaes — prima e fim
E as centraes (não se aborreça!)

Mas, se a cabeça, em final
Fôr posta, lendo ao contrario,
Surge, em breve, no aviario,
A mesma ave do total.

Zelira (Bloco dos Fidalgos, Santos)

CHARADAS

68

— Eis tudo acabado, *extincto*,—2
Na *Ribeira*, por abuso;—2
E, por isto, muito sinto
Vel-os cahir em *desuso*.

Roxane (A. B. C. — Bahia)

69

"Cem mil" reis não me convem,—2
Não é preço que contente,
Pois aqui qualquer um tem—1
Esta *pedra do Oriente*.

Dyla

70

Eu te *perdoei* tudo outro dia—3
Isso te *serve* de lição.—1
Meu filho, não faças mais isso
Tomar de *assalto* é feia acção.

Diana (Bloco dos Fidalgos)

71

(Ao illustre CHANTECLER, agradecendo os seus mimosos versos.)

Pensa bem no teu trabalho,—4
Com *"grande"* calma doutor,—2
Tu, que, nas luctas d'O Malho,
Mostras ser grande *esculptor*.

Zelira (Bloco dos Fidalgos, Santos)

72

(A' bôa Roceirinha.)

Serve bem cara confreira,—2
Sem *pena*, com todo amor;—1
Pois, de certo, sempre ha de
Encontrar um *protector*.

M. Lia (Recife)

LOGOGRYPHOS

73

Conhecem do *"peixe"*, o nome,—4—2—5—3—7
Que só no *"rio"* é pescado?—1—2—3—7
Esse *"peixe"* de que falo,—6—7—4—7
Tambem é *"passaro"*. Engraçado!—1—2—6—7

Se parece com a *"planta"*;—1—7—4—5
Tem rabo de bacalhau;
A cabeça é bem esguia;
E o corpo de *"varapau"*.

Angerona Angelica (A. B. C. — Bahia)

74

Da casa de Dr. Armando *"Prado"*.—1—7—3—4—9
E' *favor* me dizer, a Bella está?—7—3—9—6
— Bella? Pois não, está aqui *ao lado*—7—4—5—6
— Allô... Como vae Bella? — Ah! é a Lalá?

Vou bem, e você? — Bem... — E o *namorado?*—8—5—3—9
— Está bom tambem, e o seu? — Tambem está...
— Sabe que dia é hoje? — Hoje é sabbado... —
Quer fazer o triangulo e tomar chá? —

— Quero *"sim"*... mas, meu auto está quebrado!—7—1—1—2—6—8—9
— Não faz mal, tem o meu, eu vou guiando,
O meu "chauffeur" foi hontem despachado!—

— *Mas*... vamos sós, não é? — Vamos. O Amado—2—6—5
Nos espera no Alhambra com o Orlando... —
— Que bom!... — Adeus... — Adeus, está *combinado*.

Therezinha (S. Paulo)

PITORESCO — 75

PRAZOS

Terminarão: a 7, 12, 18, 20, 22 e 27 do mez proximo, e a 1 de Setembro seguinte.

O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima: o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim aos do Paraná e Espirito Santo; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto, aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parahyba até o Piauhy e bem assim aos de Matto Grosso; o sexto, aos dos restantes Estados, o setimo aos de Portugal, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

As justificações relativas aos pontos recusados e toda outra reclamação referen-

se ao presente numero deverão vir dentro da metade dos respectivos prazos.

TAÇA "MARIA — FLÔR"

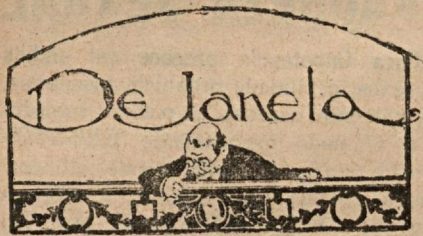
3.ª Serie

Pouco mais de um mez resta para terminar o prazo que marcámos para o recebimeto dos trabalhos destinados á 3ª serie da *Taça Maria — Flôr*, pois, depois de 31 de Agosto proximo nenhum mais acceitaremos para esse fim.

As regras serão as mesmas que já vigoraram na 1ª e 2ª series, respeitadas as alterações feitas nesta ultima e accréscidas do que sahiu publicado sob os titulos *Attenção!...* e *Nota a conservar*, nos *O Malho*s de 7 e 21 de Junho findo.

Comquanto o que estabeleceu essa ultima *Nota a conservar*, não seja uma cousa taxativa na *Taça Maria — Flôr*, todavia preferiremos os trabalhos que fôrem construidos segundo o que elle dispõe.

Aos recebimentos anteriores temos que accrescentar ainda o dos 2 trabalhos de Paracelso e o dos 6 de Arthano.

TAÇA "MARIA — FLÔR"

Santos, 25-6-930.

Illustre chefe Marechal.
Saudações.

Confirmando minhas linhas de hontem, espero com esta terminar a "lenga-lenga" com o *Chantecler*, de quem recebi:

Bahia, 30-3-930

Lyra phansophica.
Passados mais alguns dias de dobadoira,
Meu prezado e distincto amigo Riminot,
Com lista inda incompleta e com a cabeça em oira,
Para cumprimental-o e servil-o aqui estou.
Quero que me renove, ao *Paracelso* egregio,
A serena expressão de uma estima sincera,
E lhe faça vêr que, pezar do sortilegio,
ACROCERAUNIA é bem formidavel "chiméra"!
Ao *Seneca* você me transmitta um recado,
Com votos de ventura intermina, eternal,
E é de referencia a seu ponto blindado,
Que *DO BEM AO MAL VAE UM QUARTO DE REAL!*
Se o *Dapera* estiver nessa heroica cidade,
Aos guerreiros de Œdipo a verdadeira Troya,
Diga-lhe que p'ra nós foi viva a claridade
Desprendida da sua excelsa CLARABOIA!
E, para que, por fim, o Bloco poderoso
Pela A. B. C. fraterna a mesma estima nutra,
Aqui vae, sem mais al, de um "osso" pavoroso
A exacta solução: — E' o *PRESTEMO*, do *Ruhtra*.
LABAREDA confirmo ao grande enigmatista,
Ao grande *Riminot*, herõe de tal trabalho;
E, para completar esta comprida lista,
Tome já *SARAMAGO* e *MOSTARDA*, e mais *ALHO!*
Addendo.
Gente heroica, um punhado, aqui, de soluções:
— *PERTENCIDO* (*Dapera*), e (de *Ruhtra*) *MODORRA*;
CAUTERIZADO, (de *Zelira*), e (para a "zorra"
Fechar: *ABOBORA-COBERTA!* (arre, "bichões"!

* * *

Bahia, 6-4-930.

Amigo, se não lhe agrada
O "sara quem pena tem",
Ora viva! não tem nada!
CONSOLE-SE vae muito bem!

E, já que a mão stá na massa,
Diga ao *Visconde* prezado
Que aquelle "salto" (tem graça!)
E' um temivel *CADEADO!*

Communique ao *Paracelso*,
Que, sem canseiras nem bilis,
Apesar de ponto excelso,
Já morreu seu *AMARILIS!*

E você, alma serena,
Que não come mel co' areia,
Tambem não fugiu á pena,
Com seu bello *FATRONEA!*

Adeus, portanto; mas antes,
Faça ver, inda, ao *Visconde*,
E' ao *Dapera*, ambos brilhantes,
Que nós não "compramos bonde...

Do tal *SOMA* e do *TROCHADO*
Livres estamos, por fim...
Viva, pois, o Bloco amado!
Hurrah a Dapera e Adnim.

* * *

Bahia, 10-4-930

Riminot: vae aqui nova rajada...
E perdõe as massadas do collega!
Do *Paracelso* a *JULIANA* fada
Expirou numa porta de bodega...

E a sua *FIVELETA*, meu amigo,
Foi mesmo "canja", saborosa "sopa"...
Olhe, seriamente, que lhe digo:
Incinerei-a, num balão d'estopa!

A *INGLORIOSA* estupenda de *Zelira*
Tambem morreu, aos poucos, pé a pé...
E você diga ao *Seneca* que a lyra
Vou já quebrar, porque *VISTA FAZ FE'!*

Pilhéria sobre pilhéria
Desculpe tanta inópia;
Diga ao *Dapera* (ai que leria!)
Que é bôa *SOMA* a tal copia!

E ao *Visconde*, não se esqueça,
Transmitta, bem afobado,
Que foi um dia a cabeça
Do seu tremendo *TROCHADO!*

* * *

A tantas rimas não poderia deixar de responder, o que fiz em 27 de Abril, com a seguinte "novena" de quadras:

Chantecler. Teu *BADULAQUE*
"Morreu" no primeiro estouro;
Emquanto o duro *PELOURO*,
A' custa de muito ataque.

Não foi preciso galgar
O *CUME* de um monte bruno,
Para, em *ACELUM*, vistar
A *Dama Verde* e o *Neptuno*.

Ao collega, agradecido,
P'ra responder, eis-me tonto...
Diz o *Dapera* — tal ponto
Nunca lhe ter "pertencido";

E o *Visconde*, sorridente:
— Qual "déa", qual "cadeado"!
Erraste o pulo, collega,
Desta vez, foste logrado!

Continuando...

Mas, do numero seguinte,
Bem certinho, tudo veio...
Chantecler, achaste o meio
De, co' *ARADA* dar no vinte.

Roxane, em *MANTICA* ha pinga?
Datrinde, és *ATIBIADO?*
Digam a *Alvasil* "malvado"
Que a nós *ISSO NÃO FAZ MINGA*

Para terminar, por hoje.

Que *MODORRA*, *Chantecler!*
EM SEIAS (com c,) se achando
O *Marquez*, *GAZ* aspirando,
N. Zinho salval-o quer;

Diz, então, *Ave da Sorte*:
— Se elle, já, fosse *INXIRIDO*,
Talvez tivesse eu podido
Livral-o da crúa morte;

Datrinde, traga, aqui, já,
DE LUSOS mestres, mézinha;
Diz a *Dama*, mui tristinha:
— *COM O CRE'DO NA BOCCA* está!

Respondendo ás anteriores "xaropadas" *Chantecler* retrucou:

Riminot, aguenta duro,
Que a coisa está mesmo preta,
Muito embora, bem seguro,
Lá não morras de careta...

Accuso as letras amigas,
Que me enviaste, no oito;
P'ra que de mim mal não digas,
Vae aqui outro "biscoito"...

Diz ao *Lago* portentoso,
Que tão bôas contas orça,
Que, quando se "é teimoso"
Se *ENCOSTA* mesmo *COM FORÇA!*

E, agora, escuta um reparo:
Não sei que seja "enleia"...
Toma tento, amigo caro,
Do *Marechal* olha a peia!

"Tetragramma" não confére!
Nem o tal "russo" tambem...
De bugalho alho differe,
Meu *Riminot*... Olha bem!

E até breve... Mil abraços,
Partidos d'alma, que é um fóco
E que estreitem mais os laços
Entre os bahianos e o Bloco!

Continuando, respondi:

Chantecler, confirmando os meus versos sem arte,
Accuso em meu poder os teus sonoros versos,
Que os "fidalgos" em dôr deixaram tão immersos,
Qual *PATULCIO* a dizer: — "Meu bem, quizera amar-te..."
O QUE nos contristou, (permitta-me que frise)
Não foi pontos em vão, — nonada a que não ligo, —
Mas, saber que a *Roxane* e o nosso nobre amigo
Luctam p'ra da A. B. C. esconjurar a crise...
E, por motivo tal, deixo de, nesta lista,
Da *Ave da Sorte* dar da planta o nome achado,
Embora para nós não seja uma conquista...
Crendo que, com meu gesto, amigo, não te offendas,
Peço dar, pelo *Néo*, á *Nazilia*, um recado:
— Que vale um boi *P' r A* quem tem sete ou... *DEZ* fazendas?
Voltou, então, á carga, *Chantecler*, cada vez mais inspirado:
Riminot. Mui convicto estou do que me diz,
E outra coisa, por certo, eu jamais esperára...
Lá se foi Badulaque e Pelouro, ou arára,
Ao que confessa, aliás, sinto-me bem feliz!
Confére o Acelum, e tambem a Mantica;
Confére, por igual, o gostoso Atibiado;
Tudo "Isso não faz minga", amigo, e claro fica
O soberbo valor do Bloco mui prezado!
O "emseias" certo está, e "com o crédo na bocca";
Onde, você, porém, não vae bem, na carrada,
E' no "cume", batuta, onde a coisa pipóca,
Bem como na curiosa e interessante "arada".
Qual "arada", *Julião*, nem meia ou terça "arada"!
O sentido complete (olé!)do meu trabalho...
Afim do Bloco ver, cohorte illuminada,
Totalista surgir, na apuração d'*O Malho*.
"Inxirido", tambem, affirma *Ave da Sorte*,
Nunca lhe ter passado, acaso pela mente.
Faça força, portanto, oh *Riminot* mui forte
E acabe vencedor, no fim brilhantemente!

* * *

Repare que o "pertencido"
Serve bem para o Dapera,
Corra ao candido, mui lido,
E, para tal ponto "féra",
Directo, lá está mettido
O bichinho remettido!

Quanto ao tremendo "cadeado",
Não sei que sorte teremos...
"Entre uma deusa e tres demos"
DE'A, Julião, mui prezado...
A' "medida que o Sá vemos
Entrar nesse labyrintho"...
Não póde ser senão *CADO*,
Que é medida, e eu bem o sinto...
Entrar e fazer entrar
Se equivalem, Riminot,
E se a coisa assim pegar,
Com a palma penso que estou,
Porque o trio dos taes demos
Foi a penninha, a abanar,
Que, só para atrapalhar,
Lá nos versinhos entrou...

Emfim, nosso commandante,
Que é valente Marechal,
Com argucia penetrante,
Que nem vacillar sequer,

A razão toda, brilhante
Dará a quem a tiver!

E venham de lá os ossos
Fidalgo amigo e campeão!
Cá estamos, creados vossos,
Seus e do Bloco, que é irmão!

Mas, a questão de pontos errados continuou, cada qual defendendo a sua opinião.

Assim, resolvo ficar, hoje, por aqui, promettendo para amanhã o final — que é o mais interessante — se o *Marechal* consentir.

Do amigo e admirador
Julião Riminot.

CORRESPONDENCIA

Enviaram trabalhos para o "Caçadoras Brasileiras" as seguintes senhoras: Angerona Angelica (1), Clara Déa (1), M. Lia (6).

Ave da Sorte (Bahia), *Aventureira* (idem), *Pedro K.*, (Bom Jesus de Itabapoana), *Spartaco* (Belém, Pará). — As listas do n. 1442 vieram sem a citação do diccionario ao lado de cada solução. E' necessario que cumpram o dispositivo regulamentar a esse respeito.

Anjoro (S. João d'El-Rey — *Bisilva* (Victoria), *Dyla.* — Além da lista do n. 1442 não vir com a declaração do diccionario ao lado de cada solução, não trouxe tambem o total decifrado.

Oswaldinho (S. Paulo). — Todas devem trazer a citação do diccionario, porque o confrade nem sempre póde saber qual é a do autor.

Barão da Taboa Lascada (Barra do Pirahy). — Póde, Sim; mas tem de ser declarado do alto destas columnas. Uma segunda ficha já com a alteração, seria bem melhor. Collaremos, então, aqui o retrato que já possuimos.

Pan (S. Luiz, Maranhão). — Recebemos os trabalhos para os torneios communs.

Arthano (S. Paulo). — Faremos o que pediu. Lembramos, porém, ao bom amigo que os que tem, successivamente, por conceito *"servir"*, *"abalo"* e *"cousa lisa"* são fundados em palavras extranhas á lingua e não assignaladas, em titulos principaes, nos diccionarios propriamente linguisticos, dos adoptados na 1ª e 2ª series; que o *"decifre"* e o *"receberá"* irão, com uma alteração nossa; e que o *"acção"*, o *"fala muito"* e o *"grande volume"*, deixam muito a desejar quanto á perfeição e clareza das respectivas urdiduras com a aggravante de combinações abstractas, e um delles, o ultimo, tem ainda na segunda quadra uma irregularidade, isto é, tece, a principio, com syllabas e, para justificar a ultima combinação, passa para letras, sem declaração alguma prealavel. O *"trabalho"* e o pitoresco estão bons.

ERRATA

Do n. 1452

Decifrações do n. 1441: — 220 — é — Roidar —. 1º *Torneio de* 1630 — *Resultado final:* Neo-Mudd (49 a 64); depois de — todas tambem do citado Bloco — (11ª linha) leia-se: 196 cada; — Barão de Dameraies (31 a 35), Calpetus (36 a 40), Conde Guy de Jarnac (41 a 45) — é o que deve existir antes de Erre-Céos, (na mesma linha). *Novissima*, de Dama Verde: — ser bom — não deve ser gryphado. *Charada* de Therezinha: — co' o — e não — com — para — e não — pra — o que se vê nos 11º e 12ª versos. *Dita*: — Té — e não — Fé — (4º verso). *Logogrypho* 48, de Angerona Angelica: troque-se por — 6 — o algarismo — 5 — do quarto verso. *De Janela*: é — versejada — e não vercejada —, Taça Floral — e não — Taça Flora —, Santista — e não santissima — tetra — e não — letra — o que está publicado, em linhas 9 (no trecho acima e á esquerda do pitoresco 50), em versos 1, 3, e 52, da pagina seguinte, columna terceira; deve haver — (assig.) — no fim do primeiro soneto e do *Addendo*, antes dos pseudonymos

Julião Riminot e Chantecler, (1ª columna dessa ultima pagina). *Correspondencia*: onde está — Etienne Pan, leia-se: — Tieno, Pan — *Dita*, a M. Lia: — te-lo-emos — e não — teremol-o — (penultima palavra). Os outros são faceis do leitor corrigir.

Marechal

A VIDA E AS OPINIÕES DO DR. JACARANDÁ

(F I M)

vel monoculo, escondeu o ante-braço esquerdo nas costas, tomou "pose" e começou a falar. E, em que pese ao meu amigo Motta Lima, suas primeiras palavras foram estas:

— Sou alagoano! Nasci em Palmeira dos Indios, no dia 25 de Abril de 1869.

O Dr. Jacarandá falou longamente na sua mocidade, até os 22 annos, periodo em que se especialisou, nas casas de pasto, a cantar o "menu" aos freguezes.

— Foi, então — disse elle, com ar austero — que se manifestaram em mim os primeiros pendores para a tribuna.

— Depois — continuou — satisfazendo o desejo de atravessar o Atlantico, embarquei em um navio do Lloyd, como moço de bordo e fui até Manáos. Dahi voltei a Pernambuco, de onde resolvi conhecer o Rio de Janeiro. Tinha p esentimento de que meu futuro estava na capital da Republica. Aqui trabalhei como quitandeiro, peixeiro, apanhador de papeis velhos, estivador, fui criado de uma porção de gente, vivi ignorado até ha pouco tempo, quando, então, os cariocas descobriram o meu talento e começaram a me chamar doutor.

— Mas o senhor estudou em alguma escola superior? — perguntei-lhe.

— Uê!... Então para ser doutor é preciso estudar alguma cousa?

* * *

O crioulo estava doido para falar sobre politica. E' o seu fraco. Mas eu queria sua opinião sobre assumptos mais sérios. Outros pormenores da sua vida elle não m'os quiz dar, porque disse que pretende escrever e publicar um livro a tal respeito...

— Que pensa o senhor sobre o amor?

— Amor... amor... homem, amor, na minha opinião, é o superlativo natural da natureza!

— O senhor já amou alguma vez?

— Os grandes homens não amam. Além disto, eu considero o amor um assumpto natural. E para o publico só posso falar sobre assumptos artificiaes.

— E sobre litteratura, sobre historia...

— Ah, sim, literatura gosto muito. Quanto ás historias, tambem gosto, desde que não sejam muito picantes.

— Quaes os escriptores de sua preferencia?

— Eu divido os escriptores em duas categorias: os que já li e os que tenho vontade de ler. Dos primeiros nada posso dizer porque não me lembro; quanto aos outros não sei.

Comprehendendo o seu indisfarçavel desejo de falar sobre os acontecimentos politicos, dei a palavra ao Dr. Jacarandá para que elle entrasse no assumpto de sua preferencia. O meu entrevistado disse uma porção de cousas sobre os factos mais importantes do actual momento politico, cousas essas que eu deixo de reproduzir para não abusar do espaço de que disponho nesta revista e, mais ainda, por não me agradarem, absolutamente, assumptos de tal natureza. Não posso, porém, privar os meus leitores do pratinho gostoso que se segue. E' a reproducção fiel da definição que o pernostico negro fez sobre politica. Tive o cuidado de registrar todas as suas palavras e agora o leitor que comprehenda, se puder, o pensamento do Dr. Jacarandá. Eu, confesso, não comprehendi. Disseme elle:

"Politica é uma questão ethica, quando os principios da parte dos contemporaneos passados procuravam fazer solidar o regimen da religião catholica romana, procuravam matar, expulsar os mais antigos, para os mais novos que viessem nascendo e já acreditando na religião catholica."

* * *

Manoel Vicente Alves Jacarandá, que na sacada do "seu escriptorio" ostenta uma placa de advogado, vive miseravelmente, dormindo sobre as cadeiras do Centro Alagoano. Está ali por especial favor do coronel Amilcar, que se apiedou de sua sorte quando elle foi despejado do quarto em que residia, no predio em frente, commodo esse que o pobre Jacarandá pagava fazendo a limpeza diaria da casa. Comtudo, consegue fazer uns "biscates" para varios advogados, e assim vae elle levando a vida, sem abandonar o seu eterno ar de superioridade.

CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..."

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul — O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A litteratura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas, todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, erguieriamos uma verdadeira torre de Babel de boa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencantal-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quér sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessoa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES comprehendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	CONTOS HUMORISTICOS comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamem, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

O Sr Antonio Carlos anda mesmo sem sorte. Por cima dos seus successivos desastres, veiu-lhe o insuccesso do emprestimo tentado... Nem um nickel! Tudo no tragico final do seu governo elle poderia supportar, menos este golpe que vem destruir as suas ultimas resistencias. Como se consolar á vista delle, o homem que só dessa esperança vivia ultimamente? Era o seu sonho dourado a libra do inglez...

Noite e dia os seus olhos cubiçosos não se libertavam do dominio fatal da loira esterlina que ora lhe foge no momento justo em que julgou botar-lhe a mão! Que ingrata! Elle, a namoral-a com tão constante ternura, através das distancias e ella, matreira, a lhe fazer negaças para, afinal, fugir-lhe aos carinhos, sem a menor attenção pelo tempo e a tinta que lhe fez gastar para conquistal-a...

Querem uns que a desventura do presidente de Minas teve como causa o desaso do intermediario que advogava a sua pretenção. Entendem outros, entretanto, que o motivo foi apenas o receio da pequena em se confiar a um homem que só pensava nella em funcção de seus instinctos revolucionarios... Ora, "Miss Esterlina" sempre foi conservadora! Depois, não é nada agradavel um consorcio assim, já na previsão da viuvez...

NA PENUMBRA DA VIDA

(Por *L. S. Marinho*)

portas se abriram para o lado de dentro, dando passagem á procissão da morte.

Ali vinha o homem "morto", andando entre dois guardas robustos e cheios de vida. Reiley trazia estampada no semblante uma energia attribulada e doentia. Comtudo, tinha nervos e musculos para obedecer os movimentos de sua alma, elle que era conduzido pela cabeça que iria ficar separada do corpo — quasi cortada... Era uma creatura joven, e que ainda podia viver e lutar. SER alguma cousa de utilidade a essa mesma sociedade que em seu proveito iria eliminal-o.

Mas, como seria de prever por força de circumstancias, no pensamento dos presentes elle já era um homem morto. Matára, não podia ficar entre os vivos, nem mesmo entre quatro paredes de uma cella escura. Elle que tentára roubar, iria ser roubado á vida, no principio da vida, por um despotismo herdado de éras medievaes, do tempo em que a civilização era o braço armado de cada cidadão austero e arbitrario. Hoje, quando esta civilização está burilada, quasi em seu ultimo limite, corta-se o fio de uma existencia em tributo a outra existencia que passou, como um punhado de areia que se atira ao ar e o vento leva e dispersa...

Era um menino! Como em nome da civilização, a humanidade é perversa!...

A' proporção que subia os treze degrãos fataes, era para elle, o momento mais amargo de sua vida — a resignação em fazer o sorriso promettido á irmã que estava longe, muito longe delle...

E, subindo para o patibulo, olhava o estreito rectangulo cujo fim, seria seu fim tambem... No cimo daquella alta, estreita e mal comparada janella, um pouco para um dos lados, aquelle joven nascido num domingo de Paschoa, podia ver um pedaço de corda...

Estava ali como se fôra um pedaço partido; parecendo ter sido deixado pendente ao acaso, pelo trabalhador descuidado e que ainda não tinha terminado sua obra. Acabava de fazer a janella de que o condemnado olharia para a eternidade.

Em baixo, no grande pateo da morte, estavam agrupados os convidados do governo, afim de testemunharem que tudo estava sendo feito de accordo com a lei, com gravidade e decôro neste rito mortuario. O chão ainda estava humido. Dava a impressão daquelles antigos açougues. Na vespera fizeram uma cuidadosa esfregação; um dos preparativos para esse acto "solemne".

Através das raras janellas daquelle pateo sombrio escoavam-se pallidos raios de sol, que melhor claream o "outro" mundo dos libertos. Por sobre nossas cabeças, testemunhas silenciosas e graves, estendia-se o céo infinito, todo azulado, mas no patibulo, aquella estructura quadrada e chata, as paredes tinham a pintura cinzenta e tambem um azul desmaiado — uma sombra de ironia para aquelles que passavam e paravam... para sempre.

* * *

QUANDO presenciei esta scena, creio que por vezes passei a mão pelo meu pescoço... Aquella corda pendente, devia fazer os demais sentirem sensações estranhas, como eu estava sentindo...

E ali, estarrecido, não me passou pela mente a idéa de que Alphonse não mantivesse aquella energia morbida, até o fim do acto. Demais, não havia conveniencia em fracassar; o nó apertar-lhe-ia a garganta pela mesma fórma...

Ainda não pude comprehender, como as pessoas presentes, desnaturadas apparentemente, como eu fôra uma dellas, em assistir a esta execução, não sentissem receio de desmaiar, vendo um rapaz caminhar para a eternidade, sem que cousa alguma obstasse sua jornada, nem mesmo, considerando a circumstancia de que sua familia fosse composta de desequilibrados, composta de loucos. Sua mãe e seu irmão estão hospedados em asylos de alienados. Enjaulados como féras. Sua irmã, até hoje ainda é considerada perfeita, mas Reiley, não obstante o exame pathologico durante o julgamento, tinha todos os caracteristicos de um delinquente mental.

Esta foi uma razão plausivel para seu exterminio, mesmo que o exame não provasse favoravel.

Entretanto, sob todos os aspectos de sua vida, em sua manhã funebre, elle não desanimou um segundo, e olhava as testemunhas, o pessoal de mentalidade sadia, os bons cidadãos, os respeitadores e cumpridores da lei e do direito, sem fazer um gesto, nem de ironia, nem de desprezo, nem de tristeza. Ao enfrentar o fatal apparelho que o esperava, não gritou, não desmaiou, não fez movimento algum que demonstrasse fraqueza. E, como homem, caminhou em sua direcção. Para a armadilha que, silenciosa, o aguardava pacientemente para o epilogo de sua vida. Para estrangulal-o com seu unico tentaculo — a corda.

A corda! Agora ella já tinha outra apparencia. Dava idéa de cabos que seguram os vapores, quando atracados ao cáes.

A corda! Esta serpente poderosa, posta em seu pescoço por um guarda innocente, por cima de sua cabeça de joven... O nó foi apertado como se aquelle pescoço branco fôra já sem vida... um trapo de massa humana ..

Um outro guarda cobriu-lhe o rosto com um panno preto, para esconder suas contorsões de dôr, sua luta com a morte.

Como estava, ainda era um ente com vida... Seu coração palpitava ainda, mesmo que seu rosto já estivesse em meia escuridão, coberto com a mascara, fantasiado para a dansa da morte, no baile de mascara da justiça. Depois, ao seu corpo ataram seus braços; seus pés tambem foram atados, talvez receiosos de que elles pudessem correr para a vida, quasi na extremidade...

Assim elle permaneceu um momento fugaz. Era um átomo á beira do abysmo. Era um dos grãos de um punhado de areia disperso pelo vento, e então... A mão do guarda parou no ar — era o signal. E, em seguida, um ruido surdo com a abertura do alçapão.... como se estivessem arrastando as correntes da porta do inferno... Era o primeiro "passo" que elle dava, sahindo da luz do dia, para a treva de onde jámais voltaria — não como Alphonse Reiley...

Agora era algo sem vida, que baloiça pela tortura, na outra extremidade da corda. Um guarda subiu ao patibulo e fez parar aquella dansa tetrica. Tres medicos subiram depois; um delles adeantou-se por uma pequena escada e auscultou aquella vida que fugia, corrida pelo direito e pela lei.

Por dezeseis minutos reinou naquelle ambiente o mais terrificante dos silencios — um silencio de morte, quebrado por vezes, pelo piar sonoro de passaros, ignorantes do que se passava ali dentro...

Entre os presentes não se ouvia um respirar... Dezeseis minutos de suprema emoção, durante os quaes todos olhavam apalermados, aquelle corpo pendido, retorcido, embora amarrado.

Um dos guardas teve que segurar o corpo quente-frio, para evitar o movimento. Os doutores ali presentes, representando a austeridade da sciencia, faziam o mesmo que os guardas, que representavam a austeridade da lei.

Contemplando com pavor as contorsões inacreditaveis e indescriptiveis, imaginaremos o fim de uma jornada, a curta jornada deste joven nascido num domingo de Paschoa, ha vinte e dois annos passados, chamado Bunny, rodeado de carinhos e mimos, prodigalizados por sua mãe, uma mãe amante e solicita, hoje alienada, alheia ao soffrimento do filho, pela força immutavel das cousas que regem os destinos dos vivos, desde o ventre até á sepultura. E tambem do irmão, sangue do mesmo sangue, fugido de uma prisão perpetua para outra — uma casa de loucos.

A retirada silenciosa e grave dos doutores, era o pronunciamento final do espectaculo gratis. Estava morto e resgatada sua divida para com a sociedade.

— F I M —

Imaginemos ainda, que aquella "cousa" ali pendurada pela corda inconsciente, e que e ha pouco era um sêr humano e que respirava e aspirava, uma vez fugira de sua casa para alistar-se na marinha, na espectativa de encontrar paz para seu cerebro e alimento para sua alma.

Mas, a hereditariedade cerebral é um factor poderoso na vida de um ente. Tempos depois elle desertava da marinha e foi então que em Los Angeles, teve a repentina resolução de voltar para casa. Sentia saudade e queria ver mais uma vez, sua mãe infeliz.

Foi assim que lhe nasceu no espirito o instincto de féra,aguçado pela falta de meios para a realização de sua ambição de filho. Dahi o desejo louco de roubar o dinheiro que havia de dar-lhe a satisfação, levando-o para junto della.

E, para conseguil-o, foi impellido a commetter outro crime — matar.

Ha sensações que não se descrevem.

Chromo

Vamos todos a cantar
Nesta noite de São João!
Não convém nos espantar
Com bombinha e foguetão.

Atirem rojões ao ar
E, deitem fogo ao balão.
O povo põe-se a gritar,
Viva a noite de São João.

Jecas volteiam cantando
Em torno das labaredas.
Môchos piam nas veredas

Numa algazarra medonha.
Pernas finas de cegonha
Fecham a noite bulando.

S. Paulo

MUSA

Chromo

Na minha casa da roça
Tenho um cão, que é um primô.
Tambem tenho, linda moça
Que vae sê... meu grande amô!

Na minha casa da roça
Tenho uma gaiola dourada...
E, dentro della, um sabiá.
Quando nasce a madrugada
P'ra despertá minha moça...
Elle dispara a cantá...

A minha casa da roça
E' a mais rica do Paiz.
Casando com minha moça...
Quero sê muito feliz!...

MARTINS FILHO

Teixeira — Minas

TROVAS

A vida sem ter amor
E' como flôr arrancada,
Pela corrente levada
Cheia de magua e de dor.

Em cada verso que faço,
De ideia agitada ou calma,
De minha sensivel alma
Deponho um vivo pedaço.

Canta poeta! E' curta a vida
E amarga p'ra quem padece.
Vibra a lyra enternecida
E as maguas da vida esquece!

Araujo Sobrinho

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO

TRAVESSA DO OUVIDOR: 34

(ANTIGA SACHET)

Telephone 4-5325 — Rio de Janeiro

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

Introducçao á Sociologia Geral, obra premiada com o 1º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda (Dr.) (Broch.) .... 15$000
A mesma obra (Encadernada) .... 20$000
Tratado de Anatomia Pathologica, de Raul Leitão da Cunha (Dr.) Professor da cadeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Broch.) .... 35$000
A mesma obra (Encadernada) .... 40$000
Tratado de Ophthalmologia, volume 1º, tomo 1º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) .... Broch. 25$, enc. 30$000
Tratado de Ophthalmologia, vol. 1º., tomo 2º., pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) .... Broch. 25$, enc. .... 30$000
Tratado de Therapeutica Clinica, volume 1º por Vieira Romeiro (Dr.) .... Broch. 20$000, enc. 35$000
Tratado de Therapeutica Clinica. Por Vieira Romeiro (Dr.) 2º Vol. Broch. 25$000, enc. .... 30$000
Siderurgia. F. Labouriau (Dr.) Broch. 20$, enc. .... 25$000
Fontes e Evoluções do Direito Civil Brasileiro. P. de Miranda (Dr.) Broch. 25$, enc. .... 30$000
Amoroso Costa — *Idéas Fundamentaes da Mathematica*, Broch. 16$000 enc. .... 20$000
Otto, Rothe — *Chimica Organica* — 1º Vol. tomo 1º 20$000 enc. .... 25$000
F. Moura Campos — *Manual Pratico de Physiologia* Broch. 20$000 enc. .... 25$000
P. Miranda — *Tratado dos Testamentos*, 1º Vol. Broch. 25$000 enc. 30$000 2º Vol. Broch. 25$000 enc. .... 30$000
C. Pinto — *Parasitologia*, 1º Vol. Broch. 30$000 enc. 35$000 2º Vol. Broch. 30$000 enc. .... 35$000

EDIÇÕES A' VENDA

Cruzada Sanitaria, discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) (Broch.) .... 5$000
Annel das Maravilhas, contos para creanças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira) (Broch.) .... 2$000
Cocaina, novella de Alvaro Moreyra (Broch.) .... 4$000
Perfume, versos de Onestaldo de Pennafort (Broch.) 5$000
Botões Dourados, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva (Broch.) .... 5$000
Leviana, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro (Broch.) .... 6$000
Alma Barbara, contos gaúchos de Alcides Maya (Broch.) 5$000
Problemas de Geometria, de Ferreira de Abreu (Broch.) 3$000
Caderno de Construcções Geometricas, de Maria Lyra da Silva (Broch.) .... 2$500
Chimica Geral, Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J. 3ª edição (Cart.) .... 6$000
Um anno de cirurgia no sertão, de Roberto Freire (Dr.) (Broch.) .... 15$000
Promptuario do imposto de consumo em 1925, de Vicente Piragibe (Broch.) .... 6$000
Lições Civicas, de Heitor Pereira, 2ª edição (Cart.) .... 5$000
Como escolher uma bôa esposa, de Renato Kehl (Dr.) (Broch.) .... 4$000
Humorismos innocentes, de Areimor (Broch.) .... 5$000
Toda a America, versos de Ronald de Carvalho (Broch.) 8$000
Indice dos Impostos para 1926, de Vicente Piragibe (Broch.) .... 10$000
Questões praticas de Arithmetica, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré (Broch.) .... 10$000
Formulario de Therapeutica Infantil, por A. Santos Moreira (Dr.) 4ª edição augmentada (Enc.) .... 20$000
Chorographia do Brasil para o curso primario, pelo Porf. Clodomiro Vasconcellos (Dr.) (Cart.) .... 10$000
Theatro do Tico-Tico — cançonetas, farças, monologos, duettos, etc., para creanças, por Eustorgio Wanderley 6$000
O orçamento — por Agenor de Roure (Broch.) .... 15$000
Os Feriados Brasileiros, de Reis Carvalho (Broch.) .... 15$000
Deslumbramento — Chronicas de Maria Eugenia Celso (Broch.) .... 5$000
Circo, de Alvaro Moreyra (Broch.) .... 6$000
Canto da Minha Terra. 2ª Edição. O. Marianno .... 10$000
Almas que soffrem. E. Bastos. (Broch.) .... 6$000
A Boneca vestida de arlequim. A. Moreyra. (Broch.) 6$000
Cartilha. Prof. Clodomiro Vasconcellos .... 1$500
Problemas de Direito Penal. Evaristo de Moraes, (Broch.) 16$. enc. .... 20$000
Problemas e Formulario de Geometria. Prof. Cecil Thiré & Mello e Souza .... 6$000
Grammatica latina. de Padre Augusto Magne S. J. 2ª edição (Broch.) 16$ enc. .... 20$000
Primeiras noções de latim, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) no prélo ....
Historia da Philosophia, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição (Enc.) .... 12$000
Curso de lingua grega, Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) .... 10$000
Grammatica da lingua hespanhola, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição (Broch.) .... 7$000
Candido Borges Castello Branco (Cel.), *Vocabulario Militar* (Cart.) .... 2$000
Chimica elementar, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, Vol. 1º (Cart) .... 4$000
Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 2º (Broch.) .... 2$500
Problemas praticos de physica elementar, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 3º (Broch.) .... 3$500
Primeiros passos na Algebra, pelo Professor Othelo de Souza Reis (Cart.) .... 3$000
Geometria, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heitor Lyra da Silva (Cart.) .... 6$000
Accidentes no trabalho, pelo Dr. Andrade Bezerra (Brochura) .... 1$500
Esperança — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo prof. Lindolpho Xavier (Dr.) (Broch.) .... 5$000
Propedeutica obstetrica, por Arnaldo de Moraes (Dr.) 3ª edição .... Broch. 25$, enc. 30$000
Exercicios de Algebra, pelo Prof. Cecil Thiré (Broch.) .. 6$000
Miranda Valverde — *Evoluções da Escripta Mercantil* .. 15$000
Moraes — *Sã Maternidade* .... 10$000
Celso Vieira — *Anchieta* .... 16$000
Wanderley — *Album Infantil* .... 6$000
Anesi — *Physiologia Cellular* .... 8$000
Alvaro Moreyra — *Adão e Eva* .... 8$000
A. Magne — *Selecta Latina* Broch. 12$000, enc. .... 15$000
Renato Kehl — *Livro do chefe de Familia* — enc. .... 25$000
Heitor Pereira — *Anthologia de Autores Brasileiros* .... 10$000
Problemas praticos de Physica elementar, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 1º (Broch.) .... 3$000

FERRO DO Dr GIRARD

8, Rue Vivienne, 8
PARIS

Em todas as Pharmacias.

O FERRO GIRARD cura as cores pallidas as caimbras do estomago, a pobreza do sangue, fortifica os temperamentos fracos, excita o appetite, regularisa a menstruação e combate a esterilidade.

O que distingue sobretudo este novo sal de ferro, é que não só, não produz prisão de ventre, como a combate efficazmente. (*Relação do Professor Herard á Academia de Medicina de Paris*).

As Capsulas de Quinina Pelletier são soberanas contra as *febres, Emxaquecas, Neoralgias, Influenza, Constipações e Grippe.*

EXIGIR O NOME.

Todas as Pharmacias

Inoffensivo, de absoluta pureza, cura dentro de **48 HORAS** corrimentos que exigiam outr'ora semanas de tratamento com copahiba, cubebes, opiatas e injecções.

Paris, 8, rua Vivienne, e em todas as Pharmacias

PURGANTE

REFRESCANTE — RELAXANTE

Remedio infallivel contra a prisão de ventre

A

FRUTA JULIEN

Recommenda-se igualmente contra as *DOENÇAS do ESTOMAGO, do FIGADO, a ICTERICIA, a BILIS, a PITUITA, os ENJÔOS e ARROTOS*

Paris, 8, rue Vivienne
em todas as pharmacias.

VEGETAL

Curso de Pedagogia Experimental

ESCOLA ACTIVA

RUA DA CARIOCA, 59
2º ANDAR — (ELEVADOR)

PARA TRATAR { 2.as, 4.as e 6.as, das 12 ás 15 horas. 3.as, 5.as e sabbados, das 15 ás 18 horas.

Preparo technico e intellectual das senhoras professoras, no verdadeiro exercicio do magisterio pela ESCOLA ACTIVA.

N. B. — Offerecemos a cada alumna do Curso, um exemplar do melhor livro que já se publicou sobre ESCOLA ACTIVA, em lingua Portugueza.

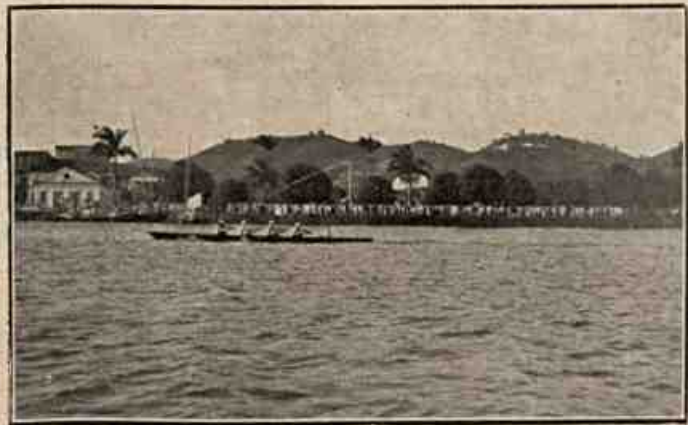
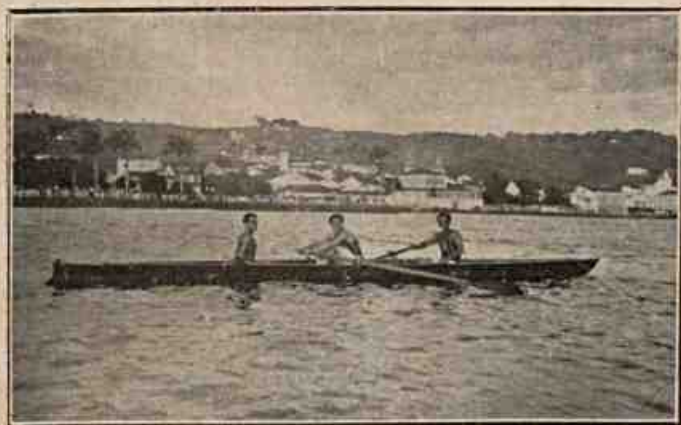
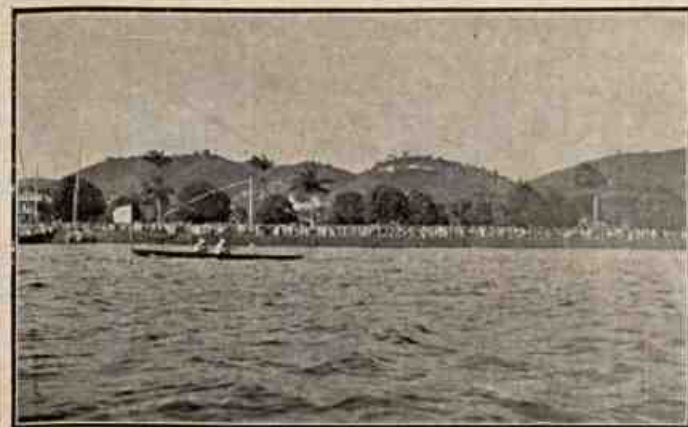
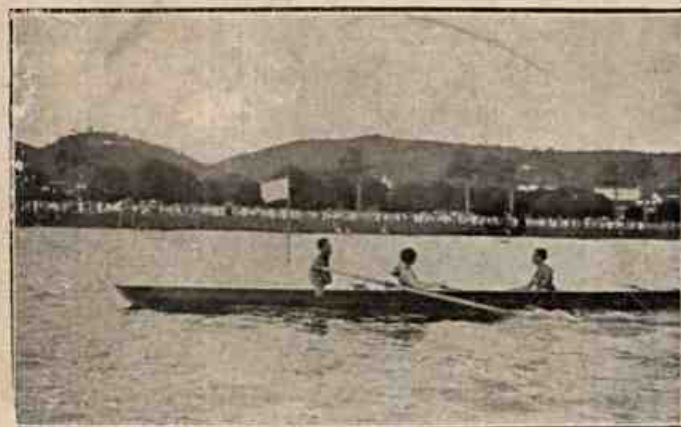
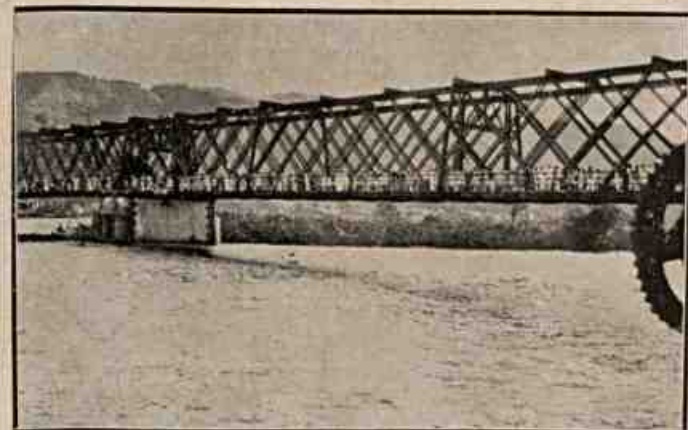
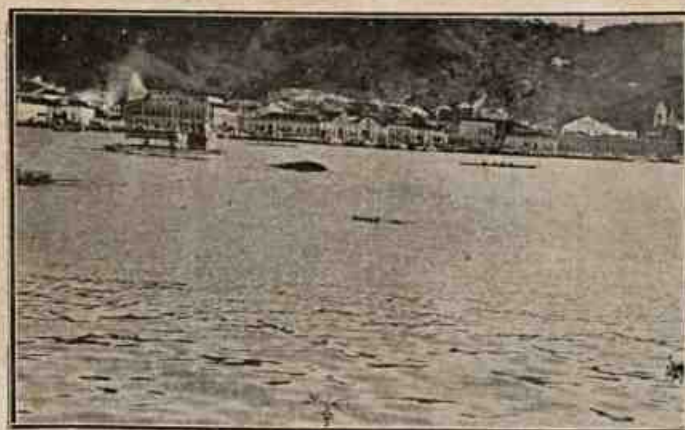
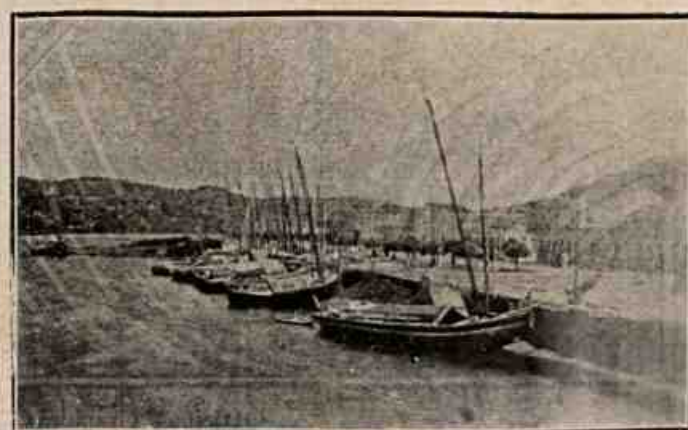
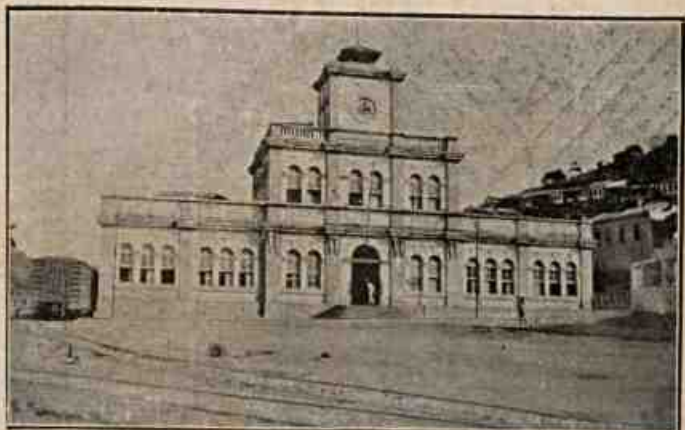
AGUA do REGIMEN dos ARTHRITICOS

Gottosos — Rheumaticos — Diabeticos

As refeições

VICHY CÉLESTINS

Elimina o ACIDO URICO

"O MALHO" EM S. FELIX, BAHIA

Guarnição vencedora do parco "Commercio" e o premio d e honra "Associação A. de S. Felix" — homenagem ás autoridades da cidade.

Um barco nas regatas e o "yole" Aymoré da A. A. S. Felix, vencedor do 3º parco dedicado á Imprensa

O rio Paraguassú no dia das regatas e a ponte D. Pedro II

A estação principal da E. de Ferro e o porto de S. Felix

Officinas Graphicas d'O MALHO